CRÔNICA DE UM DESPERTAR
Meu retorno ao Além

Abel Glaser
Pelo Espírito Afonso

Prefácio

A vida espiritual é a definitiva. Dela todos viemos e para ela tornaremos um dia quando, então, nada de material levaremos. Restará conosco exclusivamente aquilo que se encontra em nosso Espírito: a bagagem de nossa mente e o acervo do coração, ou seja, o que possuímos no aspecto intelecto-moral, nossa única propriedade efetiva. Tudo o mais nos é dado na trajetória material por empréstimo, do qual prestaremos contas um dia a Deus.

Nesta obra de Alvorada Nova, é-nos apresentado o despertar no além de Afonso, mostrando inicialmente os momentos de seu desencarne e depois a sua incredulidade em ter morrido materialmente, o sofrimento decorrente desse seu estado de espírito, o abalo das convicções que alimentou durante sua vida terrena, o seu processo de conscientização com respeito a estar vivendo a existência espiritual, a sua aproximação com reuniões mediúnicas e o seu encaminhamento a um dos Postos de Socorro da Cidade Espiritual. Em seguida, acompanhamos Afonso estagiando na própria Colônia.

Em tom ameno e coloquial, Afonso descreve os principais momentos por ele vivenciados desde o seu desencarne até o instante de partir para a sua nova reencarnação.

O leitor terá a oportunidade de constatar, no curso da leitura desta obra, várias posturas mantidas pelos principais personagens, ensejando-lhe reflexão sobre os bons ou maus sentimentos predominantes em cada um e as suas consequências. Enquanto Afonso, com suas atitudes egoístas, demonstrando ceticismo e presunção, perde-se no seu materialismo ao longo da jornada na Crosta, sem o menor cuidado de evitar erros graves como o adultério, a ambição desenfreada e a vaidade incontrolada, sua esposa Elvira é uma mulher dedicada ao lar e à família e jamais utiliza sua condição econômica privilegiada para a prática de algum mal. Os filhos Marco Aurélio e Pedro mantêm condutas praticamente antagônicas. O primogênito deixa-se levar pela obsessão, ante seu comportamento desregrado e contrário à moral, inserindo-se num mundo viciado e egoísta, tendo por

base os maus exemplos dados pelo próprio genitor. O oposto em caráter e retidão está em Pedro, um jovem idealista e bondoso, que cultiva hábitos simples e a honestidade como uma das metas maiores em sua jornada. Sua fé inabalável o conduz à senda cristã e permite que ajude seu pai, quando este está desencarnado e errante.

Diante de Válter, o gerente de vendas da empresa de Afonso, o leitor estará vislumbrando a figura do oportunista inescrupuloso, que se aproveita de um instante de fraqueza para conquistar a confiança de Elvira. Longe desse contexto nocivo estão os filhos de Marco Aurélio e Cíntia — esta última tão obsediada quanto o marido —, que têm a proteção de Mensageiros do Alto e a missão de encaminhar seus pais à moral cristã.

A narrativa é fruto das memórias de Afonso e contou, na sua elaboração, com a pessoal orientação de Cairbar Schutel.

Seres perfectíveis que somos, tendo por origem a animalidade mas por meta a angelitude, cada estágio no plano físico ou na esfera espiritual representa para cada um de nós preciosa oportunidade de desenvolvimento, cumprindo-nos bem que aproveitá-la pela condução positiva do nosso livre-arbítrio.

Vivendo ainda em um mundo de expiação e provas como a Terra, torna-se-nos imperioso fazer bom uso do ensejo que a reencarnação nos propicia. Por isso o empenho da Espiritualidade em nos proporcionar obras como esta, que ao mesmo tempo nos esclarecem e alertam sobre a continuidade da vida de cada pessoa e a necessidade do seu progresso na direção do Criador, com o apoio dos Emissários do Cristo.

Allan Kardec, com as obras da Codificação, abriu-nos as portas do mundo invisível. Espíritos trabalhadores, entre eles Cairbar Schutel, prosseguem a tarefa de nos oferecer páginas edificantes para relembrar e reforçar a importância que devemos ao processo de nossa reforma íntima com vistas e alcançarmos um estágio cada vez mais feliz em nossas vidas.

Da mesma forma que as obras anteriores de Alvorada Nova, a coleta mediúnica de dados deste livro esteve a cargo do Grupo de Estudos Cairbar Schutel, do qual sou coordenador.

São Paulo, 11 de maio de 1994.

Abel Glaser

Parte 1

Despertei naquela manhã como de hábito fazia e a primeira providência que adotei foi esfregar os olhos insistentemente para dissipar uma coceira que estava incomodando-me, além de espreguiçar longamente os meus braços para os lados, tomando o cuidado de não atingir minha querida Elvira. Findo esse costumeiro processo inicial de despertamento, coloquei as mãos atrás da cabeça e fiquei algum tempo observando o teto do meu quarto. Nada demais para ver. Era somente uma oportunidade para refletir sobre o meu dia, o que iria fazer e o que tinha deixado de cumprir em data anterior. Enfim, tratava-se de um balanço matinal a respeito de meus afazeres, mas também não deixava de ser, em algumas vezes, uma análise global sobre minha vida.

De súbito, senti um aperto muito forte no coração e uma fisgada no braço. Foi tão repentino que mal pude levantar-me da cama para dar conta do que acontecia comigo. A dor passou inesperadamente também. Estranho — pensei —, do mesmo modo que veio ela foi embora sem deixar vestígio.

Fiquei aliviado, mas sentia-me atordoado e meio esquisito. Essa sensação confusa que me tonteava as idéias tanto quanto fazia minha vista turvar preocupava-me. Olhei para os lados e constatei que meu quarto estava inalterado, com a minha roupa colocada sobre a poltrona, ao lado do criado-mudo, onde se encontravam meus óculos.

Era um dormitório amplo e caro, com pé-direito alto — uma exigência minha por ocasião da construção da casa —, que foi decorado com esmero por minha esposa utilizando toques românticos, harmônicos e elegantes. As paredes estavam caprichosamente revestidas por um tecido estampado floral de seda, expondo cores alegres mas suaves.

Todos os dias, quando despertava, apreciava fitar cada detalhe do meu recanto e naquela oportunidade não fora diferente.

As cortinas de seda na cor salmão, arrematadas por um bandô no mesmo tom, estavam fechadas e impecáveis. Senti uma náusea e parecia estar mais difícil respirar.

Não esperei mais e procurei levantar-me para buscar a ajuda de Elvira e dos meus filhos. Ergui-me da cama. Mal senti o chão. Pela primeira vez, o tapete ao lado de meu leito não me incomodou com seus felpudos pêlos. Meu coração parecia não bater. Que anormal! — outra vez pensei. Sentei-me na beirada da cama e inclinei o corpo para a esquerda, buscando encostar a cabeça no travesseiro por mais alguns minutos. Talvez eu precisasse aprender a levantar. Nada deveria ser feito abruptamente — concluí.

O quarto continuava muito escuro e percebi que lá fora chovia bastante, apesar de ser uma manhã comum de início de inverno, quando a precipitação atmosférica não deveria ser tão intensa. Foi o suficiente para impedir o surgimento do sol. Dias assim davam-me uma desagradável sensação de desconforto, um autêntico mau-humor. Fitei o despertador. Marcava dez horas. Perdi a noção do tempo — cheguei a

pensar — pois não sabia qual era o dia da semana. Resolvi pôr um fim àquele começo de suplício matinal e coloquei-me em pé outra vez. De novo, a sensação de tonteira e desconforto. A escuridão do aposento já estava tornando infeliz o meu despertar — arrematei. Dirigi a mão ao abajur e procurei o interruptor. Não consegui. Confuso, comecei a apalpar o móvel ao lado da cama tentando apanhar meus óculos. Nada, também!

Confesso que nenhum pensamento lógico acercou-me naquele instante. A mobília tinha que estar no mesmo lugar onde a deixara na noite passada, quando me deitei. Mas não achava o abajur, nem os meus óculos e, pior, nem mesmo o criado-mudo!

Um sentimento de desespero começou a invadir-me a tranquilidade. Concluí que chamar Elvira seria a medida mais racional naquele momento aflitivo e gritei o seu nome. Nenhuma resposta. Será que todos teriam saído sem me avisar? — perguntei-me. Talvez fosse Domingo e as crianças estivessem em algum passeio com a mãe! Ri-me sozinho, talvez histérico, pois insistia em chamar de *crianças* meus filhos praticamente adultos. A situação não era para riso! — corrigi-me. Pronto, outra vez, por dormir muito, fiquei para trás.

Já começara a imaginar o que iria acontecer com o meu almoço, provavelmente solitário e trabalhoso, impulsionando-me à cozinha para algum tipo de atividade. A empregada estava de folga, o que era, afinal, justo. Mas nunca gostara de auxiliar meus familiares em casa em absolutamente nada. Essa era a razão pela qual assustava-me a idéia de preparar o meu próprio desjejum ou até o almoço.

Olhei para o canto do quarto e ao ver ali, no mesmo lugar, a escrivaninha do Século XVIII que conseguira arrematar num leilão, terminei meu raciocínio alinhavando que alguns nascem para servir e outros — como eu — para serem servidos. Iria reclamar com a Elvira a respeito da folga da doméstica. Uma casa jamais poderia prescindir totalmente de serviçais. Eles eram pagos para, justamente, cuidar dos patrões nas horas mais inóspitas. Essa era a sua função, pois outra não poderia ser.

Lembrei-me que ela não devia encontrar-se em casa e percebi que estava por minha própria conta. Resolvi, então, abrir a janela do quarto e deixar a luz entrar, mesmo com chuva, pois o abajur parecia estar com a lâmpada queimada. Outra vez pensei na falta que a empregada fazia numa manhã de Domingo. Caminhei, sôfrego e cambaleante, até as cortinas que tentei abrir mas não consegui. Minha visão já estava acostumada com a escuridão do quarto e apesar disso eu não localizava nada à minha frente. Outra sensação de náusea abordou-me. Percebi que a cada contrariedade minha esse enjôo fazia-se presente. E aquela dor aguda que sentira há pouco? — pensei. Fiquei um pouco assustado, mas desprezei de pronto qualquer resultado mais grave. Sempre fui cético e auto-suficiente, o que significava ser arredio a qualquer pensamento fúnebre. Morte era coisa longínqua e normalmente para os velhos. Eu estava na flor da minha *juventude madura* ao atingir quarenta e seis anos plenos de sucesso e realizações. Meu pai tinha

vivido até os sessenta e nove e minha mãe ainda estava no auge do vigor. Ele faleceu porque abusou um pouco da sorte e aventurou-se pela vida sem cautela, contraindo uma pneumonia fatal. Avisara-o de que na sua idade não deveria ter praticado tantos exercícios sem acompanhamento médico. A sua resistência caiu e ele acabou enfermo. Mamãe era mais preparada e também o alertou. Ele foi teimoso, por isso morreu cedo.

Afastando essas idéias, procurei meus chinelos para poder sair do quarto. Achei-os num canto da cama, mas meus pés pareciam maiores que eles pois não os calçava de jeito nenhum. *Angustos chinelos*! — amaldiçoei tal como fizera o personagem principal de um romance que eu estava lendo.

Resolvi finalmente deitar-me outra vez, dormir mais um pouco até que pudesse acordar daquele pesadelo que estava vivendo. Sim, concluí feliz, era apenas um sonho estranho que vivia, exatamente do tipo que a gente gosta de contar em festas e reuniões familiares e nada mais que isso.

Da beirada da cama talhada em mogno e em estilo inglês, onde novamente me sentei, coloquei a mão no travesseiro para afofá-lo antes de deitar e nada encontrei. Insatisfeito e um pouco irritado fixei meus olhos na direção do leito e fitei-o detidamente por alguns minutos. A tênue luminosidade que emanava por debaixo da porta e pelas franjas da cortina haveriam de permitir-me ver o que se passava lá dentro.

Decidido a fazer um minucioso exame do aposento, ergui minha vista para o encosto da cama e fui descendo ponto a ponto o meu ângulo de visão até que percebi existir alguém deitado ali, inerte, frívolo e soturno. Assustei-me e bruscamente saltei da cama. Abaixei devagar, curvando o tronco até que meus olhos pudessem estar próximos da cama. Como em um sonho, ou um verdadeiro pesadelo, vi meu próprio corpo estendido sobre o leito, com as mãos atrás da nuca exatamente como eu estava quando senti aquela dor estranha.

Achei curiosa a visão e imaginei como eram interessantes os sonhos pelos quais podíamos passar. A ciência haveria de desvendá-los um dia por completo. Fascinante! — pensei. Eu estava tendo a sensação de ver-me ali mesmo, como se um espelho imenso estivesse colocado em meu quarto retratando-me.

Tranquilizado, fiquei alguns momentos meditando. Em verdade, estava dando tempo ao tempo para que houvesse o despertamento e o sonho terminasse de uma vez. Nada! Ninguém entrava no quarto, eu não conseguia dali sair e nenhum movimento novo acontecia.

Fechei e abri os olhos seguidamente até concluir que tinha domínio sobre mim mesmo. Entretanto, o corpo que havia fitado continuava no mesmo local e ainda inerte. Rezar não foi um pensamento que me ocorreu por dois simples motivos: eu nunca havia feito antes e não via motivo para isso. A oração, no meu entendimento, era um recurso dos mais humildes que necessitavam cultivar uma esperança na existência de um deus qualquer para suportar as misérias que viviam no dia-a-dia. Aliás, a prece seria usada por quem estivesse em desespero e

precisasse apelar ao sobrenatural para safar-se, o que não era o meu caso.

Não sei quanto tempo passei em pé, olhando o meu corpo deitado e acreditando estar sonhando. Foram horas — creio. Ali estava, na mesma posição, quando Elvira entrou no quarto. Não conseguiria narrar, por falta de lembrança, as idéias que tive ao longo do período em que fiquei estático ao lado da cama sem nenhuma manifestação. Alegrei-me contudo, porque ela seria a esperança de resolver o meu dilema. Fui ao seu encontro e abracei-a com fervor, entretanto, não sentiu a minha presença, passando reto por mim. É lógico — concluí —, se estava sonhando, Elvira fazia parte disso e não podia ver-me porque afinal eu estava deitado na cama. Ri-me dessa explicação tão óbvia.

O desespero somente começou a tomar conta de mim, de fato, quando minha esposa debruçou-se sobre a cama e deu um carinhoso beijo na face daquele que estava deitado em meu lugar. Sentindo a frieza do seu rosto ela atemorizou-se e acendeu a luz do abajur. Imediatamente pensei que o sonho poderia ser dela e não meu. Se Elvira conseguia fazer funcionar as coisas do quarto, então eu era apenas coadjuvante num sonho que não me pertencia. Essa era a razão pela qual não consegui acender a luz. Já estava dando-me por satisfeito quando um grito estridente ecoou pela casa e ela saiu apressada do quarto chamando por meus filhos.

Senti minhas pernas amortecendo e quase desmaiei, mas nem isso consegui. Que pesadelo infernal estava vivenciando! — imaginei. Jamais iria esquecer daqueles momentos. O pensamento de que aquilo poderia ser realidade passou-me pela mente, é verdade, mas logo o afastei, pois para aceitá-lo teria que admitir também a estúpida idéia de que poderia estar morto. Absurdo! — arrematei, decidido a rejeitar essa idéia de vez. Resolvi então ter paciência e aguardar o meu natural despertar. Os médicos costumavam dizer que as sensações provocadas pelo sono eram muitas e algumas delas ainda não totalmente conhecidas, logo, tinha que ficar calmo e racionalmente esperar pelos acontecimentos.

Segundos depois, ingressaram no quarto Elvira e meus dois filhos, Pedro e Marco Aurélio, este último acompanhado de minha nora, Cíntia. Todos estavam preocupados e até certo ponto angustiados.

Pedro segurou a mão daquele corpo que estava na cama, sentou-se na beirada e chorou. Elvira sacudia meu outro filho e perguntava-lhe porque aquilo tudo estava acontecendo tão cedo e justamente quando nossa situação financeira era a melhor possível. Eu também achei que seria um desperdício alguém morrer naquela oportunidade e compartilhei do seu sofrimento. Quando me voltei para o meu lado esquerdo, percebi que minha nora vasculhava os bolsos do meu paletó e de minha calça. Procurava alguma coisa que eu jamais poderia adivinhar o que fosse. Ela retornou para Elvira e disse que não tinha encontrado nenhuma receita médica e nem qualquer outro elemento que pudesse indicar alguma consulta. Eles estavam achando que eu escondia alguma doença. Bobagem — pensei. Sempre fui muito forte e

saudável e nada iria ser descoberto nos meus bolsos que indicasse o contrário.

Enquanto isso, a janela fora aberta e a luz nebulosa do dia ingressara no aposento iluminando tudo. Olhei mais uma vez e novamente fitei aquele corpo sobre a cama. Era eu mesmo que ali estava como se o tempo tivesse parado no exato instante em que coloquei as mãos na nuca para sossegar a minha preguiça.

Elvira deixou o quarto em prantos e meu filho Pedro continuava na beirada da cama, cabisbaixo e choroso. Cíntia abraçou Marco Aurélio e levou-o para outro cômodo. Quis seguir minha esposa mas não conseguia sair de perto do leito. Uma forte atração era exercida sobre mim por aquele corpo gélido e estendido. Forcei um desligamento e foi em vão.

Olhei fixamente para o meu próprio corpo e vislumbrei vários pequenos fios, bem finos, escuros e porosos, saindo de vários locais e fazendo inúmeras pontes com aquela massa inerte sobre a cama. Eram muitos. Sentia-me preso por tais fiapos de imaginação, porque o sonho me impunha essa sensação. Quando me virava, dando uma volta completa em torno do meu corpo, esses fios acompanhavam o movimento e não me deixavam por um só segundo.

Estava ainda contando esses liames estranhos quando minha sogra entrou no quarto. Ela vinha com um terço nas mãos e começou a proferir em voz alta várias preces, sem parar nem mesmo para respirar. Era seu hábito estar presente em todos os velórios de amigos nossos, rezando aquele enfadonho rosário. Aborrecido e incomodado, tentei uma vez mais deixar o quarto e fui novamente impedido pelas correntes que me jungiam àquele corpo.

Pedro saiu e somente Hilda ficou ali comigo, orando incessantemente para o meu desespero. Dirigi-me até a poltrona *bergère* onde estavam minhas roupas e sentei. Notei que conseguia uma movimentação em torno do corpo deitado e afastava-me dele no máximo dois ou três metros. Mas foi o suficiente para que eu me colocasse um pouco mais distante daquela carpideira irritante. Quando ela não estava dando conselhos a todos em minha casa, especialmente a mim, estava rezando. Fora isso, até que gostava de minha sogra. Tínhamos muitos pontos em comum, apesar de naquele momento não conseguir lembrar de nenhum para mencionar como exemplo, porém, estava convicto de que existiam. Lembrei-me do dia em que Elvira, com muito tato, começou um longo processo de convencimento para que aceitasse a presença de sua mãe em nossa casa. A desculpa era sempre a mesma, salientando que a idade estava chegando e que Hilda não era mais auto-suficiente, especialmente por ter ficado viúva. Ora, minha mãe enlutou-se e não ficara inválida. Mas Elvira argumentava tanto que terminei cedendo e foi um desastre. Bem feito para mim — sempre disse —, pois era um *desastre* previsível. Quando eu indagava porque os outros filhos de Hilda não a ajudavam, a resposta também era possível de ser prevista: cabia a ela, como filha mais velha, essa tarefa de cuidar da mãe na velhice.

Nossa casa era grande e ajardinada, erguida criteriosamente sobre um folgado terreno de 600 m^2, situado em região nobre de São Paulo. Fizemos um sobrado em linhas retas, com paredes externas brancas, amplas janelas e portas de ferro retorcido pintadas em tom ocre. Ao redor da edificação estava o jardim e nos fundos a piscina, emoldurada por caminhos de pedra envoltos por grama bem aparada e verdejante. Pequenos tufos de flores nos cantos davam-lhe especial toque de graça.

Havíamos escolhido todas as peças da nossa residência, desde o mais simples banco no jardim até o mais caro quadro que arrematávamos em leilões. A construção levou algum tempo e foi um verdadeiro transtorno. Consumiu muito dinheiro também. Ficamos alguns anos morando em um apartamento, empilhados e irritados, mas nos saímos bem. Sempre fomos muito unidos e eu vivia para minha família com exclusividade. O nosso sonho era o erguimento de uma casa com o nosso jeito e que fosse o espelho fiel de nossos ideais. Mais cedo do que esperava, minha empresa teve uma oportunidade ímpar no mercado e ascendi à posição financeira que almejei desde pequeno. Tudo para mim era centralizado na capacidade de enriquecer, afinal, era por essa via que o homem podia impor-se aos outros, de forma pacífica e ordeira, tornando-se um membro da elite em sua comunidade. Nunca me considerei ambicioso em excesso, nem tampouco egoísta. Era apenas um participante da vida, um co-autor dos capítulos da imensa novela que era a nossa existência.

Quando Elvira e eu fomos a uma loja especializada em plantas, acabamos escolhendo mais mudas do que nosso jardim podia comportar e, apesar disso, compramos todas. Fizemos questão de acompanhar pessoalmente a entrega e o descarregamento das dálias, lírios, amarílis, narcisos, sálvias e antúrios, cuidadosamente transportados para enfeitar nossos sonhos.

Concretizávamos um ideal acalentado por muitos anos. Depois de utilizarmos aquelas que o paisagista indicou, jogamos as demais mudas fora, pois já estavam murchas e mortas de tanto esperar o momento de fazerem parte de nossas vidas. Alguns amigos nos acusaram, na época, de desperdício. Jamais anuí a essa argumentação, que considerava ataque de inveja por parte daqueles que não aceitavam o nosso triunfo. Se o dinheiro era meu, poderia usá-lo como quisesse, mesmo comprando plantas e mudas para jogar fora. Afinal, ganhara honestamente.

Meus filhos estudavam em excelentes escolas e davam-se com a nata da sociedade. Mesmo surrado esse argumento, Elvira e eu, que não tivéramos essa oportunidade quando jovens, quisemos dar-lhes tudo aquilo que estava ao nosso alcance para torná-los pessoas de bem, felizes e satisfeitas por terem tido a sorte de nos ter como pais. A pobreza era dura e ríspida. Acredito que nunca perdoei meu pai por ter sido tão pobre. Sofri muito durante a minha infância e passei por várias privações. Naquela ocasião, costumava dizer ao padre que nos visitava que todos os meus pecados estavam sendo pagos de antemão e que o resto de minha vida seria constituído somente de prazeres. Riqueza era

a minha meta para atingir esse estado de tranquilidade. Ainda jovem, confesso, temia um pouco essa história de enriquecer e depois ir para o inferno quando a morte chegasse. Mas o sacerdote pacificou-me o espírito, dizendo que somente os desonestos vão para o martírio eterno. Se o papa era rico, eu também poderia ser, com segurança de salvação após o desenlace.

Elvira casou-se jovem comigo e logo tivemos o primeiro filho, Marco Aurélio. Ele consorciou-se, também cedo, com Cíntia, filha de um industrial de nosso círculo de relacionamentos. Já tínhamos um neto, nascido de certa forma *prematuro*. Aprovamos o casamento assim que vimos a conta bancária de seus futuros sogros e jamais tivemos problemas de consciência por causa disso, pois eles diziam que se gostavam de verdade. Nada melhor do que um matrimônio com amor e dinheiro. Só tivemos problemas com o mais novo de nossos dois filhos. Pedro era meio avesso ao conforto e parecia ter nascido para tornar-se monge budista. Tudo para ele tinha que ser natural e simples. Não gostava de diversões caras e apreciava a natureza. Sempre foi um menino bom e, apesar de um pouco rebelde, poderia ser triunfado na vida caso não fosse tão teimoso.

Marco Aurélio ajudava-me na empresa — herdara o meu espírito empreendedor — e Elvira cuidava de nossa casa com esmero e capricho. Recebíamos muitos convidados para jantares ao longo da semana, pois meus negócios sempre exigiram intensa atividade social. Ela era uma esposa exemplar e a todos encantava. Admito que meus amigos invejavam-me a família que tinha e minha sólida posição na sociedade. Mas fizera por merecer, pois tinha capacidade e tino para os negócios. *Na vida, fracassa quem é incompetente*, era o meu lema.

O que me aborrecia, no entanto, era os discursos de tendência duvidosa de meu caçula ao longo dos jantares de família — único momento em que conseguia privar do contato com os meus. Desfilava ele belíssimos argumentos teóricos sobre igualdade social entre todos e a respeito do dever moral que cada ser humano possui de auxiliar os desvalidos. Em que pesasse o meu esforço em demonstrar-lhe que a teoria serve para os livros e as teses acadêmicas, mas que a realidade era completamente diferente, o menino era recalcitrante. Às vezes, ele apelava para argumentos teológicos e sustentava a mesma e cansativa versão de alguns padres reacionários de que a caridade era essencial e dar aos necessitados era o mesmo que dar a Deus.

Nunca tive formação religiosa, porque meus pais além de pobres eram ignorantes e a religião sempre foi um privilégio dos bons colégios para famílias ricas. Os pouco favorecidos da minha cidade interiorana mal conseguiam a alfabetização, quanto mais conhecer e participar de discussões vazias como essas a respeito de Deus e Seus mandamentos. Portanto, quando Pedro elencava seus motivos teóricos para ajudar o semelhante eu recomendava-lhe que pegasse suas coisas e fosse morar um dia, ao menos, em uma favela. Se assim fizesse, esqueceria essa história de caridade num segundo. Ele nunca aceitou meu desafio, mas

irritava-se profundamente com minhas palavras e acusava-me de ser *materialista* e *insensível*.

Nada poderia, entretanto, ser mais aborrecido do que a conversa de meu irmão Jofre sobre *espiritismo*. Creio que era pior do que o ideário católico de meu filho Pedro que, apesar disso, prestava atenção nas teses do tio. Além da prática da caridade, eles, os espíritas, recomendavam atenção com a tal de *reencarnação* — o maior *non sense* que eu já ouvira na vida. Parecia-me tema de filme de segunda classe dizer que os seres humanos voltariam outras vezes a este planeta para expiar os seus erros. Quando ele tocava nesse assunto, eu discutia com fervor e quase o expulsava de minha casa. Inadmitia essa teoria em sua totalidade. Morreu, acabou. Nada mais razoável que isso. Então um poderoso governante, que comandou bandos de ignorantes, iria voltar um dia, no futuro, após o seu desenlace, para ser governado por alguém menos capaz? Isso era lógico? Evidentemente que não. Por isso, rejeitava essas teses infundadas e nunca me preocupei em pensar na morte como um acontecimento próximo de mim. Deixaria para nela falar quando estivesse velho, com mais de oitenta.

Mas, recordo-me do dia em que organizamos a festa de inauguração de nossa nova casa. Todos estávamos reunidos em torno da piscina e eu fiz questão absoluta que estivéssemos a rigor.

Os convidados chegavam em grande número recebidos por Elvira, soberba em seu vestido de tafetá vermelho, especialmente importado para a ocasião. Levemente rodado, sem mangas, o corpo do vestido contornava delicadamente os seis, deixando as costas e o colo de fora, tal como eu apreciava. Ela estava divina desfilando com seu bordado de canutilhos, miçangas e *strass* do mesmo tom, porém em pequena quantidade, o suficiente para lhe conferir um brilho leve e elegante. Uma graciosa echarpe de *chiffon*, também vermelha, acomodava-se harmoniosamente em volta de seu pescoço fazendo par inigualável com o tom dos rubis de seus brincos. Senti-me, naquele momento, o homem mais feliz do mundo, realizado e confiante. Meus filhos usavam *black tie* pela primeira vez e desfilavam pela casa com lindas namoradas. Essa era a vida que sonhara dar à minha família. No dia da festa, atingira meu objetivo e dali em diante a vida estava ganha — pensava.

Subitamente, enquanto preenchia o meu tempo com essas recordações tão aprazíveis, ingressou no quarto o nosso médico particular. Examinou o pulso daquele corpo e, voltando-se ao meu filho Marco Aurélio, disse taxativamente que eu estava morto. Meus pensamentos pararam no tempo por alguns instantes e confesso ter sentido o abalo. Estremecido, busquei logo uma explicação racional para aquela sensação desconfortável e encontrei a mesma que antes adotara. O sonho que vivenciava tornara-se um pesadelo e tudo fazia para aborrecer-me profundamente. Quando acordasse, Elvira jamais iria crer em tudo isso. Tinha, no entanto, uma séria preocupação: será que conseguiria lembrar com detalhes daquilo tudo? Normalmente, a gente esquece os sonhos e mesmo os pesadelos não voltam à mente com tanta minúcia — achei. Seria muito importante contar aquela minha vivência

sem esquecer de nada. Talvez pudesse até escrever para uma revista médica contando-lhes essas passagens peculiares e receber uma especial menção em face da minha coragem e por essa contribuição científica. Quem sabe até auxiliar na descoberta de algum tipo de remédio que impedisse esses terríveis pesadelos. Afinal eu era um autêntico adepto do cientismo.

Novamente acalmei-me. Desconfiado ainda estava e comecei a olhar para as minhas mãos, tentando constatar se elas mudavam de cor ou de aspecto. A morte trazia, segundo os livros, uma tonalidade pálida e macilenta. Não detectei nenhuma alteração, apesar de ter verificado que aquele corpo sobre a cama estava, de fato, macerado já que o médico diagnosticara-lhe a morte. Não era o meu caso, no entanto. Continuava com excelente aspecto.

Lembrei-me da ocasião em que tinha ido ao enterro de um estimado cliente, uma pessoa que além dos negócios que juntos fazíamos fora meu amigo. Ele estava no caixão, volteado de flores e jazia inerte sob olhares curiosos que o espreitavam. Velas enormes foram colocadas nos quatro pontos que formavam um retângulo ao redor do esquife e, quando acesas, serviam para iluminar ainda mais o claro ambiente já servido por lâmpadas fluorescentes. Aqueles círios pareciam ter a exclusiva função de tornar lúgubre e tristonho o ambiente. Semblantes funestos dos parentes e amigos prevaleciam e coroas de flores não paravam de chegar. Minha empresa patrocinou a mais bela de todas, com orquídeas e crisântemos gigantes, num arranjo invulgar e caríssimo. Orgulhei-me do bom gosto de Elvira ao providenciar essa verdadeira peça de arte para ostentar a todos a amizade que nutríamos pelo falecido. Os dizeres contidos na coroa eram belos e poéticos, chegando a emocionar quem os lesse. Tivesse sido escolhida pela minha secretária e ela iria merecer um aumento — pensei. Os presentes cumprimentaram-me pela gentileza e mostra de carinho. Alguns até solicitaram-me o endereço da floricultura que providenciara tão elegante ornamento fúnebre, mas não pude atendê-los pois fora minha esposa a autora da façanha.

As velas brilhavam no recinto e exalavam um cheiro típico de câmaras mortuárias, que só era aplacado pela emanação agradável das flores que superavam em número e esplendor. Quando o padre fez um discurso salientando as qualidades e virtudes inigualáveis do defunto, realmente chorei, especialmente tocado. Entretanto, após alguns segundos de lágrimas furtivas, notei que as palavras do sacerdote estavam sendo muito pródigas e que ele não tinha sito *tão especial* assim. Elvira, que àquela altura já havia chegado, postou-se ao meu lado e apertou-me fortemente o braço também emocionada. Constatei um pouco de exagero no discurso sacerdotal, porém percebi que era exatamente aquilo que os familiares e amigos desejavam ouvir.

A cerimônia fúnebre era um acontecimento característico e chegava, no meu entender, a ser elegante. As pessoas estavam sobriamente vestidas, havia sempre muitos ornamentos no local e a fraternidade, ao menos aparente, imperava entre todos. E o que era

melhor: mantinha-se o respeito à memória daquele que partiu, mesmo que ele não fosse assim tão querido. Eu, particularmente, apreciava esse *perdão póstumo* que os defuntos recebiam. Enterros e velórios me eram tocantes, desde que logicamente não fosse de pessoa de minha família ou, em última análise, o meu.

Acordei de meus pensamentos quando vi aproximaram-se do leito dois homens troncudos e vestidos de branco carregando com eles uma maca. Colocaram as mãos por baixo do corpo e deram um só impulso, que foi suficiente para transferi-lo da cama para aquele leito suspenso. Abalei-me pois senti um tranco generalizado em meu próprio corpo. Quando os enfermeiros afastaram-se do quarto carregando a minha imagem estampada naquela massa inerte, os fios aos quais já me referi esticaram-se e, como se estivessem arrancando fora minha alma, arrastaram-me com eles pela casa afora. O meu desejo de sair do quarto finalmente foi atendido, embora eu não conseguisse deter-me por um minuto sequer nos outros cômodos de minha casa.

Em segundos estava no interior de um carro fúnebre, tristemente constatando que aqueles homens não eram enfermeiros mas funcionários da funerária. O fato de estarem vestidos de branco enganou-me. Pela estreitíssima janela do carro vi minha casa afastando-se cada vez mais, enquanto percorríamos as alamedas sofisticadas do meu bairro até perdê-la de vista, provocando-me então uma dor tão angustiante quanto aquela que dera início ao cruel pesadelo que naquele instante eu vivenciava.

Olhei para o corpo ao meu lado e ele estava pálido e sem brilho, exatamente como os cadáveres que via em velórios e enterros. Tentei imaginar porque estava sendo obrigado a sonhar coisas tão horripilantes, justamente ligadas à morte, da qual sempre tivera enraizada aversão. Contava os minutos ansioso, aguardando o momento em que o despertador iria tocar, de fato, e meu tormento estaria terminado.

Minha realidade, naquele momento, cingia-se ao corpo que me acompanhava e a um pequeno universo de dois ou três metros ao seu redor. Estava literalmente preso ao cadáver e horrorizava-me a hipótese de ficar muito tempo naquela situação.

Resolvi pensar em outras coisas, mais aprazíveis e menos desgastantes.

Elvira sempre fora uma boa companheira e acho que me casei apaixonado, embora o seu doto fosse algo bastante incentivador. Não era muito, mas o suficiente para que impulsionasse a minha pequena empresa, àquele tempo firmando-se no mercado. Gostaria, é bem verdade, de ter-me casado com Júlia, a moça mais rica e bela que já conhecera na vida, mas sempre fui desprezado. Ela tinha, no entanto, razão de tratar-me daquele modo, afinal, eu era pobre. Casamentos devem realizar-se dentro da mesma classe social, sempre foi o meu pensamento. Por isso, resolvi consorciar-me com Elvira. Progredimos a partir de então juntos e irmanados pelo mesmo ideal de enriquecer o mais breve possível para dar aos nossos filhos a oportunidade de serem

aceitos por boas famílias, superando a rejeição que havia experimentado com a elegante Júlia.

Lá estava eu pensando no passado outra vez. Era um hábito meu passar horas recordando-me dos bons e maus momentos, como se pudesse algum dia fazer o tempo voltar atrás para alterar alguma coisa.

Enquanto surpreendia-me em divagações, o carro fúnebre continuava o seu trajeto e passava tranquilamente dentre vários automóveis pelas ruas e avenidas de São Paulo. Olhei pela apertada janela do veículo que me conduzia e ao meu lado parou um belo conversível conduzido por um rapaz de seus vinte anos.

O moço tinha uma linda companhia, tal como era Júlia nos meus tempos de colégio. Lembrei-me de tê-la abordado várias vezes, mas sempre fora rejeitado porque não tinha automóvel. Naquele tempo não era comum e somente os ricos possuíam veículo particular. Mas ela não se importava com meus atributos pessoais, queria mesmo um carro para andar, talvez como estivesse fazendo a formosa acompanhante que acabara de ver.

Comecei a imaginar há quanto tempo aquele rapaz ganhara o seu veículo e se o seu pai seria rico. Concluí, por minha conta, que deveria ter sido o seu presente de décimo oitavo aniversário e o genitor por certo tinha posses.

Aliás, admito que projetei no moço aquilo que um dia desejei para mim, ou seja, que meu pai me tivesse presenteado dessa forma e na mesma ocasião natalícia. Frustrado por não ter sido assim comigo, pretendia dar ao meu filho a alegria de desfilar pelas ruas com um potente e vistoso carro esporte. Certamente não haveria alegria maior na vida do que isso ! — arrematava convicto. Mas quando meus dois filhos fizeram dezoito anos, não cumpri o que idealizara a vida toda, talvez por achar desperdício entregar um caríssimo veículo nas mãos de um insensato rapaz. Ambos protestaram e criticaram a minha atitude, porque eu lhes prometera desde cedo esse tipo de presente. Indiferente, mantive a minha postura de ceder-lhes o meu próprio automóvel quando desejassem impressionar alguma moça.

De repente, o carro ao meu lado arrancou e a moça ainda olhou com pena para mim. Ela viu que se tratava de um carro fúnebre e deve ter imaginado que eu estaria morto. Estava certa, pois faria o mesmo se me deparasse com um defunto tão próximo. Voltei a considerar estranho aquele meu sonho, que estava prolongado demais. Meu único consolo era estar vivendo uma experiência inédita que poderia preparar-me para o futuro; afinal — aduzi —, todos iriam morrer um dia.

Detivemo-nos em outro ponto do trânsito paulistano e ao meu lado parou um táxi. No seu interior encontrava-se uma senhora de bastante idade, amparada por um jovem de seus quinze anos. Imaginei tratar-se de um neto literalmente carregando sua avó ao médico. O motorista da condução nem olhava para trás e parecia desprezar por completo a velha. Causou-me uma certa repulsa aquela situação que presenciava, pois representou-me que ninguém dava atenção à idosa mulher. O tempo era implacável com as pessoas — pensei — e infeliz

daquele que ficasse velho sem ter condições financeiras para suportar os seus caprichos. A pobre senhora deveria estar sozinha e dependente da boa vontade de um menino que tinha a vida toda pela frente, não querendo por certo cuidar da avó; por esse motivo, fazia-lhe um favor e nem o motorista do táxi soubera compreender isso. Tornar-me-ia um velho somítico e insuportável — resolvi. Pelo menos quando as pessoas falassem mal de mim estariam com a razão. Se eu fosse muito bondoso e pródigo, ficaria sem um tostão e seria desprezado. No fundo, odiava a idéia de envelhecer e nem me passava pela cabeça morrer, apesar de saber inevitáveis ambas as situações.

Seguíamos mais rápido àquela altura do caminho. Provavelmente o motorista do carro fúnebre lembrara-se do seu atraso e, para evitar uma chamada do patrão, andou célere. Chegamos, assim, em poucos minutos a um local estranho, cuja porta de entrada era um grande portão de ferro que dava diretamente na via pública. Não havia letreiro de identificação, nem qualquer outro ponto de referência; somente um prédio branco e gasto, parecendo ruir, recebera-nos.

O veículo fez uma manobra e estacionou. Vieram alguns homens de dentro do prédio e abriram a porta de trás. Transportaram o corpo para uma das salas e, no caminho, contavam piadas a respeito de velórios. Todos riam entusiasmados. Aquilo, confesso, chocou-me. Mesmo que não tivesse relação comigo ou com a perda de algum parente, achei que eles deveriam ter mais respeito com o defunto. Irritei-me, pela primeira vez, com maior intensidade.

Os fios aos quais me referi anteriormente esticavam toda vez que aquele corpo afastava-se mais de três metros, aproximadamente, e eu era arrastado para junto dele. Novamente, exasperei-me. Parecia uma assombração jogada de um lado para o outro, sem rumo e confusa. Fosse aquela a sensação que a morte causasse — deduzi — e jamais iria pensar nisso quando acordasse.

Trancafiado numa sala escura, ali permaneci por um bom período de tempo. Não havia nenhum ponto de luz no local e a angústia tomou conta de mim. Acreditava estar irrespirável pois faltavam suficientes entradas de ar. Subitamente, quando já não sabia em que pensar, ouvi uma voz... Era um tom sinistro, parecendo irônico, que cantarolava a marcha fúnebre em descompasso. Causou-me espanto. Olhei para os lados e nada enxergava. Incessantemente continuava a balada soturna. Apesar de vivenciar um pesadelo, deu-me vontade de fazer algumas perguntas e não me contive. Indaguei em altos brados:

—Quem está cantando essa melodia irritante? Responda quem está aí! — comandei com autoridade inquestionável.

Não bastasse a canção, ouvi também risos.

—Se forem os grosseiros carregadores que há pouco vi, peço-lhes que parem essa brincadeira estúpida. Não considero nem um pouco engraçado...

Insistiam as risadas e também a marchinha desprezível, que àquela altura era também assobiada.

—Covardes! Se isto não fosse um maldito sonho, iria queixar-me ao seu patrão.

—O ateu mundano está acordando de sua catalepsia... Vejam! Ele está furioso e continua a dez alnas (antiga medida de comprimento, de três palmos) de seu próprio corpo, sem perceber que morreu. Ei, velhote, sois digno de pena! — agrediu-me subitamente uma voz na escuridão.

—Quem fala? Não o conheço, portanto, mostre-se! Como se atreve a invadir-me a privacidade e atormentar-me em meu sono? Vá para o diabo! — vociferei convicto de fazer cessar aquela provocação.

—Tendes o particular hábito de dar ordens, não é? Pobre de vós, o morto! Em mim não mandais. Canto o que quiser e quando me aprouver. Há anos sou dono do meu caminho e ninguém irá ditar-me como agir.

—Diga-me ao menos quem você é e por que está me aborrecendo...

—Não vos interessa o meu nome. Chamai-me de *ninguém*, ou melhor, prefiro que me chameis de *guardião*. Gostais?

—*Guardião* do quê? Confesso não entender. O que pretende *guardar*, este quarto escuro? (risos) — forcei um humor que não era verdadeiro.

—Estais rindo de mim ou de vós? A vossa situação é dramática, não percebestes? Sois o motivo direto de minhas risadas, pois gosto de divertir-me em câmaras mortuárias como esta. Aqui passo grande parte do meu tempo, especialmente para encontrar vítimas como vós para achacar.

—Não acredito que perco o meu tempo conversando com uma criatura fruto da minha imaginação... — disse agastado.

—Quanto tempo necessitareis para perceber que estais morto, ó criatura! Entendeis o que vos digo? Falo a vossa língua, apesar que em forma arcaica. Esquecestes as lições de gramática e por isso não estais entendendo a mensagem? (gargalhada)

—Deixe de asneiras! Você acha que é esperto o suficiente para confundir-me? Morto?! Apareça à minha frente que lhe mostrarei quem está morto.

—Problema vosso, não meu! Divirto-me à custa de ignorantes como vós. Espero que aprecieis o conforto proporcionado por esta funerária. É uma das melhores da cidade. Vossa família gostava mesmo de vós, pois vai gastar um bom dinheiro somente para enterrar-vos (risos). Ah, em breve virão maquiar-vos, espero que vos sintais à vontade! Até breve, desconhecido, vou continuar meu trajeto.

Felizmente — considerei — aquele tormento cessou e voltei à escuridão silenciosa, bem mais gratificante. Entretanto, após algum tempo, aquelas palavras jocosas começaram a perturbar-me. Por um momento, passou-me pela cabeça a idéia de poder estar de fato morto. E se assim fosse o que iria fazer? Como sairia daquela situação? Seria ridículo enfrentar tão cedo a morte, pois não acreditava em Deus — a não ser para contentar o padreco de minha cidade natal — nem tampouco em vida após a morte. Talvez com a idade avançada, pudesse

começar a pensar no assunto e achasse alguma solução para o impasse, mas não com quarenta e poucos anos. O mais razoável, no entanto, era manter a hipótese do sonho, ou melhor, do pesadelo. De repente, iria acordar e constatar o dilema imaginário que enfrentara. Seria uma hilária situação para contar aos amigos — repetia para convencer-me.

Uma coisa aborrecia-me, realmente. Eu já estava saturado de sonhar. Queria voltar logo ao convívio familiar e, quando isso ocorresse, iria evitar de dormir pelo máximo de tempo que conseguisse, somente para evitar aquela horrível sensação outra vez. Como poderia despertar? — pensei. Talvez se me concentrasse e colocasse todas as minhas forças nisso poderia provocar a atividade cerebral que, então, acionaria o sistema nervoso e pronto! Estaria acordado! Assim fiz. Não sei quanto tempo perdi martirizando-me sem nada conseguir. Aquele estado cenestésico que atingira deixava-me confuso e sem rumo. Voltei às minhas recordações.

Lembrei-me do dia em que um de meus filhos voltou da escola e desejou falar comigo. Queria saber o que era uma *relação sexual*, termo que ouvira naquele mesmo dia na sala de aula. Orgulhoso de ter sido procurado para prestar tais importantes esclarecimentos que somente um pai pode fazer, narrei-lhe tudo o que sabia — e não era pouco. Pedro, com doze ou treze anos na época, ouviu-me atento. Quando findei minha exposição, ele arguiu-me sobre o meu casamento com Elvira, desejando saber se nós mantínhamos *relações sexuais*. Respondi-lhe que sim. O menino, esperto, não tardou a indagar-me se era só com sua mãe que as mantinha. Tentei ser verdadeiro, do mesmo modo que meu fora comigo, razão pela qual admiti que não. Um homem — expliquei — tinha o direito e a necessidade de ter outras namoradas, além daquela que lhe ocupasse o principal posto na vida. Não era desonra alguma para Elvira que eu tivesse outros relacionamentos fora do casamento — disse-lhe — e ele iria fazer o mesmo quando se casasse. Minha sinceridade espelhava o senso comum de meus amigos e de alguns familiares. Em minha posição social, um homem jamais evitaria conhecer outras mulheres, pois isso lhe conferia um certo prestígio e logicamente *status*. Nem bem terminei a minha exposição e notei no jovem uma feição transtornada, esboçando um ar de repulsa. Indaguei-lhe se havia bem compreendido minhas palavras, mas Pedro dirigiu-me a mim chorando e retorquiu jamais acreditar que seu próprio pai fosse um *adúltero*. Exatamente esse foi o termo que usou e o qual nunca mais esqueci.

Fiquei abalado, pois já tinha mantido a mesma conversa com Marco Aurélio que, extasiado, ainda obrigou-me a fobar sobre o assunto. Narrara-lhe minhas várias aventuras e o garoto ficara orgulhoso. Entretanto, o caçula olhou-me com desprezo e repugnância. Não sabia o que lhe dizer quando Pedro fez-me prometer nunca mais dizer isso — com satisfação — para ninguém. Jurou não contar a Elvira aquela minha confissão, mas ameaçou fazê-lo caso percebesse que eu estivesse prevaricando fora de casa. Aquiesci e mudei rapidamente de assunto.

É óbvio que continuei a agir como fazia antes, mas procurei ser mais cauteloso porque além de minha esposa tinha também a

fiscalização do meu caçula. Contava somente com Marco Aurélio para acobertar-me as furtivas escapadas extra-conjugais. E ele o fazia com prazer. Pobre Cíntia — pensei —, devia estar na mesma situação de Elvira e nem ao menos desconfiava. Provavelmente o culpado dessa atitude de meu primogênito seria eu, em face dos conselhos que lhe dera ao longo da infância e adolescência.

Interrompeu-me as idéias a abertura abrupta da porta e o acender das luzes. Entrou uma mulher de idade avançada trajando um conjunto de saia e blusa, confeccionado em pano barato na cor preta, sem nenhum detalhe que pudesse conferir-lhe algum toque de graça. Ela usava tanta maquiagem que achei estar num circo e não num morgue. Àquela altura já havia percebido que meu sonho desenrolava-se na funerária, pois o coadjuvante da minha imaginação, chamado *guardião*, informara-me, além do que o veículo que transportou o corpo só poderia ter ido para um lugar assim. Quando a figura exótica aproximou-se, colocou sua enorme bolsa, também preta — talvez para ornar com suas roupas vulgares — em cima da barriga do gélido e pálido cadáver. Fazia-me sentir asco, tamanho era o desrespeito. Impassível, a vetusta retirou inúmeros potes e potinhos, abriu-os e espalhou-os sobre o tórax do humilhado defunto. Por horas a fio, sem demonstrar qualquer emoção, maquiou o morto. De fato, sua aparência melhorou bastante e ele parecia mais bem disposto que a própria artista.

Quando terminou o seu trabalho, olhei fixamente para o corpo e percebi que era exatamente como eu. Concluí, sem chance de errar, que quando morresse ficaria mais ou menos daquele jeito. A mulher, então, guardou seus apetrechos e cacografou num papel algumas frases ininteligíveis, colocando no bolso do terno que havia sido vestido no cadáver. Minha curiosidade aguçou. O que teria aquela sinistra figura escrito? Seria uma mensagem para os anjos? — caçoei. Não consegui pegar o tal bilhete porque minha mão varava pela roupa sem lograr alcançá-lo. Era terrível sonhar.

Conformei-me em não desvendar o mistério e continuei a refletir sobre meu passado — a única coisa que me dava prazer naqueles difíceis momentos.

Não poderia jamais esquecer do dia em que fui chamado pelo gerente de vendas, bastante irritado com um grupo de pessoas que insistia em falar comigo. Para evitar tumulto dentro da empresa, resolvi recebê-lo. Eram voluntários de uma campanha de arrecadação de fundos para o erguimento de um orfanato no meu bairro. Diziam-me da necessidade em ajudar a obra, pois a empresa situava-se na mesma região e estaria, com isso, auxiliando a comunidade beneficamente. Alegavam que a instituição tinha por finalidade amparar a criança carente e sem pais. Enfim, sugeriram uma determinada quantia que, a princípio, achei elevada. Depois dos fartos argumentos que eles levantaram, julguei ser oportuno desfilar-lhes os meus, contando-lhes por horas a fio como comecei minha carreira, vindo do nada, até atingir a posição de sucesso que podiam constatar. O grupo ouviu-me com

paciência, certamente para receber a minha doação — acreditei. Fina a minha exposição, repleta de auto-elogios à minha pessoa, dei-lhes metade do que haviam solicitado e prometi-lhes que, futuramente, daria o restante. Aguardaria, no entanto, a obra estar pronta para voltar a falar no assunto. Quando os voluntários, agradecidos, saíram, chamei os meus funcionários e, orgulhosamente, narrei-lhes o meu ato benemérito com minúcias. Todos me aplaudiram o gesto e consideraram-me uma pessoa sensível e caridosa.

Foi um bom dia em minha vida, pois tinha sido aclamado por estranhos e por meu próprio pessoal, além de ter feito uma doação caritativa que me acalentou a consciência por longo período. A partir daquele dia resolvi praticar a caridade uma vez ou outra para sentir a aprazível sensação de dever cumprido. Quem sabe não ganharia algum título comunitário? — conjeturei. Ao chegar em casa, contei à minha família o meu gesto e outros elogios colhi. Bons sonhos devo ter tido naquela noite, bem diferentes desse que estava a atormentar-me.

Não sei quanto tempo passara quando a porta abriu-se outra vez e aqueles homens atrevidos voltaram para pegar o corpo. Outras desagradáveis piadas foram proferidas. Passando a uma sala contígua, cuja luminosidade cendrada angustiou-me, o cadáver foi colocado num belo caixão de mogno — se é que se pode qualificar assim um esquife — todo forrado de veludo roxo com sutis riscos em linha preta e volteado por alças douradas. Possuía também desenhos e gravações em baixo relevo, dando-lhe um aspecto sofisticado. Trancafiado ali dentro, visores de vidro permitiam enxergar o corpo no seu interior, ainda que a tampa fosse colocada.

Começaram, em seguida, a despejar inúmeras dúzias de flores, entre crisântemos brancos e palmas amarelas, em seu interior, buscando cobri-lo completamente. Aproximou-se do ataúde uma outra mulher idosa, que não era a mesma que fez a maquiagem. Ela começou a ajeitar cuidadosamente a decoração floral e nem se abalava de estar lidando com um defunto. Quantas outras vetustas senhoras iriam aproximar-se do ataúde para alguma tarefa especial? Não haveria outra pessoa — quem sabe mais jovem — naquela funerária que pudesse encarregar-se do preparo do corpo para o velório? O meu inconformismo era grande, pois não bastassem os homens que contavam piadas o tempo todo, havia uma série de velhas carrancudas que passavam horas ao meu lado entregues ao trabalho de embelezamento de um morto. Aquela situação causava-me asco e irritação, pois ninguém estava preocupado com a pessoa que faleceu. Todos queriam cumprir logo suas tarefas para estarem livres. Não havia o menor respeito naquele local — concluí. Fazia tempo que não via um único sorriso de quem quer que fosse. Era um pesadelo angustiante porque sério, soturno e mal-humorado.

Pareceram-me passar somente uns poucos minutos — mas acredito que foi muito mais — até que as pessoas começassem a chegar para o velório. Primeiramente entraram no recinto os meus familiares, todos cabisbaixos e chorosos, liderados por Elvira, vestida de preto —

mas com muito bom gosto, num belíssimo *tailleur* de linho — e amparada por minha sogra. Fiquei, por um átimo, feliz e orgulhoso ante a elegante apresentação dos meus. Entretanto, amargurei-me em seguida por não estar com eles desfilando por aquele acontecimento social. Via figuras extremamente idosas e estáticas, apoiadas em bengalas, no local e imaginava que jamais poderia ser o meu velório pois eu era muito novo para morrer, especialmente comparando àqueles vetustos convidados.

Postei-me altivo ao lado de Elvira e ali fiquei em posição de sentido. Todos que se aproximavam davam-lhe condolências e lembravam o quanto eu fora bom e caridoso, além de ter deixado imensurável saudade em todos os que me amavam. Seria assim quando, de fato, eu morresse? — pensei. Nada mal para alguém que era um pobre coitado na infância e conquistara seu lugar na sociedade com muito trabalho e dedicação. Mas jamais fui ignorante; apenas não tive formação em nível superior. Para compensar, costumava ler muito, especialmente bons livros — Machado de Assis era minha preferência — além de jornais e revistas. Considerava-me culto e bem informado, podendo manter conversação com qualquer pessoa. Estavam certos aqueles que sentiam a minha falta. Se eu tivesse morrido, realmente iria deixar muita saudade e não era arrogância de minha parte ratificar aqueles espontâneos cumprimentos a Elvira; apenas deixei à parte a modéstia, reconhecendo a verdade.

Formou-se de repente uma fila de funcionários da minha empresa, que parecia não ter fim, e meus filhos comentaram um com o outro como eu era estimado pelos empregados. Minha nora, corroborando essas considerações, lembrou-lhes quantas coroas de flores haviam chegado. Eram mais de trinta — exultava — e portanto um sinal de apreço e afeto. É verdade que aproximadamente noventa por cento delas foram enviadas por clientes que ainda não haviam saldado suas dívidas para comigo, mas isso não significava que, além de credor, eu não lhes representava alguém importante e distinto.

Creio que nenhuma outra cerimônia poderia ter-me tocado tanto, não fosse aquele acontecimento o meu próprio velório. Porém, em sonho. Quando chegasse a hora, gostaria que tudo transcorresse exatamente daquela forma — sintetizei.

A alegria durou pouco. Quando resolvi afastar-me de Elvira e dirigi-me ao canto oposto da sala, ouvi várias conversas que não me trouxeram bem-estar. Em rodas de amigos e de funcionários, muitos estavam tecendo considerações agressivas e desairosas a meu respeito. Haviam dito palavras gentis a Elvira mas, por trás, denegriam-me a honra em atitude francamente hostil e descaridosa, afinal, não podia apresentar qualquer defesa. Admito que acompanhar aqueles diálogos ásperos protagonizados por falastrões desumanos era profundamente irritante. Comecei a desesperar-me sem saber a quem recorrer e o que fazer. Quando caminhava confuso de um lado para o outro da sala, deparei-me novamente com aquela soturna figura que na câmara mortuária me havia surgido.

—E então, estais convencido agora de que morrestes? Não ouvis os vossos *estranhos* amigos e familiares tecendo tão *boas* considerações a vosso respeito?

—Cale-se! Isto é somente um sonho. Se fosse verdade, eles jamais estariam falando essas coisas horríveis — respondi de pronto.

—Que falaz argumento! Sois realmente um cego para a realidade. Tenho pena de vós, pois nunca vi, antes, tamanha recalcitrância em admitir uma morte. Deverieis fazer como eu, *desconhecido*, reconhecendo logo o vosso atual estado. Assevero-vos: não é tão ruim quanto pensais.

—E supondo que você esteja falando a verdade — o que vamos admitir, somente para argumentar, — estou morto. Se é assim, há quanto tempo você está vagando neste morgue lúgubre, irritando os que encontra pela frente?

—Há anos, suponho! Nem tenho como responder-vos essa questão, mas a considero irrelevante, pois o que me confere prazer não é digno de contagem de tempo. Vós podeis contar os dias e as horas de vossa terrível situação porque não tendes prazer algum no que fazeis. Eu sou diferente! Minha diversão é essa que estais vendo...

—Que tolice! Você é um frustrado... um pobre coitado que não sabe para onde ir e diz divertir-se nesta funerária imunda. Aposto como nem o seu velório você teve a satisfação de acompanhar.

—E para que o faria? Para ver pessoas criticando-me após a morte? Para perceber o quanto me aturaram quando vivo eu era e agora descontarem sua ira em cima de minha memória com comentários grosseiros a meu respeito? Saibais que já acompanhei centenas de velórios e enterros e em nenhum deles os convidados souberam manter a compostura. Quando não estão criticando o morto — que já não se defende — passam a contar piadas ou divagar sobre heranças e legados. A humanidade é pérfida e suja.

—Você é muito amargo, talvez porque não tenha tido uma família como a minha. Está parado no tempo, cultivando um rancor infinito. Nem o modo de falar você procurou atualizar. Sua maneira de expressão é antiquada e ultrapassada.

—Que grande cultura tendes para corrigir-me os modos dessa forma? Sois um rebolão. A única vantagem dessa nossa conversa é que vós pareceis admitir que não sou apenas fruto da vossa imaginação, como antes o fizestes. Ou estais a conversar convosco mesmo? (risos)

—Não perderei meu tempo argumentando com você. Pouco me interessa de onde veio ou para onde vai. Prefiro estar ao lado de minha família a ter que aturá-lo.

—Não pretendo mesmo ficar. Ah, faço-vos um alerta! Cuidado daqui por diante, pois ireis encontrar outros como eu que não vos darão tanta atenção, nem gastarão muita conversa.

Rapidamente procurei o conforto de Elvira e postei-me, de novo, ao seu lado. Gostava de ouvir as belas palavras de condolências que lhe eram dirigidas pelos convivas. Constatei que o tempo passava à medida que as velas em volta do caixão eram trocadas com certa periodicidade.

Quando minha esposa ficou sozinha, aproximou-se dela o meu gerente de vendas, Válter. Sentou-se numa cadeira ao lado e pegou-lhe uma das mãos. Silenciosamente, começou a afagá-la e beijá-la. Preocupei-me, pois jamais o vira tão íntimo de Elvira antes. Achei, no início, que ele intencionava apoiá-la em momento tão difícil, mas não precisava acarinhá-la daquele jeito. A cada suave deslize de seus dedos pela mão direita da viúva, minha ira crescia. Por que ela não lhe sustava o afago, retirando-lhe a mão? E se meus filhos vissem aquela cena grotesca? — imaginei. Assim permaneceram por muito tempo, o que me fez duvidar da integridade de ambos. Estaria sendo enganado pelos dois? — suscitei. Lamentavelmente, não obtive resposta, pois meus filhos voltaram e começaram a discutir sobre um outro assunto execrável: minha herança.

Marco Aurélio acusava Pedro de ser um fraco, incapaz portanto de conduzir os meus negócios. O caçula atribuía ao mais velho os conceitos de desonesto e desleal como eu. Ora, não bastassem as mútuas agressões entre irmãos, até o meu nome fora envolvido nisso mais uma vez. Insolentes estavam sendo os rapazes — concluí. Deveriam respeitar a minha suposta morte e jamais debater um assunto tão supérfluo nesse tipo de cerimônia.

Por alguns instantes, contemplei todos os presentes no velório e não consegui encontrar em nenhum semblante a imagem do sofrimento e da dor. Estavam tranquilos, embora cansados os que haviam ficado até aquela hora. Nem mesmo minha esposa conseguia manter-se chorosa o tempo todo. Desmistifiquei a imagem que tinha a respeito desse ato de velar um defunto. Imaginei que somente estranhos ficassem alheios à dor e tristemente constatava que também amigos e familiares esqueciam-se do morto, preocupando-se com assuntos inconvenientes.

A situação criada tinha forte apelo de ironia socrática, pois minhas convicções iam caindo uma a uma como se toda minha vida fosse um imenso castelo de cartas. Não era possível um sonho tão real — voltei a pensar. Minhas emoções estavam afloradas e o coração angustiado, somente a razão permanecia turva e abalada.

Recusava-me terminantemente a aceitar que havia morrido. Era uma decisão fruto dos vários anos materialistas de minha jornada na Crosta. Se tivesse que sofrer por causa dessa minha irresignação — pensava — ainda assim seria um mal menor do que reconhecer o cruel fim proporcionado pela morte.

Por alguns instantes, fiquei num canto meditando. Quando percebi, havia uma multidão de pessoas na sala. Não era possível que vários convidados tivessem chegado numa fração de segundo sem que tivesse percebido — deduzi. Olhei para os presentes e tentei reconhecê-los. Somente parte era familiar; a outra integralmente desconhecida. Buscava uma explicação quando um dos estranhos chegou a mim e indagou:

—Você é parente desse morto?

O que eu iria responder? Nada mais me era conclusivo e firme. Tente, assim, ser sincero.

—Pode-se dizer que sim.

—Afinal, é ou não?

—O que lhe importa saber? — redargui.

—Não banque o espertinho! Diga-me logo o que faz aqui, pois é a primeira vez que o encontro.

—Sou parente do morto — arrematei sem muita convicção.

—Então conte-nos alguma coisa engraçada ou bizarra a seu respeito.

—Como assim?

—Ora, estamos aqui para dar boas risadas e já que você conhece o defunto, conte-nos particularidades de sua vida mundana para que nós possamos nos divertir.

—Isso é um absurdo! Ponha-se daqui para fora — gritei colericamente, sem clara noção do que fazia.

As outras pessoas desconhecidas aproximaram-se e começaram a gargalhar até perder o fôlego.

—Ele está nervoso, pessoal! Deve ser o próprio que morreu e não sabe. Que idiota eu fui? Parente qual nada. É o próprio!

—É o próprio, é o próprio! — berravam todos em coro.

Estupefato, não sabia o que fazer e tentei agredi-los fisicamente. Não consegui, mas minha reação violenta provocou-lhes ainda mais a ânsia de ridicularizar-me. Durante horas seguidas, aqueles seres cruéis infernizaram-me sem cessar. Enquanto riam e proferiam impropérios de toda ordem, começaram a transformar-se e, como se fossem protagonistas de uma peça de terror, viraram criaturas monstruosas e grotescas bem diferentes dos outros convidados. Pareciam seres não humanos. Assustei-me, de verdade, quando os vi. Eles entreolhavam-se fixamente e continuavam rindo.

Quando percebi inócuas as minhas reações, não tive mais qualquer vontade de expressar meus sentimentos e fiquei silente, porém contrariado. Se aquilo fosse um sonho, àquela altura já seria um autêntico pesadelo — e dos piores de minha vida.

Para meu conforto, amanhecia e os funcionários da funerária vieram buscar o caixão para conduzi-lo ao cemitério. Aqueles seres disformes retiraram-se apressados. Voltei a ter alguns minutos de calma até que houve um tumulto no momento de fechar o esquife. Alguns familiares choravam e outros encenavam a surrada manifestação de inconformismo com a retirada do defunto. Concluí, de imediato, ser uma falsidade geral, pois haviam passado grande parte da noite conversando animadamente e contando piadas. Alguns discutiam herança e a viúva deixava-se afagar por um empregado. Que carinho poderia ainda restar?

Enfim, eu mesmo já apoiava, indiferente, a retiração do ataúde, ainda que fosse diante das súplicas lacrimosas dos presentes.

Fechado o caixão e lacrada minha esperança de logo despertar daquele pesadelo nefasto, o corpo rijo foi lançado dentro do veículo preto, que arrancou dali seguido por imenso cortejo de carros. Eu teria achado magnífica essa cena caso não estivesse por um lado assustado e por outro irado.

Partimos todos para o cemitério. Gostaria de ter ido juntamente com meus familiares, nos seus luxuosos e velozes veículos, mas restou-me novamente a companhia desagradável do sarcófago repleto de flores e véus rendados arroxeados. Daquela mesma minúscula janela, ficava observando meus filhos no meu carro, logo atrás de mim. Pedro parecia entristecido e dirigia, enquanto Marco Aurélio, com seu óculos escuros adquiridos pessoalmente por mim na última viagem que fizera a Paris, não deixava os olhos expostos para eu saber se chorava. Estranhei vê-lo sorrindo de vez em quando. Elvira, por sua vez, já tinha mudado de roupa. Trajava agora um vestido preto com alguns minúsculos detalhes em branco — talvez flores ou bolas, mas listras não eram. Estava elegante como sempre. Acompanhei-os toda a viagem com um olhar cobiçoso.

Atingimos o nosso destino em alguns minutos. O trânsito da cidade contribuiu muito, mas honestamente não saberia dizer qual era o dia da semana — quem sabe Domingo, deduzi pela facilidade de locomoção. Aliás, minha vida parecia circundar em torno desse dia semanal e em face disso a sonhar e ainda não havia mudado a data. Talvez fosse um fenômeno próprio a esse estado, ou seja, enquanto dormimos o tempo não passa. Admito que fiquei contente em ter encontrado uma tese nova para abonar a minha ansiedade de logo descobrir não estar morto.

Antes do enterro, os funcionários da funerária levaram o ataúde para uma capela, onde passou a figurar como o centro de todas as atenções, colocado em posição de destaque, cercado por enormes castiçais com velas acesas e apoiado em cavaletes. Na cabeceira da urna foi pendurado um imenso crucifixo. Ao redor estavam os convidados conversando entre si, até serem interrompidos pela prece proferida por um sacerdote desconhecido. Suas palavras não foram tão belas e pomposas como aquelas do velório de meu cliente.

Decepcionado, quis afastar-me um pouco para evitar ouvir o sermão mas não consegui. Os molestos fios seguravam-me junto ao corpo. Jungido a essa angustiante situação de aprisionamento acabei agrimando-me. Se estava acorrentado ao cadáver iria ser com ele enterrado, sem poder libertar-me — deduzi. Apavorado, cerquei-me de Elvira abruptamente e ela pareceu sentir a minha presença, pois arrepiou-se toda. Olhou para os lados como se estivesse procurando uma razão para o calafrio que a acolheu de súbito, porém não encontrou nenhuma. Achei, por meu turno, que estaria abrigado ao seu lado, mas quando os convidados ergueram o ataúde para levá-lo à cova fui arrastado pelos corredores do cemitério como se fosse marionete. Nada afastava-me daquele gélido corpo.

Conforme nos aproximávamos do buraco que estava aberto no chão para engolir de vez o sarcófago, se eu não estivesse sonhando diria que estava transpirando e com taquicardia. A minha intenção era retirar-me dali a qualquer custo antes de baixarem o caixão. Não conseguia e isso me gerou um desespero indescritível. Fiz um esforço

tenacíssimo para desgrudar-me dos fios morféticos do meu pesadelo e foi em vão.

O esquife começou a entrar na cova. Todos os presentes davam sinais de *adeus*, alguns choravam e meus familiares apoiavam-se uns nos outros. O sacerdote aproximou-se e começou a despejar uma água inútil em cima do caixão, enquanto a minha perspectiva de visão mudava. Olhava as pessoas de baixo para cima e passava a ver o mundo de dentro para fora da terra. Seria enterrado vivo — pensei. Logo em seguida, recomposto desse devaneio, acrescentei a mim mesmo ser impossível estar vivendo aquilo, pois em verdade — frisei — ***não estava morto***. Porém, a horrível sensação persistia e quando já me sentia vulgarmente a *sete palmos debaixo da terra* não mais via todos os convidados no cemitério. Conseguia vislumbrar somente aqueles mais curiosos que se aproximavam do buraco e dispunham-se a olhar para baixo, talvez querendo ter certeza de que eu me encontrava mesmo ali.

Inenarráveis foram os momentos que vieram a seguir. Sem que esperasse, o coveiro — rude e sem instrução, naquele cemitério, conforme pareceu-me — iniciou o soterramento. Fiquei alucinado e ferido em meus brios. Como um homem daquele poderia colocar um ponto final na existência de um empresário bem sucedido e conceituado como eu? — indaguei-me, já zonzo como se estivesse temulento. Sentia faltar-me horizonte, futuro, esperança. Como era duro ser subterrado daquela forma — refleti. Para quem ficava devia ser simplesmente um gesto derradeiro de despedida, mas para quem ia junto com o corpo era a pior das sensações. Completamente entibiado, cedi ao cansaço e prostrei-me. Não aguentava mais lutar contra os fios que me prendiam e fui compelido a acompanhar instante por instante o soterrar daquele cadáver.

Como poderia descrever a minha impressão quando as últimas pás de terra foram lançadas sobre o esquife?! Senti-me sozinho, isolado e profundamente amargurado. Todos me haviam lançado ao abandono. Elvira saíra de minha vista, provavelmente acompanhada por Válter, o gerente traidor. Por medida de segurança, quando despertasse daquele esdrúxulo pesadelo, iria despedi-lo. Meus filhos logo voltariam à sua rotina e esqueceriam do pai, do mesmo modo que não mais se lembravam de Nick, o velho pastor alemão que era a adoração da casa até ser atropelado por um desatento motorista. Enfim, a vida iria continuar para todos, exceto para mim que estava aprisionado no rarefeito ar de um esquife escuro, na companhia desgostosa de um corpo a um passo de submeter-se à decomposição. Não tinha mais nenhuma imagem do exterior e fiquei confinado a flores murchas e véus rasgados. Sentia-me largado e confuso, afinal já tentara acordar diversas vezes e nunca havia conseguido. Como iria fazer para sair dali? — pensei.

Gritar não adiantaria porque ninguém iria ouvir, além do que tentara isso no velório e não deu resultado algum. Onde estaria aquela criatura que me aborreceu na funerária? Até mesmo ela seria uma boa companhia para minha completa solidão.

Não sabia mais contar as horas ou os dias e tinha nojo de olhar para o lado, pois sentia que o corpo estava apodrecendo. Assistia tudo inerte, notando a invasão abrupta de vários microorganismos por todo o meu corpo , àquela altura gélido e solidificado. A pele encontrava-se desidratada e uma mancha verde já tomava conta do abdômen e partia para o tórax e cabeça. Horrorizava-me cada vez que percebia estar sendo literalmente devorado por aqueles seres quase invisíveis.

Bolhas cheias de líquidos cresciam pelo corpo, principalmente no rosto, pescoço e ventre e meus olhos e língua ficavam procidentes.

O mau cheiro que se instalou no buraco era insuportável. Conseguia senti-lo como se estivesse acordado. Parecia real o que estava vivendo. Isso sem contar a fome, a sede e o frio que me angustiavam.

Pouco a pouco desintegravam-se todos os tecidos e o corpo perdia gradativamente a sua forma. Não conseguia conformar-me e amaldiçoei o dia em que nasci, pois preferia jamais vivenciar aquelas sensações da morte.

Germes, insetos e acarianos atuavam continuamente, vitimando o que restava de Afonso, o rico e bem-sucedido empresário que ao longo de anos serviu-me de invólucro. Quem era eu àquela altura? — pensei. Não tinha mais identidade. Estava pulverizado.

Desalentado, apoiava meu rosto sobre os joelhos e abraçava com os braços as pernas ***(Nota do autor espiritual**: o narrador refere-se naturalmente ao seu corpo espiritual, já que o material estava em decomposição acentuada.**)***. Fiquei como um caramujo, enrolado, arredio, por muito tempo. Quando dava conta do que se passava, aterrorizava-me e imaginava por alguns instantes que, se morto eu estivesse mesmo, iria passar toda a eternidade preso naquele buraco. Por que Deus permitiria isso? — perguntei-me pela primeira vez. Para responder a essa questão, cobrei-me algum ensinamento religioso do passado, talvez um mandamento que o padre de minha cidade natal houvesse ensinado. Enfim, algo deveria existir para justificar tamanha brutalidade e judiação. Ninguém deveria ser lançado ao seu próprio funeral daquela forma. Se existisse algum amor divino, certamente não se coadunaria com tal situação. Entretanto, não ia muito longe em minhas divagações porque o ateísmo impedia-me. Nunca admitira a existência de Deus, nem mesmo da vida após a morte. Aliás, nem mesmo a idéia de morrer tão cedo passara-me pela cabeça. Fui estúpido — argumentei. Deveria ter-me preparado para a morte, que é inevitável. E, por cautela, poderia ter lido algum livro com teses espiritualistas para saber como sair de situações como aquela que vivenciava caso fosse verdadeira a proposição de que há vida depois da morte.

Mortificava-me o pensamento de que poderia ter, de fato, morrido e estava apodrecendo ali ao lado do meu corpo. Se assim fosse, iria acompanhar momento a momento o longo processo de putrefação e quando virasse pó até mesmo aquele malíssimo objetivo de decomposição estaria perdido.

O que iria fazer então? Quando já não fosse mais que pó, engolido pelas entranhas da terra, como passaria os meus dias? — insistia em questionar. Ironicamente, lembrei-me de ocasiões passadas quando desprezei belos momentos de minha existência procurando emoção e aventura. De vez em quando, Elvira e as crianças propunham-me um passeio simples no parque, por exemplo, e eu dizia que tinha mais o que fazer e não perderia tempo com algo tão inútil e desinteressante. Inúmeras outras vezes fiz mesma coisa e rejeitei tudo o que se considerava pacato e comum.

Sentia, quando estava enterrado sem luz, ar e vida ao meu lado, o quanto fora feliz e jamais dera valor ao que me era proporcionado. Tinha uma família querida, um bom trabalho e a possibilidade de passear em um parque, vendo flores e tendo o céu azul sobre minha cabeça. Até mesmo a claridade solar seria um prêmio para mim, que me encontrava arremessado às trevas.

Se pudesse voltar no tempo — simplifiquei — modificaria o ritmo da minha existência e implementaria outro, bem diverso, que fosse mais simples, tranquilo e apegado aos valores inerentes à natureza humana. Nada de aventuras extraconjugais ou viagens longas; coisa alguma de artificialismos que serem para enrijecer o caráter dos homens. Como era fácil pensar em mudar de vida quando estava enterrado e submerso em solidão e desespero — concluí. Por que não tive esses pensamentos quando estava vivo?! — completei.

Pela primeira vez, cedi e aceitei a idéia de que, afinal, poderia estar morto. Era melhor assim. Se estivesse apenas sonhando e despertasse seria um momento de rara felicidade, porém se não mais voltasse à vida material, precisava acostumar-me com a idéia. Naquele buraco, preso e paralisado, nem mesmo louco ser-me-ia permitido ficar.

Minhas consciência e memória não foram alteradas e eram os únicos bens que me restavam. Conseguia raciocinar e colhe recordações e comecei a dar valor às pequenas coisas que ainda possuía. Fragmentei o meu sentimento em duas partes: rancor e resignação. Aparentemente inconciliáveis, o meu estado de miserabilidade espiritual era tamanho que conseguia espaço para cultivá-los. Guardava um amargo ressentimento dos instantes que estava sendo obrigado a vivenciar, mas começava a sorvar em meus rígidos princípios materialistas e buscava conformar-me com o fato de estar, quem sabe, morto.

Quando Elvira disse que se casaria comigo, senti um ligeiro aperto no coração e felicitei-me por ter alcançado mais uma conquista em minha jornada. Saíra de uma pobreza vergonhosa e começara a ingressar em outro patamar de minha vida. Casando-me, meu sogro havia prometido investir uma razoável quantia em dinheiro no negócio que eu estava montando. Não era muito, porém o suficiente para fornecer-me combustível para decolar em minhas aptidões. Eu era excelente comerciante e só me faltava capital. Conquistando Elvira — moça de classe média, sem nenhum encanto especial, mas que tinha um gênio afável e compreensivo — levei comigo para o altar um considerável aumento em minha conta bancária. Achava que o

casamento servia justamente para isso. Se fui rejeitado por Júlia — jovem de berço nobre e rica — aceitei submisso os ditames do destino, prometendo-me, no entanto, uma rápida ascensão social. Esse progresso não se destinava à conquista da altiva moça que não me quis, mas somente para ter o prazer de, como pai, refutar candidatos inadequados, no futuro, à mão de alguma filha minha. Talvez fosse um recalque mal resolvido, mas tudo que nos ocorre de errado acabamos descontando nos outros um dia. Sempre pensei desse modo e ao consorciar-me a Elvira dei o primeiro passo para solidificar o meu intento.

Não tive filha alguma, quem sabe porque algum pretendente fosse sofrer muito em minhas mãos.

Renovado economicamente pela dádiva do sogro, aumentei minha empresa e senti-me fortalecido para enfrentar os obstáculos da vida, exceto morrer. Para isso realmente não me havia preparado. Jurei que só pensaria no assunto ao atingir os oitenta anos, patamar que planejava atingir. Mas possivelmente não tenha dado tempo. Morrera sem saber e naquela cova úmida tinha que encontrar uma solução para o meu dilema.

Quando se está em desesperadora situação, várias respostas anteriormente inadmissíveis para o ser passam a ser consideradas com a atenção. Esse foi o meu processo de conscientização, pois imaginei que só sairia daquele buraco se pudesse libertar-me dos negros fios que me jungiam ao quase extinto cadáver. Percebi que eles pareciam desaparecer no momento em que eu admitia estar, de fato, morto. Quando negava, eles enrijeciam e a prisão continuava.

Resolvi, então, tentar uma saída para o meu sofrimento. Concentrei-me com todas as forças e busquei convencer-me em definitivo que não mais pertencia ao mundo dos vivos. Foi difícil e doloroso, mas sem o corpo físico — àquela altura devorado por minúsculos seres da escuridão — tornou-se uma missão possível.

Horas, dias, meses ou anos — não saberia especificar — transcorreram naquele processo de convencimento íntimo. Como era duro e complicado ser materialista — deduzi. Mas em algum momento senti que seria capaz de afastar-me daqueles despojos e tentei. Lentamente joguei-me para o lado e avancei sobre a terra. Empurrei com força visando desencavar-me. Pela primeira vez, senti-me flutuando e não mais encontrava as correntes que me ligavam ao esquife apodrecido. Subitamente, de um modo inexplicável, vi-me em cima do túmulo e não mais soturnamente enterrado. Tive a sensação de voltar a respirar, embora já estivesse convencido que isso não era possível a um morto. No máximo, seria um semivivo ou semimorto, não sei bem. O fato é que havia conseguido deixar o buraco e estava de volta ao mundo exterior.

Era noite e o cemitério estava escuro como um breu. Ainda assim o alento invadiu-me o âmago e qualquer coisa seria melhor que a total escuridão da cova. Conseguia deslocar-me de um lado para o outro e tentei várias vezes caminhar pelas alamedas daquela comunidade

solitária. Os mausoléus eram imponentes e belíssimos. Havia estátuas de mármore e flores caras murchando em vasos de porcelana. Olhei fixamente para um deles em especial e pensei: *Que desperdício*! Se a família que o colocou soubesse que o morto não tem o menor interesse nessa ostentação porque está soterrado, infeliz e angustiado, jamais iria gastar tanto dinheiro nessa asneira decorativa. Era verdade que estava amargo e noutros tempos até que gostaria de ter visto tanta riqueza perdulária. As coisas estavam mudando — raciocinei.

De repente, senti que algumas pessoas aproximavam-se. Seriam mortos, como eu, ou vivos? Deixei que chegassem mais perto. Caso falassem comigo, naturalmente eram do meu novo mundo; do contrário, seriam do outro. Eles passaram por mim e sequer voltaram os olhos na minha direção. Ou não me enxergaram ou fora desprezado. Disposto a desvendar o ocorrido, procurei acompanhá-los.

Eram quatro rapazes cujas idades deviam variar de dezesseis a vinte anos. Eles agacharam perto de um sepulcro pomposo e quebraram a corrente que protegia a porta de entrada. Concluí estarem *vivos*, pois conseguiam tocar nas coisas com eficácia. Segui-os. Dentro do mausoléu, reviravam tudo à procura de bens valiosos, o que me fez deduzir serem ladrões. Era impressionante a sensação de vê-los furtando na minha frente porque não conseguia esboçar qualquer reação: estava impassível. Em outros tempos, talvez a cólera me fizesse avançar sobre eles tentando deter-lhes a ação criminosa. Mas estava mazelento e pouco me importava o que faziam. O sofrimento que tive naquela cova horrível era incomparável a qualquer outra dor — argumentei. Se resolvessem subtrair o cemitério inteiro, eu só ficaria mais feliz por livrar-me daquela desagradável visão de túmulos e sarcófagos. Deixei-os ocupados nos seus afazeres e saí de perto.

Para onde iria? — refleti. Já que podia locomover-me, resolvi andar pela cidade e, quem sabe, procurar minha família. O cemitério da Consolação era grande e ficava quase no centro de São Paulo. Chegando à rua, olhei os carros passando e senti um aperto no coração: nunca mais iria dirigir um automóvel. Essa foi a pior imagem que poderia ter tido. Afinal, depois de tanto sofrer aprisionado ao meu extinto corpo físico, o que importava conduzir um veículo naquele trânsito caótico? Mas o ideal materialista de vida arrebatara-me por longos anos e seria difícil, de uma hora para outra, perdê-lo.

Fui caminhando em direção ao Jardim Paulistano, onde morava. Subi até a Avenida Paulista e depois acompanhei o curso da Avenida Rebouças. No trajeto, lembrava-me como fizera questão absoluta de residir naquele bairro tradicional da capital paulistana. Dissera a Elvira: “Nossos filhos precisam ter o melhor. Vamos morar onde estão as famílias aristocratas de nossa cidade”. Na realidade, começava a admitir que a vontade de igualar-me aos ricos era muito mais interesse egoístico meu do que um favor aos meus filhos. Pedro nunca ligou para isso e Marco Aurélio, tendo dinheiro no bolso, estava sempre feliz. Elvira, por sua vez, era simples por natureza e o que eu dizia estava bom para ela.

Enquanto seguia o rumo do meu bairro, via passar por mim multidões de Espíritos seguindo encarnados. Sabia que não eram vivos porque eles flutuavam como eu um pouco acima do solo e tinham uma tonalidade diferente — pálida, cinzenta, sombria. Além disso, as pessoas dos automóveis não os viam no meio da rua e passavam por eles como se fossem apenas nuvens de fumaça ou algo parecido. Sentia-me, no entanto, solitário porque não tinha ninguém para conversar e até os mortos ignoravam-me.

Determinado a chegar logo em casa, continuei. Passando por algumas mansões transformadas em casas e escritórios comerciais, percebi que muitas daquelas famílias tradicionais, às quais me referi há pouco, já não eram tão ricas assim e tiveram que sair de suas moradas antigas, alugando-as a terceiros para gerar renda. O estereótipo da riqueza era passageiro e muitos perdiam tudo da noite para o dia. De que adiantava concentrar todos os esforços no acúmulo de renda se não carregávamos conosco para o túmulo esses valores? Sentia-me à vontade para ter tais idéias pois ninguém melhor que eu acabara de sofrer uma penosa vivência abaixo da terra, desprovido de qualquer conforto e passando as maiores privações. Tive fome, sede, sono e frio, sensações que me marcaram indelevelmente. Nada disso pôde ser saciado, apesar de ter morrido deixando fortuna. Onde estava, predominavam outros tipos de valores, talvez os espirituais... justamente os que eu não cultivava. Para sair dali, fui obrigado a admitir que estava morto e enquanto não cedi à minha estreita teimosia nada consegui.

Chegava à esquina da Avenida Brasil quando vi um motorista perder o controle do seu veículo, que vinha em alta velocidade pela via pública, atravessar o canteiro central e bater frontalmente num poste. O condutor — ante o violento impacto — foi arremessado longe, varando o parabrisa do carro e estatelando-se no chão. Parecia ser um rapazote de não mais que dezoito anos. Ele sangrava por todos os poros e contorcia-se de dor, mas provavelmente estava quase inconsciente. Eram quatro horas da madrugada e ninguém parava para socorrê-lo. Pensei que pudesse ser um filho meu e entrei em pânico, embora soubesse nada poder fazer pois estava morto. Olhava para os lados e comecei a perceber uma turba de Espíritos aproximando-se. Eles gargalhavam e cutucavam-se mutuamente apontando algum detalhe na agonia do jovem.

Fiquei irritado com tamanha barbaridade, em especial pela indiferença e falta de humanidade daqueles seres que se arrastavam como eu pelas trevas da metrópole. Finalmente, para meu consolo, aproximou-se do lugar uma viatura policial. Os guardas desceram e de imediato tentaram socorrer o ferido. Inútil, pois ele já estava morto. Tinha certeza disso porque o vira assustado ingressando no mundo espiritual, sem muita noção do que lhe acontecia. Tentei chegar mais perto para dar-lhe algumas orientações e não consegui. Aquelas criaturas endemoniadas juntaram-se em volta do rapaz e em pouco tempo sumiram dali carregando-o consigo. Fiquei perplexo, ao mesmo

tempo em que ouvia um policial dizer ao outro que o motorista estava completamente embriagado. Teria ele cometido suicídio? Ou fora somente imprudente? Não soube responder a essa minha dúvida, mas o certo é que o moço saiu dali rapidamente antes que eu pudesse dizer-lhe qualquer coisa. Por que fora levado por aqueles Espíritos, diferentemente do que acontecera comigo? — imaginei. Sem resposta, continuei minha viagem.

Contornei pela Avenida Brigadeiro Faria Lima e ia entrar na Alameda Gabriel Monteiro da Silva quando vi um carro esporte, muito bonito, provavelmente importado, levando um casal. A moça era jovem e bem vestida. Tinha um cabelo louro que esvoaçava loucamente pela força do vento que invadia o automóvel, deixando o rapaz cada vez mais admirado por tanta beleza e sensualidade. Estranhei, entretanto, quando percebi a presença de uma outra figura entre eles. Não conseguia distinguir quem era e, por sorte, o semáforo fechou. Parado, aproximei-me. O moço fazia propostas à sua acompanhante e, àquela hora da noite, naturalmente não eram das melhores. Enquanto ela pensava, a criatura que ao seu lado esguia parecia mussitar em seus ouvidos, incitando-a a aceitar. Finalmente, o semáforo tornou-se favorável e achei que o carro iria embora, mas o rapaz disse que dali não sairia até ouvir-lhe a resposta. A jovem orgulhou-se dessa demonstração de força e apressou-se em suas reflexões. Outra vez, aquele Espírito murmurou-lhe alguma coisa. Ela então aceitou o que o jovem lhe propusera e o veículo arrancou violentamente. Fiquei alguns momentos pensativo. Quem havia, afinal, decidido: a moça ou a criatura? Poderia haver tanta intromissão dos mortos na vida dos vivos? — perguntei-me, sem condições de obter resposta mais uma vez.

Que mundo bizarro, repleto de mistérios, que misturava ficção com realidade! — exclamei. Na minha concepção momentânea, eu era uma personagem fictícia na terra dos vivos.

Quando cheguei em minha residência, amanhecia.

Entrei pelo portão principal, aliás varei por ele. No quintal, o único a perceber minha presença foi o cão de guarda, um dobermann comprado para substituir o velho Nick. Ele latiu sem parar e não tinha a perfeita noção de quem ali estava, nem mesmo o lugar exato onde me encontrava pois rodou em volta da piscina três ou quatro vezes irritado, como se estivesse procurando o meu rastro. Senti-me um larápio, um verdadeiro invasor, não obstante fosse a minha casa.

Pouco depois, estava na sala apreciando os meus valiosos quadros e minhas peças de arte. Eram todos lindos e caros. Estavam intocados, no mesmo lugar em que os deixara. Elvira, minha querida esposa, iria conservá-los ali para sempre — imaginei. Sentei-me em minha poltrona predileta e simulei estar vivo, fingindo segurar o meu charuto cubano e baforar uma fumaça fétida que a todos incomodava, exceto a mim. Quase me acostumava com a idéia de estar, de fato, fumando no *living*, quando o telefone tocou e inseriu-me novamente na realidade. Quem seria àquela hora da manhã? — pensei. Dois toques foram suficientes para alguém atendê-lo. Era estranha a situação, pois quando eu estava

presente demoravam minutos para alguém dignar-se a pegar o fone. Fui rapidamente verificar quem havia atendido e invadi os quartos com pressa, passando de um para outro, até encontrar Elvira, sentava à beira da cama conversando ao telefone. Ela estava linda e mudada. Imaginei encontrá-la soturna e chorosa e ao invés disso via uma mulher elegante e vivaz que não parecia ser uma viúva sofrida.

Naquele instante, tive a curiosidade de saber quanto tempo havia passado desde a minha morte, mas o meu referencial estava prejudicado pois não sabia qual era a data do meu falecimento. Fui ao calendário mesmo assim e constatei que, aproximadamente, fiquei cinco anos afastado. Desde o momento que me lembro de ter ido pela última vez ao escritório — talvez na véspera da minha morte — até aquela data cinco longos anos tinham passado. Essa era a razão pela qual não encontrei Elvira abalada e saudosa. Conformei-me um pouco e aproximei-me dela. Fiquei bem próximo e tentei ouvir quem estava do outro lado da linha. Aterrorizado, constatei ser Válter, o mesmo atrevido que lhe segurara a mão ainda no meu velório. Seria insuportável aceitar que meu gerente tivesse conquistado a minha mulher. Aquele sentimento de raiva, despeito e ódio invadiu-me a alma e entrei em colapso. Gritei desesperadamente para fazer-me ouvir e arremessei-me contra os objetos do quarto disposto a chamar a atenção. Em vão. Ela continuou a sua conversa amorosa e nem percebeu que eu estava presente. *Que bobice*! — deduzi. Estava morto e já não pertencia ao seu mundo. Resolvi sair dali para arejar o pensamento. Procurei os meus filhos. Marco Aurélio não estava, pois morava em outra casa com minha nora, mas Pedro devia estar dormindo com certeza.

Chegando ao seu quarto, cautelosamente ingressei e percebi que ele realmente estava deitado em sono profundo. Sentei-me numa cadeira do canto e fiquei observando o rapaz. Concentrado, comecei a perceber que delicados fios dourados saíam de algum lugar do seu peito e da cabeça, estendendo-se para cima até desaparecer no teto do dormitório. O que seria aquilo? — perguntei-me. Não me atrevia, no entanto, a chegar mais perto. Continuei onde me encontrava, até que vi Pedro saindo do teto e dirigindo-se ao seu corpo que estava na cama. Teria ele morrido também? Sobressaltado, ergui-me e fui em sua direção. Antes que pudesse tocá-lo ele voltou-se para mim e disse: *"— Olá, papai, há muito tempo não o via! Como você está? Não me parece muito bem!"*. Fiquei completamente sem fala. Não conseguia balbuciar uma única palavra e sentia meu coração despedaçando-se aos poucos. Pedro, então, tocou-me no ombro e continuou: *"—Não estou morto, apenas durmo. Agora, vou voltar ao meu corpo pois preciso ir para a faculdade. Um beijo, papai. Venha ver-me sempre que puder"*. Terminada a sua frase carinhosa, ele acomodou-se na cama e logo após o seu corpo manifestou sinais de que iria despertar. Que situação! Será que ele continuaria a perceber a minha presença? Por que não lhe disse o que sentia? — cobrei.

Momentos depois, meu filho levantava-se do leito e espreguiçava exatamente como eu fazia. Ergueu-se e foi direto ao banheiro, mas não

parecia estar preocupado comigo. Resolvi segui-lo, pois ele era a minha única esperança de sentir-me parcialmente vivo de novo.

Ainda que estivesse bem próximo, Pedro não me sentia. Frustrei-me. Descemos juntos à mesa do café e sentamo-nos lado a lado. Elvira estava presente e conversava amenidades. Em determinado instante, o rapaz parou de beber o suco, retirou o copo da boca e disse:

—Sonhei com o papai esta noite. Ele parecia não estar muito bem. A senhora tem pensado nele?

—Em seu pai? Confesso que faz muito tempo que não o tinha em mente.

Quando a isso não me restava a menor dúvida. Eu sabia muito bem porque ela não pensava mais em mim — completei por minha conta.

—Fiquei contente em sonhar com ele, pois agora sei que está por perto.

—Como assim, Pedro?

—Ora, deve estar desprendido de seu corpo e vagando pela casa à procura de ajuda.

—Pare com isso! Deus do céu! Que pensamentos esquisitos você tem, meu filho.

—Não são *esquisitos*, mamãe. É a realidade! Se papai morreu e não foi recolhido por alguma colônia espiritual, deve estar vagando por aqui em busca de respostas que ele não tem.

Isso mesmo, garoto, continue! — pensei contente.

—Você só fala tolices. Quando menor, era católico fervoroso e quase foi coroinha na capela do colégio. Depois, influenciado pelo seu tio Jofre, que Deus o tenha, tornou-se para o lado desse tal de *espiritismo*. Agora, só fala em *colônias espirituais*, *Espíritos* e *reencarnação*. Tenha paciência, Pedro! Ninguém aqui em casa jamais lhe deu algum crédito, nem mesmo o seu falecido pai. Aliás, Afonso brigava sempre com o irmão por causa dessas conversas, lembra-se?

E provavelmente fora uma estupidez de minha parte — concebi.

—Sei disso! Mas não me impede de continuar acreditando em determinadas coisas que agora, a partir de meu amadurecimento e de minhas reflexões, julgo verdadeiras.

—Não, não impede. Há liberdade de crença neste país. Pense como quiser, mas não tente impor o seu pensamento a mim ou ao seu irmão.

—Seria inútil! Aliás, do mesmo modo que aconteceu com papai. Ele nunca me ouviu. Por isso, deve estar sofrendo em algum lugar. Talvez precise de auxílio.

—Imagine o que quiser, Pedro. Mas poupe-me desse tipo de conversa durante as refeições. Tenho outra crença e a única coisa que gosto de fazer, de vez em quando, é ler a bíblia.

—Está bem! Não tornarei a esse assunto. A senhora vai sair hoje à noite?

—Por que?

—Preciso do carro. Vou à reunião...

—Ah, os seus encontros *fantasmagóricos*?!

—Não são fantasmagóricos, mamãe! Deixe de implicância.

—Muito bem, pode usar o carro. Vá onde quiser, afinal você já está bem grandinho. Eu vou sair com Válter e devo retornar tarde.

De novo o nome do gerente. Como era cruel não poder participar da vida que um dia foi minha. O pior era o inconformismo com essa situação. Era-me inadmissível ver minha esposa com outro homem ou mesmo vê-la participar da rotina do lar sem reverenciar a minha figura. Pedro, no entanto, tinha razão. Eu nunca quisera ouvi-lo a respeito dessas coisas do espírito. Graças a isso talvez tenha ficado anos aprisionado ao meu corpo físico, que apodrecia à minha frente. Despertara-me a curiosidade de seguir meu filho caçula para ver do que se tratava essa reunião fantasmática onde iria.

Passei o dia sentado na mesma cadeira onde vi Pedro pela primeira vez. Fiquei no seu quarto pois não tinha para onde ir. À noite, o rapaz entrou, mudou a roupa, pegou alguns livros e saiu rapidamente. Fui atrás. Entramos no carro e ele partiu.

Quase atravessamos a cidade e fomos parar num bairro periférico, diante de uma casinha que parecia abandonada. Era uma construção simples e térrea, com paredes pintadas de branco. À sua frente estava um pequeno jardim com imensas roseiras, encantando os transeuntes que por ali passavam.

Eram dezenove horas e já havia anoitecido. Quando Pedro entrou, foi recebido por um homem de meia-idade, trajando roupa comum e sapatos surrados. Ao seu lado, uma senhora distinta e modestamente vestida que também veio, sorridente, recebê-lo. Pareciam ser os donos da casa. Ficaram conversando na modesta sala, decorada apenas com uma estante de madeira que sustentava vários livros espíritas e um aparelho de televisão. Um dos assuntos que trataram dizia respeito ao sonho que meu filho tivera na noite anterior, onde me teria encontrado.

Interessado, fiquei bem próximo dos dois para ouvir a conversa, mas estranhamente só conseguia vê-los. Nenhum som era captado. Estaria surdo? Tentei chegar mais perto a fim de colocar-me entre ambos, mas fui impedido. Uma cúpula de vidro os envolvia. Era transparente, o que me permitia enxergá-los, embora fosse resistente a ponto de não me deixar escutar o que falavam. Irritado, lancei-me contra ela, pois todas as portas não me eram barreira, já que estava morto. Choquei-me violentamente sem conseguir vencê-la e fiquei atordoado. De que material seria feito aquele vidro que não permitia a um Espírito ultrapassá-lo? — pensei. Estava isolado de meu filho.

Subitamente, outras pessoas começaram a chegar e sentavam-se ao redor de uma mesa. Ao lado de cada uma delas começou a surgir a mesma estranha cúpula de vidro. Nenhuma palavra, portanto, era ouvida por mim naquela sala.

Antes de iniciarem a reunião, todos ficaram sentados em volta da mesa retangular, com doze lugares, enquanto outros encarnados começaram a entrar no ambiente. Entretanto, conforme eles chegavam a cúpula ia ampliando o seu tamanho até abranger todos os

participantes vivos da reunião, pois os mortos eram afastados do centro da sala — onde estava a mesa.

Em determinado momento, com a extensão que tomava aquela cúpula, fui colocado para fora da casa e fiquei na rua. Ao meu lado já havia centenas de Espíritos na mesma situação. Quem estaria lá dentro? — refleti. Achei que seriam somente os vivos. Momentaneamente conformei-me, uma vez que nenhuma criatura como eu conseguia ingressar no local.

Uma luz amarela bem forte nasceu dentro da casa e brilhou intensamente por alguns minutos. Quase cegou-me e fui obrigado a fechar os olhos. De repente, alguns Espíritos, vestidos de modo estranho, começaram a entrar na sala. Julguei profundamente injusta essa distinção e lancei-me contra a cúpula novamente. Foi infrutífera a minha tentativa de romper o cerco. Estava isolado do lado de fora. Entravam somente alguns vestidos de índios e outros de romanos. Havia também uns que usavam vestes brancas longas como túnicas ou vestidos. Seria necessário alguma roupa especial para o encontro? — imaginei. Talvez por isso não estivesse conseguindo entrar. Mas onde iria conseguir outra vestimenta? Resolvi aguardar, até que um Espírito chegou perto de mim e disse:

—Faz quanto tempo que você espera uma oportunidade de entrar?

—Eu? Bem, cheguei junto com meu filho e de repente fui colocado para fora. Você sabe o que está acontecendo lá dentro?

—Seu filho participa das reuniões em que plano?

—Como assim?

—É vivo ou morto?

—Ora, obviamente ele é *vivo*! — disse contrariado.

—Não é tão óbvio assim, porque você está vendo que outros entram na sala e são Espíritos como nós.

—Está certo, desculpe-me! Estou um pouco irritado, porque não sei para onde ir e não gostaria de estar longe de Pedro.

—Pedro é o seu filho?

—É. Somente ele conseguiu ver-me depois que morri, por isso preciso dele para entender o que me acontece. Aliás, você é o primeiro que fala comigo desde há muitos anos.

—Chamo-me Plínio! Prazer em conhecê-lo.

—Afonso.

—Pois bem, Afonso, há quanto tempo você sabe que está morto?

—Há pouco... Passei muitos anos praticamente *enterrado*. Você me entende?

—Sim, já vi casos assim.

—Todos não são do mesmo modo?

—Não. Eu, por exemplo, desde o primeiro dia fiquei na minha casa e não arredei pé. Sabia que tinha acabado, mas mantive-me alerta. Ninguém podia chegar perto de minhas coisas que eu ficava descontrolado. Mas sabia que estava morto. Depois me conformei e

larguei tudo para trás. Hoje fico vagando em busca de um lugar definitivo para ficar.

—Por que houve diferença entre nós? Eu não conseguia sair de perto do meu corpo.

—Depende do que você aceitou para si mesmo. Pelo que sei, enquanto ficar negando a morte, o Espírito segue junto com o corpo até que admita internamente a realidade. Outros, porém, são arrastados por criaturas terríveis a locais piores do que uma cova de cemitério.

Lembrei-me do rapaz que morrera no acidente de carro. Realmente ele fora levado por uma multidão de entidades soturnas.

—Entretanto, Afonso, há aqueles que seguem para as cidades de luz.

—Você quer dizer que cada um vai para um local diferente?! E enquanto fiquei injustamente detido junto ao meu cadáver por anos a fio, outros vão a lugares piores e alguns, aquinhoados, seguem para *cidades iluminadas*?! Não está exagerando?

—Estou dizendo a verdade.

—Se você sabe tanto assim, por que ainda está por aqui? Por que não foi para essa tal *cidade*?

—Não é bem assim. Nossa vontade é limitada. São *eles* que dizem para onde podemos seguir — completou Plínio apontando para dentro da casa.

—*Eles* quem? Não entendo!

—Você não viu que há Espíritos que conseguem penetrar nessa reunião onde seu filho está?

—Sim e daí?

—Pois são *eles* que ditam para onde podemos ir...

—Sabe, estou farto dessas regras impostas sabe-se lá por quem. Se não posso entrar na reunião, azar. Vou-me embora. E você, o que vai fazer?

—Venho tentando há muito tempo ser chamado para ingressar. Todas as semanas coloco-me aqui do lado de fora e aguardo um momento para mim. Tenho esperança de que serei convidado a entrar algum dia.

—Bobagem! Isso é um contra-senso. Se meu filho está lá e eu não posso entrar então não ficarei aqui implorando por um ingresso.

Retirei-me contrariado e deixei Plínio com seus conselhos que considerei esdrúxulos. Começava a ficar realmente irado porque não encontrava abrigo em minha casa, não era visto pelos vivos e ainda não fora impedido de acompanhar a reunião onde estava meu próprio filho. Por fim, quando um Espírito falou comigo pela primeira vez tentou convencer-me de que há *cidades de luz* para onde vamos somente quando chamados. E se não formos convidados? E que diabos devemos fazer para ter a esmola tão desejada? — praguejava pela rua enquanto andava.

Quando estava no auge do meu agastamento, fui abordado por um grupo de criaturas estranhas, todas vestidas de preto e com capuzes na cabeça. Pareciam frades ou coisa semelhante.

—Você é novo aqui, não? — indagou-me uma delas.

—Quem é você? Nunca o vi antes.

—Somos seus amigos e gostaríamos de convidá-lo a vir conosco. Há muitos lugares interessantes para conhecermos juntos. Que tal, aceita nosso convite?

—Trata-se das tais *cidades iluminadas*? — perguntei curioso.

Eles riram demoradamente e em seguida negaram com veemência a minha indagação. Fiquei surpreso, pois percebi que não tinham o menor interesse nessas comunidades mencionadas por Plínio.

—E então? Você vem ou não?

—Vocês são padres ou algo assim?

—Somos monges. Estamos ao seu lado para dar-lhe paz espiritual. Venha conosco e não se arrependerá. Vimos o seu desespero e resolvemos ajudá-lo.

Apreciei ouvir que, finalmente, alguém me entendia. Resolvi segui-los. Tão logo passei a andar com o grupo, via-me trajando um manto negro semelhante àqueles que todos vestiam.

—Onde foi parar minha roupa? Que túnica é esta?

—Ora, você agora nos pertence. Deve trajar-se como nós.

Não entendi bem o que ele quisera dizer com “nos pertence” mas desinteressei-me em perguntar.

Chegamos a uma igreja num bairro qualquer, onde nunca estivera antes. Entramos pelos fundos e começamos a descer uma extensa escadaria. Eram tantos degraus que tive dúvida se se tratava de algo material ou espiritual. Ao findarmos o trajeto, deparei-me com uma imensa porta de ferro que foi aberta rapidamente como se fosse muito leve. Deduzi que estava vivenciando um aspecto do plano imaterial. As criaturas vieram o tempo todo falando alto e gargalhando sem cessar, azoinando o ambiente.

Subitamente, fui largado sozinho e os monges desapareceram. A porta atrás de mim fechou-se e via-me outra vez detido num lugar escuro e úmido. Voltei-me para os lados a fim de encontrar alguém e nada enxergava. Por que tinha que passar por tantas situações dramáticas? Que mal fizera para ser tratado como um criminoso e viver acorrentado ou preso em algum local como aquele? Não bastasse tanto tempo detido e enterrado, estava sendo lançado de novo a uma masmorra? — argui.

Gritei desesperado para que algum monge pudesse ouvir-me. Ao menos uma explicação merecia. Eles haviam dito que iriam ajudar-me e nada haviam feito além de me trancafiar num buraco qualquer. Um silêncio enlouquecedor era minha resposta. Agachei e chorei com amargor intenso no coração.

Não saberia dizer quanto tempo ali fiquei, mas certo dia a porta gigante abriu-se e um frade ingressou.

—Afonso, meu caro, você já terminou a sua penitência?

—O que? Quem é você? Há quanto tempo estou aqui?

—Não importa, meu filho, sua clausura é necessária ao seu aprimoramento espiritual. Disseram-me que pretende ingressar em nossa ordem e, para tanto, precisa acostumar-se com o isolamento.

—Que ordem? Vocês estão loucos ou não sabem que estão mortos?

—Mortos? A morto não existe como você pode ver. Desde que deixamos as vestes corpóreas estamos aqui recolhidos nesta velha igreja reconstruindo nosso mundo e recrutando voluntários para continuarmos nossa missão de fé.

—Deus, que insanidade coletiva! Eu quero sair daqui e pouco me importa a sua ordem. Está claro?

—Mas disseram-me que sua adesão fora voluntária...

—Eu nem sabia do que se tratava. Se você quer algum seguidor, vá procurar outra pessoa.

—Afonso, normalmente não atendemos esse tipo de pedido porque sabemos ser fruto da insensatez, porém hoje é o dia da libertação em nossa ordem. Soltamos vários voluntários que, como você, optaram em não permanecer. Se quiser, portanto, pode ir mas tenha cuidado quando outra vez aderir ao nosso movimento.

—Tenha a certeza de que jamais voltarei a pisar neste lugar. Por onde devo seguir?

—Volte pela mesma escada que o trouxe até aqui. Siga em frente e suba à direita. Quando você encontrar a saída, certamente saberá...

Imediatamente fui embora. Tive medo de ficar detido ali, caso a criatura mudasse de idéia. Enquanto subia fui notando uma mudança de tonalidade e de ambientação. Onde estava, parecia inexistir qualquer cor e o ar era menos rarefeito. À medida que galgava cada degrau, começava a ver algumas cores e sentia-me mais leve até que atingi o final da escada.

Buscando reconhecer o local onde me encontrava, olhei para todos os lados. Percebi a existência de um longo balcão de madeira nobre escura, além de vários armários espalhados, contendo grandes gavetas. Irresistível curiosidade abateu-me. Comecei, então, a vasculhar o ambiente com os olhos.

Num dos cantos, cuidadosamente colocados sobre uma cadeira empoeirada, estavam alguns aparatos estranhos, tais como uma túnica com estola, típicas vestimentas sacerdotais. Ao lado, encontrei outros utensílios semelhantes — alva, amito, cíngulo e casula. Não havia qualquer dúvida, estava no interior de uma sacristia.

Que azar, pensei. Acabara de sair de uma prisão no subterrâneo da igreja e quando voltei à superfície terminei confinado num quarto pouco arejado que me deixava agoniado. Preparava-me para sair dali, quando algumas entidades entraram e sem nem mesmo reparar na minha presença começaram a vestir roupas de sacerdote semelhantes àquelas que estavam sobre a cadeira.

Em seguida entrou um padre que foi direto a um guarda-roupa situado próximo ao balcão. De lá retirou algumas capas pluviais, ricamente ornadas e normalmente utilizadas em casamentos ou outras

cerimônias especiais. Acomodando-as num dos braços, com certa dificuldade, tomou na outra mão uma caixa de tamanho médio contendo um cálice de metal dourado, a pátena, uma pala, um véu e vários missais. Os Espíritos que haviam ingressado no recinto anteriormente ficaram alvoroçados e comentavam um com o outro a felicidade que sentiam de estarem de volta à casa que durante longos anos os abrigou. Logo após, saíram apressados atrás do padre como se fossem auxiliá-lo na celebração de algum culto.

Mesmo intrigado, deduzi que se tratava de sacerdotes desencarnados que ali estavam confinados, recusando-se a deixar a igreja que durante longo período serviu-lhes de templo. Como era estranho esse apego exagerado à religião; será que todos os cultos tinham seguidores tão obcecados que, ainda após a morte, continuavam atrás das mesmas situações que anteriormente vivenciaram? — pensei. Percebi, no entanto, que comigo não fora e não estava sendo diferente. Calei-me e deixei minhas divagações de lado.

Minha intenção era sair dali, mas as entidades que haviam deixado a sacristia voltaram apressadas. Resolvi esperar mais um pouco, já que elas não ligavam para a minha presença. Segundos depois, voltou o mesmo padre que estivera ali e carregou para fora mais alguns aparatos, tais como hóstias, âmbulas, galhetas, castiçais e ostensórios. Novamente, os Espíritos o seguiram de perto.

Era impressionante, mas onde ia o encarnado estavam também as criaturas desencarnadas, que demonstravam estar contrariadas com o fato de terem deixado o mundo dos vivos, tal como eu quando ainda enterrado no cemitério junto ao meu corpo. Tive pena daqueles seres, porém não me atrevi a falar com eles. Uma angústia esquisita tomou conta de mim e deixei a igreja celeremente, buscando afastar-me daquele local o quanto antes.

Note, então, que o manto que vestia estava comburido e embaixo dele outra vez ia surgindo a minha roupa anterior — o mesmo pijama que usava quando morri naquela manhã em minha casa. Parecia estar parado no tempo e até a vestimenta simbolizava-me isso.

Retomei o curso de casa. Chegando, fui direto ao quarto de Pedro a fim de aguardá-lo. Quando ele dormisse, poderia conversar novamente. Dessa vez, eu teria muitas coisas a dizer-lhe. Não o encontrei e já não sabia quanto tempo tinha ficado prisioneiro daqueles monges alienados. Estava decidido a esperar o tempo que fosse preciso e visava acomodar-me na cadeira do canto do quarto quando reparei que a decoração havia mudado. Não existia mais aquele móvel onde me sentara antes e nem mesmo a cama estava no mesmo local. Tudo parecia estranhamente diferente.

De repente, invadiu o quarto uma garotinha de seis ou sete anos e, pegando sua boneca que estava largada em cima da cama, saiu novamente. Quem seria aquela menina? — pensei. Fui atrás e à medida que andava pela casa encontrava tudo alterado. A mobília era diversa e até alguns estranhos Espíritos circulavam por ali.

A casa, com certeza, era aquela. A única explicação que me soou razoável era a mudança de minha família para outro lugar. Mas como faria para achá-los? — questionei, preocupado. Malventuroso dia foi aquele em que resolvi seguir Pedro até a reunião. A partir dali passei por uma série de problemas e sofrimentos dos quais poderia ter ficado livre.

Saí da residência e dirigi-me ao local onde morava uma irmã de Elvira. Talvez pudesse obter alguma informação. Decepcionei-me com o fato de que, mesmo morto, precisava andar atrás de pistas buscando o paradeiro das pessoas. Achara que Espíritos — se existissem ***(Nota do autor material**: lembremos que Afonso fora cético e ateu.**)*** — seriam oniscientes. Não estar vivo — deduzi — não apresentava grandes vantagens; até aquele instante só tinha enfrentado problemas.

Sentia-me desmoralizado e lembrava-me com orgulho dos tempos em que era o dono do meu destino, ditando aos meus familiares tudo aquilo que considerava o melhor a ser seguido e aos meus funcionários as normas de atuação que julgava convenientes. Ninguém questionava minhas ordens. E depois de morto acabei passando a uma posição de absoluta indiferença e de total nulidade. Não era visto por muitos, enquanto vários outros desprezavam-me abertamente. Não havia regras a cumprir e a insegurança era completa. A qualquer momento, alguma criatura poderia aprisionar-me em algum cubículo escuro e úmido, o que me gerava uma sensação permanente de insegurança. Hostil e dura estava sendo minha nova existência.

Encontrava-me pervígil há muito tempo e não conseguia relaxar ou descansar. Sentia, ainda, necessidade de comer ou beber alguma coisa mas logo percebi que não poderia fazê-lo. Seguia-se a isso a impressão de que meu estômago corroía de fome e minha garganta secava de sede. Via-me indigente e desordenado, vagando incerto pela capital paulista. Confutava o meu presente e não tinha fé no futuro. Estava só e amargo.

Finalmente, criei coragem e saí em busca de meus familiares. Circulei por todo o bairro do Jardim América até encontrar a casa de minha cunhada *Marilú*. Creio que percorri centenas de residências em poucas horas.

Ingressando no quintal do confortável sobrado, com paredes pintadas na tonalidade *areia* e janelas em alumínio, não fui notado por ninguém, nem mesmo pelo cachorro. Na sala de estar, harmoniosamente decorada em cores sóbrias e elegantes, particularmente emoldurada por pesadas cortinas em *composé* azul-marinho, areia e branco, deparei-me com meus sobrinhos conversando entre si. Falavam sobre um peculiar assunto: a morte. Aproximei-me interessado e até me esqueci — por alguns minutos — do motivo que me conduzira ali. Eles argumentavam que tinham verdadeiro pavor de morrer e o principal motivo disso era a incerteza a respeito do que iriam encontrar. Eu também pensara assim; e quantos mais não teriam a mesma idéia? — imaginei. Entretanto, acompanhando a conversa dos adolescentes percebi nas entrelinhas que havia uma outra importante razão que os levava a ter esse temor da

morte. Todos sabiam que não agiam de maneira cem por cento correta no seu dia-a-dia, tinham noção de que a moral cristã era deixada de lado na maioria de suas decisões e os mandamentos da fraternidade, caridade e solidariedade eram cumpridos somente na aparência. Logo, morrendo, dependendo da crença de cada um poderiam ir para o inferno, Umbral ou qualquer outro local que fosse sombrio e repugnante.

Sob meu ponto de vista, era verdadeiro aquele sentimento, pois no fundo eu também o sentira quando estava encarnado. Sabia que alguma coisa *poderia* haver após a morte e, conforme as explicações religiosas, aos egoístas e maus seria reservado um local desagradável onde pudessem expiar seus erros. Normalmente quem mais cometia desvios era aquele que menos pensava na morte porque se o fizesse deixaria de ter prazer nas suas atitudes individualistas ou mesmo imorais. Melhor seria para esse viver na ignorância — ou fingi-la como uma forma dissimulada de encarar a vida — ao invés de ser obrigado a raciocinar sobre seus atos e perceber que não seguia o parâmetro ideal — concluí.

Por isso muitos tinham — e têm — medo da morte; eles temem as más atitudes que estão tomando todos os dias e os gestos perniciosos que praticam reiteradamente. Ora, se vivessem dentro dos postulados cristãos e tendo por base a lei da caridade, por que haveriam de recear o término da jornada? — arrematei, sem nem saber de onde retirara tantos conceitos novos para mim.

Esse raciocínio era um progresso a um materialista convicto como eu. Passara toda a minha existência acreditando que o futuro era o dia seguinte e, no máximo, o próximo ano. Jamais atinha-me a pensar na década que estava chegando ou no final de minha caminhada. Velhice era coisa para os outros e morte uma fatalidade para os vizinhos. Na minha casa essas não iriam acontecer tão cedo — ingenuamente pensava; mas quando ocorressem eu já estaria maduro para compreendê-las suficientemente. Grande equívoco cometi, como se maturidade e esclarecimento chegassem de graça sem qualquer esforço.

Não sei se para consolar-me ou tornar-me mais confuso, sabia que grande parte dos meus amigos e parentes pensava exatamente como eu e da forma como aqueles meus sobrinhos. Quantos mais, no mundo, não tinham a mesma idéia? Talvez por isso não havia a renovação esperada entre os homens, continuando a imperar a lei do mais forte e o egoísmo geral.

Minhas reflexões eram até interessantes mas eu estava verdadeiramente fatigado de pensar e não chegar a lugar algum. Desisti portanto de acompanhar as divagações dos meninos e subi as escadas para encontrar algum dado que me levasse a Elvira e às crianças.

Fiquei irritado quando não consegui abrir a agenda que estava na mesa do telefone e uma vez mais praguejei contra a condição paupérrima de um Espírito. Nem para abrir um livro ou uma simples agenda um *morto* presta — pensei. Resolvi não sair dali até conseguir o que almejava.

Alguns dias acompanhei a rotina da casa de Maria de Lurdes, carinhosamente chamada de Marilú. Percebi que eles viviam dentro do estereótipo que sempre tive das famílias de classe média alta como a minha. Pérsio saía para trabalhar todos os dias à mesma hora e Marilú cuidava da casa e dos empregados, além de orientar os meninos em idade escolar.

Mantinham conversas esparsas ao longo das poucas refeições que a apertada agenda lhes permitia usufruir em conjunto, sempre na suntuosa sala de jantar ornamentada com colunas e sancas de gesso branco contornando as paredes e tendo por peça decorativa principal a cortina floral em tecido idêntico àquele utilizado para revestir o assento das cadeiras em torno da mesa. Vários pratos de porcelana chinesa adornavam o *buffet* situado num dos cantos.

Os assuntos discutidos giravam em torno dos mais surrados temas: dinheiro, dinheiro, alguma fofoca e poucas novidades. Finalizavam com dinheiro, novamente. Nesta última categoria estava incluído tudo aquilo que se referisse aos bens e valores que a moeda podia comprar na vida material. Assim, sem pretender desprestigiar o significado do dinheiro, mesmo porque nunca fora do meu feitio fazê-lo, notei que tudo parecia circular em volta disso. Os filhos demandavam dos pais, antecipadamente, todos os presentes que pretendiam ganhar a curto, médio e longo prazo. Os genitores conversavam entre si a respeito dos planos que tinham para o futuro — na maioria envolvendo gastos monetários — além do pagamento das contas, dos investimentos da família, do crescimento do patrimônio, enfim, como ganhar mais e mais dinheiro.

Aliás, era esse também o meu assunto predileto com Elvira durante as refeições. Atuariam todas as famílias do mesmo modo? As mais ricas provavelmente teriam uma diferença: falariam de montantes muito superiores. As mais pobres perlustrariam o mesmíssimo caminho, embora tendo por referencial o poder aquisitivo que viam nos comerciais e nos filmes de televisão. Quando terminei o meu raciocínio — que julguei ser lógico — indaguei-me se tinha alguma legitimidade ou capacidade para refletir daquela forma. Quem seria eu para julgar as famílias *vivas* de um plano que não era mais o meu? Deveria ficar circunscrito às avaliações pertinentes aos Espíritos? Se assim fosse, teria muito pouco a considerar pois julgava-me profundamente ligado à matéria e quase um alienado no plano espiritual.

A experiência, no contexto global, servia-me no mínimo para perceber que não éramos tão diferentes dos outros quanto imaginávamos e que os nossos problemas pessoais e familiares eram comuns a muitos semelhantes, da mesma forma que os nossos acertos e vitórias não eram exclusivos frutos da nossa destacada inteligência. Havia seres que sofriam como eu — com as mesmas dúvidas e questionamentos — bem como os que eram bem sucedidos, igualando-se mais uma vez ao que conquistara quando estava vivo.

Se assim era, não devia ter-me considerado tão especial e bem capacitado, *acima da média*, como habitualmente fazia. Essa era outra

lamentável estupidez que só constatei depois de morto; teria sido tão mais fácil ter notado o óbvio enquanto estava no mundo material — deduzi. Era tarde, no entanto, para queixar-me, afinal, ninguém iria ouvir-me. A essa altura, a conscientização chegava-me aos poucos, embora não pudesse ainda admitir a existência de Deus. Minha incredulidade e ateísmo cegavam-me o discernimento.

Após um período razoável de estágio na casa de Marilú e Pérsio, terminei descobrindo onde estavam morando Elvira e os rapazes. A viúva consorciara-se a Válter e Pedro estava residindo com amigos. Marco Aurélio dirigia a empresa e morava com Cíntia e meus netos. Senti, pela primeira vez, que deveria cortar Elvira de minha lista; ela não merecia mais ser considerada da família. Não pretendia, no entanto, continuar um intruso na casa de *estranhos* e decidi acomodar-me com Marco Aurélio, o filho que me era mais próximo quando estava vivo.

Ao chegar em seu apartamento, despojado porém elegante, julguei-me mal recebido.

Havia muitos Espíritos — como eu — circulando em todos os cômodos. Imaginei, jocosamente, tratar-se de uma convenção. Por que estariam concentrados na casa do meu filho? Crendo-me com direito adquirido de estar presente entre os meus, entrei e comecei a vagar pelos aposentos. Antes de entrar no quarto do casal, fui violentamente barrado por uma criatura alta, esguia e perítrica. Ela tinha as faces pálidas e maceradas, os olhos fundos e vidrados. Quase não articulava palavras e parecia balbuciar alguma ordem. Como não entendi, insisti em ingressar, ocasião em que fui lançado longe, estranhando até a força incomum daquele ser. Finalmente, observava que Espíritos tinham algum poder sobre outros. Se não conseguiam dominar a matéria pelo menos atuavam no plano que lhes era próprio.

Inconformado, voltei à porta do quarto e forcei a entrada exigindo uma explicação. Não sabia nem o que dizer ao soturno porteiro, mas tentei assim mesmo.

—Você fala alguma coisa que eu possa entender? — disse-lhe altivo. Esse é o dormitório do meu filho e gostaria de saber o que faz aqui?!

—Ah, você foi o pai disso aí?

—Como “disso aí”? Por que essa falta de respeito?

—Ora, não seja ingênuo. Você sabe o que ele faz dentro desse quarto com a esposa e alguns amigos?

—Não, é lógico que não faço idéia! Nunca dormi com meu filho, especialmente após o seu casamento com Cíntia.

—Sorte sua! Há orgias de todas as espécies aí... Estou controlando a entrada porque já está lotado. Não há mais espaço para os convidados.

—*Convidados*? Mas quem está lá com eles?

—Uns cem ou duzentos Espíritos, além dos seus “amiguinhos” vivos.

—Não é possível! Marco Aurélio jamais faria uma coisa dessa. Ele foi educado sob um teto moralista e rígido, não para ser leviano e pornográfico.

—Então deve ter sido em outra casa que ele aprendeu... (gargalhadas) porque sabe fazer muito bem!

—Deixe-me entrar! Eu sou o pai e tenho o direito de ver com meus próprios olhos o que se passa.

—Vou abrir uma exceção! Normalmente tenho que respeitar o número de convidados por noite, mas no seu caso quero ver mesmo a sua decepção ao constatar a veracidade do que lhe falo. Pode entrar. Fique à vontade.

A criatura pareceu ter um prazer ímpar em permitir-me a entrada, sabendo que eu fora pai do rapaz envolvido nas orgias às quais se referiu. Introduzi-me.

Não poderia descrever o que presenciei. Nada mais doloroso para um pai ver o seu filho participando com a esposa de uma cena tão grotesca e fora de propósitos. Jamais iria acreditar, se vivo estivesse, caso alguém me narrasse o que estava assistindo. Não bastasse a vulgaridade material, o pior era a participação ativa e tumultuada de várias entidades — como aquela que ficara na porta — em cima de cada um dos encarnados que ali estavam. Houvesse um Deus e Ele teria que ter muita piedade daquelas criaturas — incluindo nessa relação o meu próprio filho. O desvio sexual associava-se ao uso de entorpecentes e gerava um quadro dantesco que me horrorizou.

Deixei o aposento transtornado e fui vítima de pilhéria por parte do mofino porteiro. Não tive forças para responder-lhe os ataques e refugie-me na sala de estar, remoendo as imagens que trazia comigo. Meu primeiro pensamento baseou-se num clichê: onde eu havia errado? Por alguns minutos, deduzi que a culpa seria minha que, como pai, não vira o rumo tomado por meu filho primogênito. Ultrapassada a fase do choque, acorreram-me à mente outras reflexões. Jamais concebera que os levianos atos do mundo dos vivos tinham tantos espectadores. Julgava que podíamos errar sozinhos quando cerrados entre quatro paredes, mas pesarosamente enganara-me. Cada passo do meu indigno filho era acompanhando por criaturas pasmosas que, maldosamente, incentivavam-no a prosseguir e ousar, afundando-se ainda mais em seu próprio desatino. Éramos vítimas, como encarnados invigilantes, desses seres abomináveis.

Derrubado, passei horas prostrado num canto, sentado ao chão sobre o piso frio das pedras de ardósia, meditando a respeito. Ergui-me quando o dia amanhecia e atrevi-me a voltar ao quarto. Aproximando-me da porta de entrada notei que a criatura ali não estava. À vontade, ingressei no recinto e verifiquei que, no leito, estavam somente Marco Aurélio e Cíntia, dormindo profundamente. Os *convidados dos dois planos* haviam deixado o local.

Criteriosamente, cheguei perto do meu filho e fitei-o com amargor. Seu rosto estava mudado e já não era o mesmo de outrora, ingênuo, pueril. Verificando o ambiente, percebi que vários fios — como

aqueles que me jungiram por anos ao meu corpo físico — saíam dos invólucros do casal e perdiam-se no espaço, varando o teto e estendendo-se a rumo ignorado. Se eles não estavam mortos — pensei — o que seriam aqueles liames praticamente idênticos aos meus? Volteei a cama e constatei que, de fato, essas ligações existiam e concentravam-se em algum ponto fora da casa. Tentei segui-las, mas não consegui, pois quando me avizinhei do lugar de onde elas pareciam sair, nada encontrei. Representava-me que elas sumiam no ar, ou seja, saíam de meu filho e de Cíntia e seguiam pelo espaço até desaparecer por completo.

Intrigado, olhei ao redor e enxergava não só a bagunça no plano material, mas também a desordem que restou no lado espiritual. O recinto inteiro estava tomado por uma névoa acinzentada e fétida, que encobria os móveis, as roupas e todas as peças da suíte principal do apartamento. Se meu filho pudesse ver o antro onde estava morando e dormindo com sua esposa, talvez não agisse daquela forma — concluí.

Ainda sem resposta para os fios que sumiam no ar, lembrei-me dos meus netos. Estariam eles envolvidos na mesma lama por causa de seus levianos pais? Dirigi-me às pressas ao quarto deles e novamente fui barrado à porta. Dessa vez era um Espírito trajando túnica branca, com semblante tranquilo mas austero e que possuía cabelos agrisalhados e cintilantes. Olhando fixamente para mim, disse:

—Lamento não lhe permitir a entrada. Sei que foi avô dessas crianças quando esteve encarnado. Entretanto, elas estão sob proteção e não podem ter contato com nenhum ser que esteve presente naquele quarto.

—Mas eu não participei daquilo — devolvi apressado, tentando justificar-me.

—Sabemos disso! O seu ingresso, no entanto, é vedado por outras razões. Não só porque você carrega consigo os fluídos que colheu naquele ambiente pernicioso, mas principalmente por não ter preparo suficiente para rever seus netos sem prejudicá-los .

—Como eu poderia afetá-los negativamente? Eles são minha família e jamais iria feri-los.

—Não se trata de conscientemente molestá-los. Você poderia involuntariamente transmitir-lhes suas apreensões e temores, causando-lhes — crianças que são — um mal desnecessário. Espero que compreenda a minha posição, pois se você de fato ama seus netos, deixe-os por ora e volte em outra ocasião.

Contrariado, cansava-me de ser barrado em vários lugares como se fosse uma praga qualquer. Que espécie de Espírito era eu para ter o acesso negado aos bons e aos maus lugares? — imaginei. O único conforto que tive foi em saber que meus netos estavam protegidos daquele agrupamento de criaturas assombrosas. Antes de sair, voltei-me para o Espírito luminoso — o primeiro que via de perto após ter estado muitos anos vagando — e perguntei:

—Poderia fazer-lhe uma pergunta?

—Sem dúvida! Se eu puder responder, farei com prazer.

—Por que existem fios ligados aos corpos do meu filho e da minha nora? Aonde eles são levados? Não consegui ver o final...

—Infelizmente, as criaturas inteligentes que obsidiam os encarnados invigilantes têm os seus esconderijos muito bem guardados e Espíritos como você, inexperientes e ignorantes, não conseguiriam de fato encontrá-los. Logo, os fios — que são laços fluídicos que ligam Marco Aurélio e Cíntia aos seus corpos — parecem sumir em pleno ar. Ambos, na realidade, estão localizados em um plano que você certamente não iria gostar de conhecer.

—E quanto tempo os obsessores ficarão jungidos aos dois?

—Somente eles podem saber a resposta. Enquanto perdurarem nessas atitudes continuarão escravos dessas criaturas e serão por elas dominados. Se perpetuarem suas condutas, fatalmente irão desencarnas nas mãos dessas entidades inferiores. Arrepender-se-ão, por certo, mas será tarde para evitar o mal maior.

Quando ia introduzir uma indagação a respeito de minha situação, aproveitando o esclarecimento que aquele Espírito parecia ter, não mais o vi. Subitamente ele deixou o ambiente sem qualquer rastro.

Atrás de mim, o barulho de uma porta soou forte. Meu filho estava acordado e saía do quarto rumo à sala para tomar o seu café-da-manhã. Meus netos, pelo barulho no aposento, também encontravam-se despertos e talvez estivessem em preparo para ir à escola. A casa achava-se movimentada e havia circulação em todos os cômodos. Não via, então, nenhuma entidade rondando o apartamento. Deduzi que elas preferiam o aconchego da noite e a chamativa dos maus hábitos dessas horas para aproximar-se. Durante o dia, sob estado de vigilância, ficavam ausentes, inclusive aquele “anjo” que tinha por fim proteger meus netos dos demais seres.

Não tive vontade de sair da casa nessa data. Fiquei todo o tempo cabisbaixo e entristecido com o que acompanhara na noite anterior. Estava decidido a ali permanecer até encontrar algumas respostas àquele estado obsessivo que envolvia meu filho e ao qual fizera referência o ser iluminado. Apesar de atemorizado, o coração gritou mais forte e encorajei-me a enfrentar as criaturas que surgissem à minha frente em nome de proteger os meus familiares.

A noite veio logo e Marco Aurélio retornou para casa por volta das vinte horas. Chegou acompanhado de sua secretária Paula. Trancaram-se na biblioteca e de lá não saírem nem mesmo para jantar com as crianças.

Cíntia, estranhamente, não voltara ainda. Curioso, fui até eles para verificar o que havia e, surpreso, constatei que mantinham relacionamento sexual no tapete persa sob o austero ambiente proporcionado pelas estantes de livros em madeira rústica em cor natural. Espessa névoa cinzenta volteava-os e do teto jorravam gotículas de um líquido escuro e pegajoso, parecendo óleo queimado, com aparência suja e repugnante. Nunca tinha visto algum lugar tão alterado; enquanto os vivos mantinham-se em desatino, o ambiente

acompanhava a metamorfose. Era como se nada passasse despercebido às vibrações da casa.

Espedaçava-me o coração ver meu filho primogênito em tão degradante situação, envolto em adultério, sexo livre e um casamento de aparência. Entretanto, minha nora não era diferente, pois na noite anterior participara de uma orgia, inclusive utilizando entorpecentes, e devia saber que o marido costumava “trabalhar” com a secretária em sua própria biblioteca. Tinha conhecimento e obviamente assentia. O lar era um antro de corrupção de espírito e perdição dos menores valores morais. Choquei-me profundamente com as cenas que era obrigado a acompanhar, apesar de nunca ter sido um *santo* antes de morrer.

Saí da biblioteca e fui para o quarto de meus netos. Sem mesmo entrar, notei que os meninos brincavam sossegados, protegidos por uma tênue mas eficaz luz dourada. Ali busquei abrigo e fiquei encostado à parede, do lado de fora. Parecia-me que o resto da casa estava comprometido com a volúpia e a imoralidade.

Por volta das vinte e três horas, Paula foi embora e os dois ainda se despediram demoradamente no hall dos elevadores. A essa altura Cíntia já havia chegado e tamanho era o atrevimento de ambos que só me confirmava a suspeita de que minha nora tinha noção do que se passava e com isso concordava.

Quando eles foram dormir, coloquei-me ao lado da cama como um fiel cão de guarda. Dali não saí, até que notei um espectro translúcido deixar o corpo de meu filho. Era o próprio, que se desligava quando entrou em sono profundo; no entanto, a diferença entre o seu corpo espiritual e o de Pedro, meu caçula, era imensa. A densidade era desigual e o de Marco Aurélio representava-me estar enfermo e mal cheiroso. Talvez fossem as chagas de sua própria insanidade. Cíntia partiu também. Os dois não ficaram juntos e cada qual se encaminhou para um lado. Naquela noite, acompanhei minha nora, quem sabe por considerá-la mais ajustada que meu filho.

Vagava sem rumo pela casa e não sabia para onde dirigir-se até que vislumbrou — como eu — a luz brilhante que volteava a porta do quarto de meus netos. Tentou ingressar no cômodo e foi violentamente impedida por um golpe de ar, segundo me pareceu. A lufada queria dizer-lhe para manter-se distante. Tonta e abalada, ela investiu outra vez contra a entrada e novamente foi rechaçada. Não conseguia ver os meninos, seus filhos, durante a noite; parecia ser uma criatura perniciosa a eles. De fato, em meu pensamento, ela não passava de uma leviana e deveria carregar consigo fortes vibrações negativas. Dei razão a quem quer que estivesse de guarda naquele recinto ao vedar-lhe o ingresso, afinal, trava-se de dois inocentes.

Confusa, Cíntia desistiu e voltou para o quarto. Ficou ao lado de seu próprio invólucro carnal, observando-o como se fosse algo inédito. De súbito, começou a concentrar-se nele. Surgiu então praticamente do nada um homem desconhecido, que manteve uma relação sexual com o corpo dormente. Aproximei-me para verificar de onde viera aquele estranho mas percebi que ele, em verdade, inexistia. Era apenas fruto

do pensamento concentrado de minha nora que, num canto do cômodo, vibrava incessantemente e produzia fluidos densos e opacos que deram origem a essa figura. O que mais me faltava aprender? — pensei.

A pobre moça tinha êxtases com a imagem produzida por sua própria reflexão, que a colocava enclausurada dentro de sua devassidão íntima, gerando um quadro digno de piedade.

Tentei ajudá-la e dirigi-lhe a palavra, chamando seu nome. Nem uma reação colhi. Ela parecia inérvea, estática, quase tão morta quando eu estive naquela cova horrenda. Sentia-me inútil ao seu lado mas não consegui arredar dali pois algo indicava-me que precisava de auxílio. Pacientemente, coloquei-me de frente a ela e passei o resto da noite vendo-a vibrar inúmeras imagens dissolutas, uma seguida da outra, sem cessar um único momento até o amanhecer.

Marco Aurélio retornou de repente ao quarto e parecer ter saído exatamente do ponto onde os fios negros que vira na noite anterior haviam sumido em pleno ar. Havia portanto uma passagem para outro local, conforme dissera o ser iluminado, que retirava do cômodo os liames jungidos ao casal e para onde meu filho dirigira-se ao desprender-se.

Em poucos minutos, ambos despertaram e iniciaram mais um dia de suas vidas na materialidade. Aguardei ansiosamente o anoitecer, pois iria dessa vez atrás de Marco Aurélio, onde quer que fosse.

Lá estava eu quando adormeceram. Com certa dificuldade seus Espíritos desligaram-se dos corpos e seguiram rumos distintos. Acompanhei meu filho e vi quando entrou por uma fenda existente entre o teto e o lustre do quarto, quase escondida e creio que só visível para seres mortos como eu. Fui atrás e qual não foi minha incredulidade quando me deparei com um mundo escuro, pantanoso, sombrio e fétido. O que viria ele fazer aqui? — imaginei.

Não sabia onde estava, mas procurei manter a calma. Achei o seu rastro e segui-o até encontrá-lo dentre criaturas horrendas que gracejavam com piadas de péssimo gosto e proferiam gargalhadas ensurdecedoras. Nunca tinha visto nada igual, nem mesmo enquanto estive aprisionado em baixo da terra. Marco Aurélio, entre elas, estava mudado e acompanhava-lhes as feições grotescas. *Aquilo* seria o meu filho? — pensei amargurado.

Não fiz nenhum barulho e não tentei intervir pois faltava-me coragem. Passei longo período vendo-os comentando futilidades, praguejando e proferindo impropriedades. Naquele local não havia luz brilhante, apenas uma luminosidade ínfima que servia para mostrar os contornos daqueles seres que monstrengavam ao adentrarem o pântano.

Quantas horas passei preso àquelas cenas não saberia dizer. Mas creio que ao amanhecer estava de volta ao quarto de meu filho, pois ele estava despertando.

Descobri, em minhas andanças, existirem falhas de conduta gravíssimas cometidas por pessoas vivas que, ao adormecerem, libertam-se de seus corpos e dão vazão aos seus mais míseros desejos e prazeres. Entretanto, soaram-se falsas as sensações vividas por Marco

Aurélio e Cíntia, que tive a oportunidade de acompanhar, pois não os vi mantendo qualquer prazer consigo quando acordavam na manhã seguinte. Ao contrário, estavam contrariados e irritadiços, desprezando-se mutualmente, o que parecia lógico na medida em que passaram horas a fio em aventuras grotescas, sem o menor laço que os pudesse unir. Por que iriam despertar felizes e irmanados? — deduzi.

Era triste contemplar meu filho naquela situação, embora quando o via vagando incerto terminava lembrando que eu também estava sem rumo. O que estaria para mim reservado? Fadado a acompanhar eternamente os desatinos de minha família? Poucas vezes recordo-me ter ficado tão aflito como naquele instante de reflexão.

Demorei a recuperar-me após duas noites seguidas de desagradáveis revelações. A imagem que tinha de meu filho e sua esposa estava profundamente abalada, mas era capaz de reconhecer que eles não eram os únicos a daquele modo agir. Muitos vivos deviam fazer exatamente como eles, gerando essas cenas dantescas e esses locais terrificantes. Talvez eu mesmo tivesse feito muita coisa errada quando me desprendia durante o sono.

Comecei, então, a formar um juízo analítico a respeito de meu presente. Provavelmente, fui compelido a sofrer as angústias pelas quais passei em compensação por tanta miséria de valores que mantivera atuantes em mim quando vivo. Estava, na certa, expiando. Deduzi — na falta de melhor explicação — que Deus, caso existisse, era justo, porém vingativo.

Quando mais sofria e entrava em desespero, mais consciência adquiria e minha realidade começava a transformar-se. Ateu e materialista convicto, jamais havia admitido a existência de Deus, não obstante estivesse alterando minhas idéias gradativamente, na medida em que começava a ter contato com tanta iniquidade. Descomovido, iniciei uma reflexão mais racional que me pudesse fornecer explicações lógicas a respeito da vida. Se eu morrera, mas ainda estava “vivo”, era preciso entender o mecanismo no qual estava inserido porque não pretendia passar o resto de meus dias acompanhando a vida material de meus familiares. Além disso, já fora capaz de perceber que havia outros seres, como eu, que não praticavam o mal e, ao contrário, tinham a tarefa de proteger meus netos. Onde eles viveriam? Qual seria a diferença entre nós? — indagava-me.

Essas novas concepções que me surgiam conduziram-me à decisão de procurar novamente Pedro. Consegui facilmente o seu endereço visto que Marco Aurélio comunicava-se, com certa frequência, com o irmão, em especial para tratar dos negócios da nossa empresa.

Ele morava na companhia de amigos, dividindo um apartamento. Procurei não perturbar demais o ambiente, pois notei que havia mais Espíritos circulando por lá, talvez ligados aos demais moradores. Fui direto para o seu quarto, tão logo cheguei. Aguardei pacientemente que adormecesse; enquanto isso, notava-lhe uma mudança de comportamento. Pedro ficara mais amadurecido e responsável, bem diferente do irmão. Cuidava de sua profissão com zelo e esforço

inigualáveis e havia recusado a proposta de Marco Aurélio para dirigirem conjuntamente os negócios da família após a minha morte. Observei que o seu afastamento dos parentes — mãe e irmão — poderia ter alguma relação com a vida desregrada que estes estavam levando. Recordei-me, então, que o caçula, desde cedo, era o mais reto dos meus familiares e não apreciava nada desonesto ou indigno. Gostava de corrigir aqueles que ao seu redor desviavam-se do caminho probo e na escola era considerado um garoto "responsável demais". Não conseguira formar muitas amizades, justamente pelo seu temperamento rígido e inflexível, mas as poucas que tinha eram sólidas.

Lembrei-me também que Pedro tinha o hábito de, às refeições, comentar conosco suas idéias sobre *justiça social* e *parâmetros cristãos de vida*. Sempre foi voz isolada dentro de casa e eu jamais soube de onde ele tirava essas idéias, pois nós não o educávamos sob esse prisma. Comecei a deduzir que cada um traz consigo desde o nascimento de uma carga considerável de posturas que irão ser desenvolvidas ao longo da vida.

Enquanto Pedro era um rapaz bom e direito desde cedo, Marco Aurélio precisava ser contido a todo instante pois era travesso e egoísta. De nossa parte — Elvira e eu — agimos incorretamente ao incentivar o lado individualista do primogênito, inibindo os bons sentimentos do caçula, acreditando que com isso estaríamos dando suporte, instrução e condições para confrontarem o mundo com altivez. Entretanto, jamais havíamos pensado em dar-lhes base para enfrentar a morte — esta sim a etapa decisiva em nossa jornada. De que me adiantou, por exemplo, tanto conhecimento técnico-profissional se nada disso pude utilizar quando morri?

Estava meditando quando Pedro desprendeu-se do seu corpo, durante o sono. Seu Espírito tinha uma luminosidade calmante. Aproximei-me e tentei dirigir-lhe a palavra:

—Pedro, meu filho, sou eu, seu pai…

Voltando-se para mim, suavemente disse:

—Papai, que bom revê-lo! Você está bem?

—Não, filho, estou sofrendo muito desde que morri. Não sei o que fazer agora e para onde devo seguir. A ansiedade e a tensão fazem parte do meu dia-a-dia. Preciso de alguma ajuda.

—Compreendo, meu pai! Infelizmente, não posso auxiliá-lo. Você deve vencer essas barreiras sozinho, conquistando um amadurecimento espiritual próprio. Quando isso ocorrer, os Emissários de Deus virão buscá-lo com certeza. Até lá, siga o seu coração pois o ciclo da conscientização não pode ser atropelado e apressado.

—Mas, Pedro, o que significa estar amadurecido espiritualmente? Como vou conseguir qualquer alteração interior se não tiver orientação?

—Lamento, papai! Sofro por vê-lo padecer, mas não posso interferir. Confie em Deus, pois Ele é justo e bondoso. Nada lhe faltará, tenha fé. Devo partir, agora, pois amigos me esperam para um trabalho...

—Posso acompanhá-lo? Gostaria de ir junto.

—Sinto muito mas não é permitido. Até breve, querido papai.

Dizendo isso, Pedro partiu como um relâmpago e desapareceu de meu campo de visão. Apesar de tentar segui-lo, como fiz com Marco Aurélio, não consegui. Sua trajetória foi rápida demais para meus sentidos. Não mais o vi naquela noite. Seu corpo físico repousava placidamente, sem os sobressaltos enfrentados pelo irmão, aguardando a volta do Espírito que saíra para trabalhar. Era impressionante a dedicação do rapaz — pensei — não deixando de atuar nem mesmo enquanto dormia.

Instado a repensar o meu passado, via nas palavras de meu caçula um alento à minha ignorância. As situações que eu estava vivenciando de fato iriam ser o instrumento de minha libertação — imaginei. A cada dia tornava-me menos duro e mais flexível; menos intransigente e mais receptivo a novos conceitos. Senti que deveria conhecer melhor a Deus, somente não sabia como. Excedera-me tanto quando era vivo que perdera a noção dos postulados cristãos; mas haveria de recomeçar tudo de novo!

Senti que deveria visitar Elvira, embora estivesse revoltado com sua união com Válter. Talvez fosse um prenúncio de minha renovação interior.

A casa por eles ocupada era grande e pomposa. Bem decorada e guardando similitude com aquela onde morávamos, apresentava-se no entanto mais calma e silenciosa — provavelmente pela ausência das crianças. Invadi brevemente todos os cômodos e estava extasiado conhecendo os detalhes ricos da decoração quando ouvi alguém soluçando baixinho na cozinha — o único lugar onde não me interessara em ingressar. Logo imaginei ser a empregada, mas mesmo assim para lá dirigi-me.

O recinto estava escuro, nenhuma lâmpada fora acesa apesar de ser noite. Quem iria ficar naquele breu choramingando? — questionei. Vagarosamente fui entrando e buscava reconhecer a mulher em lágrimas.

Surpreso ao vê-la de frente, constatei ser Elvira. O que ela fazia àquela hora da noite na cozinha escura, chorando? Não sabia a resposta, nem tampouco o que faria para acalmá-la. Dei voltas ao seu redor, disse-lhe palavras de consolo — que ela naturalmente não ouviu — e terminei sentado ao seu lado entristecido. Não era possível ter perdido por completo a minha capacidade de auxílio. Mesmo sendo um Espírito, deveria existir um meio de interferir no plano material.

Estava absorto nesses pensamentos quando notei a aproximação de um ser luminoso, semelhante àquele que guardava meus netos. Por um lado alegrei-me, imaginando que ela seria amparada e, por outro, preocupei-me pois achei que seria retirado de lá compulsoriamente. Entretanto, sem antecipar a minha apreensão, fiquei estático esperando que o Espírito dissesse alguma coisa. Ele nada falou. Olhou para mim com ternura no olhar e levantou suas mãos, colocando-as na fronte de Elvira. Imediatamente começaram a surgir fachos de luz de seus dedos que se dirigiam — em todas as tonalidades — ao corpo da beneficiada.

Por alguns minutos, ele permaneceu naquela posição dando-lhe sustentação. Ela se acalmou.

Antes de partir, o Espírito voltou-se a mim e com um olhar parecia convidar-me a fazer o mesmo. Atrevi-me a imitá-lo e coloquei minhas mãos na mesma posição. Perplexo, vi sair de meus dedos uma luz brilhante e colorida nos mesmos moldes daquela que havia tranquilizado Elvira. Recolhi, assustado, as mãos. Ele gentilmente abaixou as suas, tomou as minhas nas dele e retornou-as na posição anterior. Elas voltaram a brilhar como eu poderia estar emitindo uma luminosidade como aquela? Seria fruto de minha imaginação? — aleguei.

Parecendo ler meus pensamentos, o Espírito disse:

—Afonso, a força do amor é sempre colorida e luminosa e independe do seu emissor. Vibre amor quando tiver vontade e auxilie o seu semelhante nos dois planos da vida.

Retirou-se em seguida, sem que pudesse dirigir-lhe qualquer pergunta. Elvira parara o choro.

Serenados os ânimos, começou a queixar-se de Válter em voz alta, como se estivesse falando sozinha ou desabafando, mas na realidade eu estava ouvindo. Disse que o único homem que de fato a respeitou fora o *falecido Afonso* e que jamais iria imaginar que o gerente de vendas da nossa empresa pudesse conquistá-la ardilosamente para depois maltratá-la dia após dia, como se ela nada valesse. Válter estava na vice-presidência — aquém de Marco Aurélio somente — mas planejava assumir a integral direção dos negócios assim que fosse possível. Para tanto, conduzia a vida doméstica com extremo rigor, chegando a agredir fisicamente Elvira quando esta não o apoiava na disputa que pretendia sustentar contra o meu primogênito. Fiquei abalado e condoído. Ela havia tentado uma vida melhor e acabara nas garras de um inescrupuloso marido.

Seus queixumes faziam-me sofrer e quanto mais narrava suas desgraças, mais ficava estarrecido. Quando vivo, eu era materialista porém nunca lhe agredira daquela forma, nem tampouco desrespeitei-a na frente das crianças, ao contrário o que lhe fazia o atual esposo.

Terminei envolvendo-a com muito carinho exatamente como aquele ser luminoso ensinara-me. Vi então as mesmas luzes brilhantes saírem de meus dedos e invadirem Elvira com vigor. Ela, nesse momento, lembrou-se de mim e disse:

—Ah, Afonso, meu querido, onde você estiver saiba que eu o amei e respeitei como a nenhum outro homem conseguirei fazê-lo novamente. Se Pedrinho estiver certo, quem sabe algum dia você surja por aqui e eu lhe possa dizer desse meu sentimento puro e cristalino.

Já estava dizendo — pensei. O que mais poderia fazer para auxiliá-la? Todos os meus anteriores pensamentos de raiva e despeito esvaíram-se e unicamente o amor de outrora retornou ao meu peito, acalentando-me as chagas e possibilitando-me ver um futuro promissor, afinal, se eu sofrera, meus familiares ainda vivos também enfrentavam duros obstáculos.

Resolvi ficar ao seu lado, dando-lhe sustentação o quanto pudesse. Naquela noite, acho que Elvira sonhou comigo porque ela desprendeu-se suavemente e sorriu para mim tão logo estava livre do seu invólucro carnal. Nenhuma palavra dirigiu-me mas seu olhar de ternura e gratidão foi expressivo e satisfez toda a minha ansiedade em revê-la. Não pudemos ficar juntos, pois ela seguiu um caminho distante durante o desligamento proporcionado pelo sono — afastando-se da casa — e resolvi não segui-la, para preservar-lhe, quem sabe, o desejo de ficar sozinha.

Durante alguns meses passei ao seu lado relembrando em conjunto toda a nossa vida matrimonial. Ela folheava álbuns de fotografias e eu inspirava-lhe confiança e fé. Sentia-me rejuvenescer também, pois aprendia a amar sob um outro prisma: o espiritual. Deixei minhas mágoas e rancores de lado e abracei-a várias vezes, mesmo diante de Válter, que nada percebia. Quando ela fazia suas rotineiras leituras da Bíblia, acompanhava curioso e foi a partir daí que comecei a ter um maior contato com Deus. Através da leitura em voz alta, Elvira inconscientemente transmitiu-me belas lições, a maioria delas espelhando a vida e os exemplos de Jesus Cristo.

Amadureci nesses meses mais do que nos longos anos em que estive retido naquela cova escura, em especial porque estava receptivo, enquanto antes me encontrava com ódio no coração e permanente colérico.

Pedro costumava visitá-la e dava-lhe conselhos para se afastar de Válter, um homem oportunista e ambicioso — dizia. Ela, religiosa que era, não desejava romper os laços impostos pelas segundas núpcias e insistia em permanecer casada. Não fosse eu e Elvira estaria muito sozinha a maior parte do tempo. O esposo deixava-a quase abandonada e não perdia a oportunidade de humilhá-la, ridicularizando-a nos menores detalhes, sempre que podia. Essas atitudes deixavam-me contrariado mas para não prejudicar a minha vibração, tornando-a negativa, continha-me e buscava perdoá-lo. Lembrei-me logo dos conselhos que me foram dados por aquele Espírito protetor na porta do quarto dos meus netos, quando dissera-me para somente retornar quando já não transmitisse às crianças vibrações perniciosas. Sei que ele tinha razão e visava unicamente o bem-estar dos meninos. E emanações negativas eram aquelas derivadas dos sentimentos indignos, tais como o ódio, a inveja e o rancor de toda espécie.

Quando me senti renovado pelo contato que tive com Elvira ao longo desse tempo em que passamos juntos, resolvi retornar à residência de Marco Aurélio para estar com os pequenos. Assim fiz.

Em determinada noite, adentrei o apartamento e fui direto para o quarto deles. Encontrei à porta o mesmo Espírito guardião.

—Voltou, Afonso? Fico contente por vê-lo. Sinto-o mais harmonizado consigo mesmo.

—É verdade! Segui seu conselho e creio que estou melhor. Seria possível avistar-me com meus netos?

—Sem dúvida! Pode entrar.

Foram momentos de rara felicidade. Eles dormiam profundamente mas seus Espíritos logo foram chamados a retornar ao aposento, pois estavam distantes dos seus corpos físicos. Quando nos encontramos, eles sorriram exatamente como faziam no passado ao receber os presentes que lhes dava no natal ou no aniversário.

Percebi que eram seres iluminados como aquele que os protegia, pois emanavam um brilho diferente dos outros, especialmente do próprio Marco Aurélio. Disseram-me que tinham por missão encaminhar os pais à senda cristã, o que não seria uma tarefa fácil pois eram reticentes e materialistas, como eu quando encarnado. Aquiesci ante tal colocação pois falavam a verdade. Deus enviava para compor as famílias no plano material Espíritos de diferentes graus evolutivos e diversas origens — contaram-me. Alguns já se conheciam antes de reencarnar enquanto outros pela primeira vez estariam unidos. O caso deles era este último: foram voluntários em uma colônia espiritual para voltar à carne como filhos de Marco Aurélio e Cíntia, seres endurecidos que mereciam conhecer, através dos próprios filhos, um bom exemplo de conduta cristã.

Fiquei emocionado e chorei como uma criança. Talvez, espiritualmente, eu fosse o neto e eles os avós. Acolheram-me nos braços e minhas forças redobraram-se, confortando-me. Continuaram dizendo que todos nós tínhamos uma programação a seguir e eles, enquanto fossem crianças, seriam guardados por aquele companheiro da cidade espiritual, já que os genitores tinham ligações arraigadas com o plano inferior. Ao atingirem a fase adulta — a partir dos dezesseis anos — deveriam assumir sozinhos a vigilância pessoal e da casa. E para isso bastava o amor e a fé em Deus, pois a pior criatura do umbral — aquele lugar escuro e sombrio onde seus pais iam quando desprendiam-se — não venceria jamais a força do Alto.

Eram lições preciosas aquelas. Associadas às leituras que fiz com Elvira davam-me uma noção completamente diferente da vida. Quis saber o que era *reencarnação*, termo ao qual se referiram pouco antes.

Explicaram-me que todos os Espíritos — bons ou maus, evoluídos ou não — iriam reencarnar tantas vezes fossem necessárias para completar o seu estágio de aprendizado no mundo de expiação e provas que era a Crosta. Logo, também eu iria voltar um dia à carne para continuar a minha caminhada. Enfim, tudo aquilo que Pedro insistiu vários anos para que ouvisse me estava sendo repetido por meus netos queridos.

Logicamente, fiz inúmeras indagações aos meninos — que espiritualmente eram seres adultos e iluminados — mas nem todas puderam ser respondidas. Algumas eles não tinham permissão para esclarecer e outras nem tinham conhecimento suficiente para tanto. A última indagação que resolvi fazer foi a respeito do meu futuro.

—Meus queridos, quando poderei ter uma definição quanto à minha trajetória? Confesso-lhes estar cansado e desalentado de tanto sofrer na crosta terrestre. Será que algum dia terei mérito suficiente

para conhecer uma dessas cidades iluminadas, onde poderei encontrar um pouco de paz?

—Sim, *vovozóca*! — eles chamavam-me pelo apelido que me haviam dado quando estava encarnado — Você irá, como todos, a uma colônia espiritual. Entretanto, não sabemos quando pois dependerá exclusivamente de fatores alheios ao nosso conhecimento.

—O que por exemplo? — curioso, perguntei.

—Seu merecimento e seu desprendimento. Quando estiver preparado a compreender o ciclo da vida e ter fé em Deus, certamente será chamado. Tranquilize-se e não fique ansioso. Jesus olhará por você!

—Assim seja — respondi com lágrimas furtivas nos olhos.

Despedimo-nos emocionadamente e antes de ir embora fui ao aposento de Marco Aurélio e Cíntia. Naquela noite eles dormiam sozinhos. Alguns termos novos já integravam o meu vocabulário e resolvi dar-lhes um *passe espiritual*. Como havia aprendido, fiz o posicionamento com as mãos e orei com fervor a Deus. As luzes que saíram de meus dedos chegaram a clarear todo o recinto e muitas criaturas escondidas dentro dos móveis saíram apressadas. Fiquei alguns minutos nessa posição até sentir que deveria cessar a minha atividade.

Os fios negros que ligavam os corpos do casal a algum lugar inferior da espiritualidade continuavam presentes mas tornaram-se mais esbranquiçados, como se tivessem sido queimados pela força da luz que dos meus dedos emanou.

Quando eles retornaram aos invólucros e despertaram estavam mais calmos e sintonizados. Creio ter sido a primeira vez que não os vi brigando entre si logo pela manhã. Deus os conserve assim — pedi naquela oportunidade.

Um dos conselhos que recebera de meus netos foi o de voltar à reunião de Pedro até que fosse chamado pelo Alto. Deveria fazer como Plínio, aquele companheiro que me interpelou há algum tempo instando-me a proceder desse modo.

Voltei a procurar meu caçula. Tão logo foi possível, acompanhei-o até o seu encontro mediúnico. Sabia agora do que se tratava, pois familiarizava-me com esses termos.

A reunião teve início na hora estipulada e voltei a ficar do lado de fora, porém dessa vez resignado. Vi muitas luzes no interior da casa e alguns Espíritos que, como eu, aguardavam do lado externo, foram convidados a ingressar. Ansioso, achei que pudesse estar próxima a minha oportunidade, entretanto, foi em vão. Ninguém, naquela primeira noite que passei espiando, deu-me atenção.

Voltei na semana seguinte e nas outras e outras que se seguiram. Pedro, durante os seus desprendimentos, confortava-me e incentivava-me a continuar persistente. Elvira, por suas preces, também levava-me o seu apoio à distância. Meus netos queridos faziam o mesmo. Sentia-me amado e protegido pela família que tanto amara quando encarnado. Decidi não os decepcionar e passei muito tempo frequentando, do lado de fora, aquelas reuniões.

Após mais de um ano, já conseguia saber qual era o ritmo empreendido nos trabalhos e distinguia com perfeição o momento de cura e o de desobsessão, por exemplo. Buscava acalmar — como Plínio fizera comigo — os seres que para ali dirigiam-se e não eram atendidos. A partir de certo dia, resolvi contribuir também para o bom andamento das atividades e orava a Deus solicitando ajuda aos companheiros errantes que eram atendidos — como se eu não fosse também passível de inclusão nessa lista. Desprendi-me de minha ânsia — antes ardorosa — de ingressar e conformava-me por auxiliar de onde estava. Sentia-me feliz em ser útil, mesmo que para mim nada fosse destinado.

Não saberia precisar quanto tempo fiquei atuando desse modo, sendo que meus dias transcorriam numa rotina invariável. Quando não estava na reunião mediúnica, dividia o meu tempo entre o apoio a Elvira, meus filhos Pedro e Marco Aurélio, minha nora Cíntia e meus netinhos. Às vezes, voltava ao cemitério da Consolação, onde passei longo período após o desencarne, para localizar algum Espírito sofredor que — como eu — não tinha noção de sua morte e precisaria de uma mão amiga para reencontrar-se. Algumas vezes, consegui ser ouvido por companheiros recém-desencarnados, embora noutras saísse decepcionado por nada alcançar. Nada me conferia mais prazer do que poder ajudar os necessitados. O materialismo quase desaparecera de meus pensamentos e somente vez ou outra lembrava-me de minha anterior posição social elevada quando era encarnado.

Apesar de todo o meu esforço para mudar o comportamento, obviamente ainda não me havia tornado um primor em conduta cristã. Mantinha algumas posturas egoístas e individualistas, deixando de conviver com todos por algum tempo em determinadas épocas. Nessas ocasiões, deslocava-me para diferentes lugares e apreciava acompanhar a vida de terceiros — estranhos — que me fizessem fugir à cansativa rotina. Ficava então seguindo os passos de algum encarnado, eleito por mim dentro do acaso, até que, exausto, retornava para a companhia de Pedro e dos seus encontros medianímicos semanais.

Nem sempre deixava de revoltar-me, ainda que minimamente, contra Deus, em especial quando julgava que alguns Espíritos conseguiam entrar na minha frente naquelas reuniões tão disputadas. Isso me deixava angustiado porque me sentia o mais antigo dos participantes externos. Onde estaria a tão apregoada *justiça divina*? — indagava-me. Ainda assim, na maior parte do tempo, estava vibrando amor àqueles que do lado de dentro necessitavam.

Em um dia chuvoso e frio, Pedro resolveu não ir à reunião. Decidiu ficar em casa para estudar e realizar alguns afazeres domésticos. Inseguro e vacilante, criei coragem e deliberei que deveria ir assim mesmo. O caminho eu já havia decorado, mas faltava-me o apoio moral do meu filho. Como faria se fosse naquela noite chamado? Sem Pedro não entraria — concluí.

O encontro iniciou com a pontualidade costumeira e após os primeiros trinta minutos de atividades, a luz tornou-se bem intensa, emitindo um dourado surpreendente. Quase cego, fechei os olhos,

abaixei a cabeça e, procurando não ser curioso, orei com fervor. Imaginei tratar-se de algum trabalho específico em que os médiuns iriam precisar de muito suporte.

Subitamente, senti um leve toque em meu ombro direito. Abri somente um dos olhos e inclinei um pouco a cabeça para cima com o fito de enxergar quem me chamava. Era um Espírito na forma de índio, bem alto e forte, cuja face tinha um brilho fulgurante. Os olhos pareciam duas bolas de fogo e o cocar em sua cabeça tinha todas as tonalidades do arco-íris, embora este não fosse tão intenso e vibrante. Ligeiramente assustado, fechei de novo o olho e continuei a minha prece, agora com mais ardor.

Ele insistiu e tocou meu ombro uma vez mais, dizendo:

—Afonso, é chegada a sua hora! Vamos entrar! Não percamos mais tempo!

Suas palavras foram um misto de bálsamo e embate para mim, pois justamente quando meu filho estava ausente convidavam-me a entrar. Ele parecia ler meus pensamentos e arrematou:

—Pedro está presente sim, não tema! Confie em mim e dê-me sua mão.

Estava petrificado e não sei onde consegui forças para deslocar-me, porém não saberia como recusar um convite feito com tanta autoridade moral. Ingressei, acompanhado do índio.

No interior da casa, havia a mesa com os médiuns ao redor e alguns encarnados circulando em pé. Levado a ficar ao lado de um dos encarnados presentes, o ser iluminado pediu-me que colocasse a mão sobre a fronte daquele trabalhador. Assim fiz. Uma conexão instalou-se entre nós, formando uma pirâmide que parecia estar invertida. O Espírito do médium estava desprendido e também posicionou-se ao meu lado. O mentor, chamado pelos presentes por *cacique*, começou a proferir uma prece e todos sintonizaram em uma estrela dourada que flutuava acima da mesa. Dessa estrela saiu uma forte carga de luz, cujo facho concentrou-se no interior da pirâmide até provocar uma explosão ***(Nota do autor material**: ver a ilustração "C" na página 44 do livro "Conversando sobre Mediunidade" — Retratos de Alvorada Nova**)**.

Aproximou-se de mim o dirigente do plano material. Convidou-me a refletir a respeito de minha última jornada na Crosta. Assenti, pois fora o que mais tinha feito ao longo de muitos anos. Comecei a ver imagens de todo o meu passado, estampadas à minha frente nas faces daquela pirâmide que girava ciclicamente, alternando seus pontos de apoio. Fiquei emocionado e notei que Pedro parecia estar, de fato, presente pois sentia a sua vibração de amor. Achei que estivesse desprendido de seu corpo, durante o sono.

Quando menos esperava, as imagens foram além de minha última reencarnação e continuaram a retroceder no tempo. Fiquei abalado e quase incrédulo, não obstante estivesse reconhecendo detalhes de vidas que jamais tinha imaginado um dia ter vivido. Fomos retornando e minha mente seguia o turbilhão piramidal, deixando-me tonto. O

coração parecia palpitar cada vez mais rápido e meu corpo espiritual formigar.

Os médiuns faziam orações enquanto o cacique, juntamente com o dirigente da reunião, mostravam-me erros e acertos e diziam-me que havia muito mais a ver, porém somente na época oportuna me seria aclarado.

Comovido, fui convidado a dirigir uma prece a Jesus, agradecendo a benção que estava recebendo. Sem dúvida que o fiz. E quando vibrava com amor, palavra por palavra, alguns Espíritos entraram na sala. Reconheci-os de imediato. Eram os monges que me aprisionaram tempo antes. Eles vinham trazidos por outros índios e estavam muito contrariados.

O clima era de luz — brilhante e intensa — razão pela qual o cacique voltou-se a eles pedindo-lhes que acompanhassem aquela oração que eu estava encaminhando ao Plano Superior. Refutaram de pronto e, ato contínuo, o dirigente pediu-me que lhes explicasse a importância do momento e a dádiva que poderiam receber se tornassem acessíveis. Argumentei que talvez não tivesse mérito para tanto, mas ele insistiu.

Olhei-os fixamente e instei-os a sensibilizarem os seus corações, esquecendo o amargor do pretérito, aceitando a mão estendida para a regeneração. Algum liame nós tínhamos porque, enquanto falava, dois deles prantearam com emoção. Os outros, no entanto, permaneceram recalcitrantes.

Em determinado momento, um foco de luz verde saiu de dentro da pirâmide e envolveu os monges fortemente. Ficaram imóveis e silentes. Era um grupo de seis e dois deles foram separados, justamente os que bem receberam a prece que eu encaminhara. Os outros quatro começaram a reduzir o seu tamanho gradativamente até que se tornaram minúsculos e foram colocados em pequeninas e cintilantes cápsulas, retiradas logo após do recinto ***(Nota do autor material**: ver o item "Desobsessão e Encaminhamento" no livro "Conversando sobre Mediunidade – Retratos de Alvorada Nova", página 33 e seguintes**)***.

Os que abrandaram o ressentimento foram colocados ao meu lado e novamente os médiuns começaram a vibrar. A estrela que pairava acima da mesa girou velozmente em torno do próprio eixo e a pirâmide desfez-se, abrindo espaço para a chegada de um veículo de grandes proporções, que parou a alguns metros do centro da sala. Do seu interior saíram alguns enfermeiros carregando uma maca. O cacique voltou-se a mim e falou:

—Meu irmão Afonso, este é o momento que tanto aguardou para seguir viagem à colônia espiritual que o acompanha há séculos. Essa prancha magnética lhe servirá de suporte até que você chegue ao Posto de Socorro onde inicialmente irá estagiar. Depois, uma nova vida, interessantes aprendizados e a paz esperada com fervor serão partes integrantes de sua existência. A rememorização das vidas passadas — cuja breve amostra você hoje seguiu atento — continuará e será ainda mais ampla. Seus amigos de outras eras o estarão esperando para dar-

lhe as boas vindas e o seu perdão será acionado para sanar e reparar desvios do pretérito. A sua fé será testada incessantemente, bem mais do que o foi na crosta terrestre. Entretanto, o seu esclarecimento é suficiente para que exerça com segurança o livre-arbítrio assegurado por Deus, impulsionando-o para uma nova fase de esperança e renovação. Abra agora o seu coração, agradeça a oportunidade que finalmente lhe foi concedida e parta tranquilo. Assim seja.

Grato, dirigi-me ao cacique e ousei perguntar:

—Não há palavras que eu possa usar neste momento para expressar meus sentimentos. Tenho, no entanto, uma única preocupação: como ficarão meus filhos e esposa sem mim?

O índio sorriu mansamente e não respondeu. Entretanto, uma voz na sala destacou-se para solucionar-me a dúvida.

—Meu pai, não se preocupe conosco. Agora é a sua vez! Nós teremos a nossa quando Deus quiser. Mamãe estará bem, em especial sentindo, no íntimo, que você está feliz e em paz. Marco Aurélio e Cíntia têm ao seu lado dois Espíritos de Luz que jamais os deixarão sem suporte. Por meu lado, nada me é mais gratificante do que ter sentido a sua presença junto de mim durante todos esses anos e saber que, nesta hora, você está em vias de partir para uma esfera espiritual, para o estágio pelo qual todos temos que passar, preparando-se para o retorno futuro a este mundo de expiação e provas. Deus o abençoe, meu querido Afonso.

—Filho — disse-lhe chorando — que alegria ouvi-lo falar assim. Você é desprendido e desde cedo deu-me essa lição, embora eu não tenha sabido escutar. Agora tenho certeza de que filhos também podem ensinar muitas coisas boas aos seus pais, pois são Espíritos e como tais pode ter maior preparo e evolução que os genitores — como acontece no caso e Marco Aurélio, Cíntia e os meninos. Não sei o que irei encontrar na cidade iluminada, mas tamanho foi o amor que me envolveu nesta noite que partirei confiante e esperançoso. Gostaria de agradecer ao dirigente da reunião e aos médiuns a graça que recebi.

O ambiente tornava-se vibrante e lágrimas de amor escorriam em muitas faces.

—Afonso, meu irmão, — completou o condutor dos trabalhos do plano físico — somos todos Espíritos endividados que devemos nos apoiar mutuamente nessa longa caminhada que temos a enfrentar. Você não tem que nos agradecer, talvez nós é que devamos fazê-lo. Cada companheiro que aqui comparece o faz pelas mãos de Deus e nós servimos de instrumento material para que o Plano Superior promova a interligação entre os dois planos da vida. Somo apenas coadjuvantes dos verdadeiros trabalhadores de nossa colônia. Esteja certo de que ainda voltaremos anos ver um ainda; quem sabe seja eu recebido no plano espiritual por seu intermédio? Os caminhos da vida são cíclicos e enquanto não atingirmos elevado estágio evolutivo cruzaremos as nossas trilhas por muitos e muitos anos. Graças a Deus, meu querido companheiro!

Já não tinha dúvida quando ao acerto de minha viagem. Incentivado por todos e acompanhado pelos dois monges que deixaram o grupo reticente, deitei espontaneamente na prancha, que foi então colocada no interior do veículo de transporte. Um enfermeiro brandamente aproximou-se e disse que eu iria dormir por algum tempo, mas seria um sono reparador como há muito tempo não usufruía. Recebi um foco de luz direto nos olhos e aos poucos fui perdendo a consciência.

A partir daí não mais seria capaz de narrar, pois estava viajando, feliz, rumo a um Posto de Socorro de Alvorada Nova, minha cidade de luz.

Parte 2

Quando abri meus olhos pela primeira vez, após um sono reparador, cujo período não saberia declinar com exatidão, vislumbrei uma tênue luz azul que clareava um pouco o quarto onde me encontrava. Pareciam acomodações de um hospital e já não sabia, àquela altura, exatamente o que se passava comigo. Minha memória estava quase apagada, pois a única impressão que me parecia certa era o meu nome. Demorei a compreender em que situação estava inserido, até que algumas imagens voltaram-me à mente.

Lembrei-me do instante em que ingressara num veículo estranho, parecendo o vagão de um trem, porém com formas arredondadas. No seu interior, recordei-me de ter deitado em uma maca e cuidadosamente fora acomodado em uma das várias gavetas horizontais ali existentes; sobre mim desceram fachos de luz multicoloridos e calmantes. A partir daí as cenas rarearam nas minhas lembranças. Não tinha certeza se estava vivo ou morto, aliás, algo que durante muito tempo me incomodou.

Encontrava-me em divagações pessoais quando entrou no meu quarto uma bela enfermeira, com ar suave e voz mansa, dirigindo-se diretamente à minha pessoa:

—Vejo que já despertou, Afonso. Sente-se bem?

—Sim, apesar de um pouco tonto, sinto-me tranquilo. Gostaria de saber onde me encontro...

—Você está na Casa de Repouso de Alvorada Nova, uma colônia espiritual que aprenderá a conhecer e amar com o passar do tempo. Após um tratamento relativamente longo em outros setores, foi trazido para cá a fim de terminar o seu acompanhamento médico. Sou a enfermeira encarregada de assisti-lo, meu nome é Linda.

—Faz jus a ele... — disse-lhe.

Ela encarou-me indagativa e eu continuei:

—...ao seu nome.

—Obrigada. Acredita que está em condições de levantar agora? Quer uma ajuda?

—Vou tentar.

Apoiei minhas mãos na beirada do leito onde estava e dei um impulso com o corpo. Sentei-me na cama com relativa facilidade. O próximo passo seria erguer-me para ficar em pé. Outro impulso foi necessário embora dessa vez eu tivesse perdido o equilíbrio e fui direto aos braços de Linda.

—Grato pelo auxílio. Minhas pernas estão trêmulas e minha cabeça ainda roda um pouco.

—É natural, Afonso. Você esteve bastante tempo dormindo e agora deve recuperar integralmente a sua consciência e também o controle sobre o seu corpo.

—Permita-me fazer uma pergunta. Estou morto ou vivo? Sempre me esqueço disso...

—Depende do seu referencial. Se o tem na vida material que levava na Crosta, você está morto. Se, no entanto, utilizar a referência da verdadeira vida — a espiritual — você está vivo. Que lhe parece?

—Mais ou menos esclarecedora a sua resposta, Linda. Mesmo assim, obrigado pela sinceridade.

—Aqui na colônia, Afonso, você perceberá com o passar do tempo que ninguém mente ou lhe falta com a verdade. Se não podemos dar alguma resposta, porque, por exemplo, não temos autorização para transmitir algum tipo de informação, dizemos isso a quem nos faz uma pergunta. Do contrário, tudo o que você ouvir será a mais pura verdade.

—Mas existe algum mecanismo de controle para isso, quero dizer, algo que os conduza a somente falar a verdade?

—A consciência individual quando está esclarecida e equilibrada sabe diferenciar naturalmente o certo do errado e, portanto, a verdade da mentira. E a realidade irá sempre aflorar.

—Você disse mesmo que estou numa “colônia”?!

—Sim, Alvorada Nova.

—E todos os habitantes daqui estão preparados e amadurecidos suficientemente para que suas consciências acusem quando estiverem fazendo algo errado?

—Nem todos. Mas temos que diferenciar entre os habitantes em tratamento daqueles que já estão trabalhando na cidade. Os que ocupam algum cargo em Alvorada Nova têm preparo suficiente para agir com equilíbrio e correção. Os companheiros em tratamento, mesmo que cometam algum deslize vez ou outra, estão em vias de atingir esse nível. Lembre-se que o exemplo é muito importante para a formação e para a educação dos seres de um modo geral.

—É verdade! Se a maioria age de forma correta, a minoria gradativamente tem a tendência de seguir-lhe os passos, mesmo porque o bom exemplo enriquece o nosso âmago.

—Isso mesmo, Afonso. É possível observar que o seu próprio amadurecimento espiritual consolida-se cada vez mais.

—Que nada! Sinto-me frágil e carente de muitas informações. Talvez um dia possa agir e falar com mais segurança...

—Não diga isso! A segurança advém do coração puro e cristão. O seu equilíbrio mente-coração, ou seja, razão e sentimento, origina-se dos seus atos e pensamentos. Se eles forem o espelho da moral cristã, então você estará seguro para agir em qualquer situação.

Passamos algum tempo conversando no quarto, enquanto eu ensaiava dar meus primeiros passos. Sentia-me quase como uma criança, na medida em que parecia estar reaprendendo a andar. Linda era atenciosa e dedicada, deixando-me à vontade para errar quando fosse imprescindível e elogiando-me os acertos logo a seguir.

Naquele lugar o tempo parecia ter outros parâmetros pois não o via passar. Estávamos estacionados há horas e talvez na mesma situação e ela não se preocupava em apressar-me, nem exigia brevidade no meu aprendizado. Preocupei-me com isso, pois uma estranha sensação

impulsionava-me sempre a fazer tudo no menor espaço de tempo possível. Resolvi indagar-lhe a respeito.

—Linda, estamos aqui há um bom tempo, não?

—Pode ser.

—Isso não a preocupa, isto é, não tem outros pacientes e afazeres? Se eu estiver incomodando, pode dizer...

—Ora, Afonso, meu trabalho é justamente esse: dar-lhe apoio. Se outros pacientes precisarem de auxílio, há outras enfermeiras que poderão atendê-los. Você tem o tempo que precisar até sentir-se cômodo e seguro.

—Confesso-lhe que isso é fascinante para mim. Senti um certo constrangimento por estar *tomando* o seu tempo nessa minha fase de recuperação tão lenta. Vocês não têm relógios ou compromissos aqui?

—Não da forma como você estava habituado a utilizar. Não somos escravos do tempo mas, ao contrário, no plano espiritual o tempo é ilimitado e serve ao nosso evoluir. Não cronometramos as horas e os minutos como se faz na Crosta, mas temos compromissos. Definimos as nossas atividades dentro de parâmetros simples. Nenhum trabalhador da colônia exerce mais atividades do que suas capacidades comportem, logo, há uma meta diária a cumprir e que de fato é atingida. Não necessitamos de relógios ou cronômetros porque tudo o que temos que fazer é alcançado naturalmente, desde que tenhamos responsabilidade e disciplina. A partir do ponto em que passamos a ocupar funções em Alvorada Nova, já estamos preparados a cultivar esse binômio ao qual fiz referência. Para que contar o tempo se não perdemos compromissos?

—Bem, analisando dessa forma, seria mesmo inútil. Havendo disciplina e responsabilidade e uma cota diária possível de ser atingida, o trabalhador pode seguir o seu rumo naturalmente, sem o controle dos ponteiros de um relógio. Tenho ainda uma dúvida: do jeito que as coisas foram colocadas, parece-me que todo trabalhador é perfeito. Ele tem atributos que o transformam num ser distante dos equívocos e dos erros...

—Não é verdade! O que o deixou surpreso é o fato de termos alguns atributos de forma mais constante do que os encarnados têm. As mesmas regras que são estabelecidas aqui podem sê-lo na Crosta, embora na materialidade haja maior dificuldade no cumprimento das metas porque a consciência, o equilíbrio e o senso moral dos seres não estão ainda em um patamar que permita certas situações como, por exemplo, não ter a rigidez de um relógio a controlar os passos. Nós, habitantes e trabalhadores de uma colônia espiritual, cometemos equívocos e quando somos corrigidos por aqueles que espiritualmente estão mais evoluídos que nós aprendemos com nossos erros e progredimos mais um degrau em nossa longa caminhada.

—Se não há rigidez no controle do tempo, significa que você é minha enfermeira particular?

—Em absoluto, Afonso! Aliás, não sou *sua* enfermeira, mas da Casa de Repouso. Esse conceito individualista que trazemos do plano material tende também a cair quando passamos a perceber que o

interesse coletivo está acima de nossos desejos pessoais. Interessa a todos desta colônia a sua recuperação e o seu aprendizado. Tenho certeza que cada habitante de Alvorada Nova, se soubesse, ficaria muito feliz em vê-lo acordado e ensaiando os primeiros passos.

—É... para mim é muito difícil entender essa filosofia de vida. Disponho-me, no entanto, a aprendê-la e conhecê-la melhor. Você irá ensinar-me?

—Essa não é minha função, mas com certeza outros companheiros o farão. Não desanime, Afonso, pois o *verdadeiro despertar* ainda está por vir.

Ficamos mais algum tempo juntos até que Linda deixou-me no quarto, prometendo voltar em breve para continuarmos a sequência de reabilitação pela qual deveria submeter-me.

Descobri aos poucos que o *despertar da consciência* é algo muito complexo e que independe do mero desejo individual de colher informações do tipo *quem somos* e *para onde vamos*. Trata-se de um processo que envolve essencialmente a vivência de determinadas situações. Devemos unir os conceitos teóricos que aprendemos em leituras ou palestras com a vontade clara e determinada de experimentar e agir dentro desses princípios cristãos. Assim fazendo conseguimos evoluir e com isso *despertar a consciência*. Levei muito tempo até alcançar tal grau de esclarecimento e essa parte da minha vida em Alvorada Nova, após o meu desencarne, merece ser narrada.

Mergulhado na ânsia de conhecer tudo o que me volteava a ampliar meus horizontes, em algum tempo estava caminhando pelo quarto com o auxílio fraterno de Linda. Logo após, obtive autorização para dar caminhadas do lado externo da Casa de Repouso e passei a vivenciar maior contato com a Natureza e os belos campos floridos da cidade espiritual.

Não demorei a aceitar que estava em outro plano da vida, ou seja, havia despertado para uma outra dimensão, longe do mundo físico e dos meus familiares. Estava tranquilo e não me sentia angustiado por estar distante daquele que considerava ser o meu verdadeiro habitat. Afinal, havia sofrido muito quando desencarnara e justamente o fato de negar o óbvio conduzira-me ao estado de miserabilidade emocional que enfrentei ao longo de vários anos. Além disso, cultivava a esperança de que poderia rever minha família no momento que achasse necessário. Esse foi o meu primeiro engano.

Tinha muitas dúvidas, como eu, não tinham contato consciente com o espiritismo ou pelo menos não aceitavam a vida espiritual. Enquanto estive encarnado sempre neguei a continuidade da existência do ser após a morte e até mesmo o meu desencarne fora objeto de recusa em minha mente.

Enquanto refletia, caminhando pelas mansas alamedas da colônia acompanhado pelo contínuo brilho colorífico da enorme estrela da Praça

Central, tinha vontade de obter dados relativos ao meu futuro, isto é, o que aconteceria comigo dali em diante.

O processo pelo qual estava passando era de franco amadurecimento espiritual e conduzia-me, como já fiz referência, ao despertar da consciência. Apesar disso, não estava ainda familiarizado com o Dom da paciência, ainda que muitos amigos que começava a formar dissessem-me que *nada era feito fora do seu devido tempo em Alvorada Nova*. Cada situação e cada experiência somente seriam possíveis quando o Espírito estivesse apto a vivenciá-las.

Continuava internado no hospital e mantinha contato diário com integrantes da Coordenadoria de Programas **(Nota do autor material**: a Coordenadoria de Programas traça minuciosamente o plano total de estada da entidade na Colônia. Encontram-se nesse local as unidades de ensino, vinculadas ao Núcleo de Desenvolvimento da Doutrina, as quais cuidam da orientação do Espírito que acaba de ser colocado à sua disposição pela Coordenadoria de Triagem (Cairbar Schutel, Alvorada Nova, pág. 131)**)**.

Minha mente estava em atividade contínua, especialmente triturando as memórias que me afloravam dia após dia.

Recuperado, passei a integrar um grupo de estudos durante as tardes no Centro de Aprendizado da Luz Divina **(Nota do autor material**: o Centro de Aprendizado da Luz Divina é o local onde os habitantes de Alvorada Nova, com exceção das crianças e dos enfermos, mantêm contato com os ensinamentos de Cristo. É o esteio cultural e doutrinário da Colônia. Consiste num grande prédio retangular, de material semelhante ao cristal, com cinco andares. Lá está o Auditório Principal, localizado no térreo, onde se realizam palestras, Cairbar fala aos habitantes da comunidade, além de ocorrerem apresentações de música erudita, entre outras atividades. Nos andares superiores há salas de evangelização, salas de convivência e bibliotecas de uso público (Cairbar Schutel, Alvorada Nova, pág. 181)**)**. Éramos dez companheiros que recebiam instruções e palestras proferidas por habitantes mais experientes da cidade espiritual. Todos, naquele agrupamento, tínhamos o mesmo nível de visão e de conhecimento.

Passei a ampliar meus estudos e ter ao mesmo tempo a noção de que era muito ignorante no tocante à maioria dos assuntos colocados em debate. Quase nada sabia a respeito das leis universais que regem a nossa vida. Admito que isso irritou-me bastante, pois ainda carregava comigo o orgulho de um empresário bem sucedido que por todos era reverenciado e jamais seria considerado inculto no plano material. É verdade que meus orientadores e também meus companheiros de estudos jamais fizeram qualquer menção a esse meu latente estado de falta de saber.

Quando me senti seguro em alguns conceitos, passei a opinar em nossos encontros a respeito do que entendia das lições auferidas. A princípio, ainda com uma opinião equivocada, minhas observações não geravam unanimidade no meu grupo, mas ao contrário suscitavam

polêmica. O debate, entretanto, sob mediação do orientador que conduzia as palestras, era fraterno e positivo.

A partir daí, ingressei naquilo que chamei de *fase de responsabilidade*, isto é, já detinha conceitos suficientes para repensar o meu primitivo comportamento. Comecei então a lutar contra as minhas más tendências, especialmente o orgulho que me impedia de aceitar as idéias de meus companheiros de grupo ao longo dos debates que travávamos. Era muito difícil, embora eu tivesse plena consciência de que estava ali justamente para isso: aprender e mudar.

Não conseguiria expressar-me em termos numéricos, razão pela qual não sei quanto tempo passou até que eu tivesse sido chamado à Coordenadoria Geral para um encontro com um assessor do dirigente de Alvorada Nova.

Um pouco temeroso mas determinado a não faltar, compareci na data estipulada.

Recebido por Rubião, um dos Espíritos que assessorava o coordenador geral, tive o meu primeiro contato com algumas revelações que iriam compor o meu destino.

—Afonso, ficamos muito felizes com o seu progresso em nosso programa de recuperação de consciência. Estou a par de sua evolução nas palestras do Centro de Aprendizado da Luz Divina e gostaria de colocar-me à sua disposição para ouvi-lo — disse-me o assessor.

Confuso, pois achara que ali tinha sido chamado para receber instruções, percebi que à minha frente estava um dos dirigentes da colônia espiritual colocando-se à disposição para ouvir-me e não para transmitir-me alguma ordem. Que triste hábito era o meu de imaginar que sempre havia uma relação autoritária por parte de quem dirigisse algum negócio ou empreendimento — pensei. Aquela cidade não me parecia diferente.

—Desculpe-me se estiver sendo impertinente mas, antes de iniciar, gostaria de saber qual a finalidade deste encontro já que nem sei o que dizer, isto é, não esperava ter sido chamado para falar e sim para ouvir.

O assessor olhava-me fixamente mas com ternura. Manteve o seu silêncio e deixou que eu continuasse um pouco mais.

—O senhor... quer dizer, você — eu não estou acostumado ao tratamento informal daqui ainda — há de compreender que passei um bom tempo ouvindo palestras e tendo lições e, agora, quando sou chamado à Coordenadoria Geral, achei que não era o momento de falar mas sim de continuar ouvindo instruções.

—Tranquilize-se, Afonso. Você foi convidado a vir à Coordenadoria justamente porque se encontra num estágio de esclarecimento suficiente para ser ouvido em seus mais íntimos reclamos. Sabemos que está angustiado em matéria de informações e que deseja obtê-las o quanto antes, em especial relativamente ao seu futuro. Portanto, nada mais justo do que deixarmos que você mesmo expresse todos os seus anseios e possa satisfazer as suas dúvidas na medida do possível.

Além disso, não nos considere como se fôssemos dirigentes da sua opinião ou da sua conduta. Em absoluto! Fomos investidos da função de coordenar os trabalhos e a organização da colônia Alvorada Nova e não de dirigir os seres que aqui habitam. Cada um tem ampla liberdade de pensar e de agir e conta conosco da Coordenadoria Geral como amigos e companheiros de caminhada, jamais como “chefes” ou “autoridades”. São conceitos que com o tempo você irá naturalmente assimilar. Quero deixá-lo à vontade para manifestar-se e para obter as informações que desejar.

—Obrigado por suas explicações. Logicamente eu não conseguirei uma perfeita e imediata compreensão do mecanismo que me foi exposto; ainda trago comigo noções de hierarquia e subordinação que aplico no meu dia-a-dia na colônia.

—Não tem importância, Afonso. Aos poucos você irá assimilar o nosso mecanismo de trabalho. Mas não se apresse; trata-se de um processo natural de aprendizado.

—Veja, Rubião, demorei muito a aceitar a minha condição de desencarnado, ainda quando estive na Crosta. Sofri muito desde então e tive alguns contatos amargos no plano material. Quando fui resgatado por Espíritos benfeitores, prometi ao meu filho que um dia voltaria para revê-lo e confesso que sinto saudade da minha família. Tenho sido muito bem tratado e hoje aceito a minha atual condição, sei que a vida não se encerra com a morte do corpo físico, mas não entendo qual rumo vou tomar e se irei viver aqui para sempre. Estou sendo franco e não sei se posso lhe dizer o que realmente ando sentindo...

—Prossiga, fale o que tiver vontade.

—Pois bem. Na realidade, ainda que esteja adquirindo consciência do que vivi e do que fiz de errado penso que a vida na crosta terrestre é melhor para mim. Não sei se posso voltar, mas gostaria... Sabe, não quero dizer que desgosto daqui, em absoluto, embora prefira residir junto aos meus. Você entende? Agora que estou frente à coordenação posso falar claramente quais os meus intentos. Vocês são como *assessores de Deus*, não? — indaguei-lhe sem qualquer constrangimento.

—Afonso, não me surpreende que seus conceitos ainda estejam confusos. Comigo não foi diferente ao longo de muitos anos... Preciso esclarecer-lhe, de início, que você não está no “céu” e que nós não somos “anjos”. Portanto, não somos “assessores de Deus”. Sou um auxiliar de Cairbar Schutel, o dirigente desta colônia espiritual. E ele está bem longe de ser um deus. Todos os habitantes desta cidade são desencarnados como você. Alguns receberam a incumbência de trabalhar em nossas unidades de modo a organizar a vida na cidade. Outros estão em tratamento.

Por outro lado, não seremos nós que decidiremos quando você irá retornar à Crosta, ou seja, quando irá reencarnar, mas posso desde já antecipar que não voltará ao mesmo lugar de onde veio e à mesma família. Lembre-se, Afonso, que você — para eles — morreu, razão pela qual não pode retornar à mesma posição.

—Sim, eu sei, mas quem sabe com uma interferência sua, junto a quem de direito, eu possa voltar como parente próximo ou amigo da família. Gostaria de rever os meus familiares, abraçá-los outra vez...

—Não me cabe decidir a esse respeito. Entretanto, não se martirize dessa forma, pois a sua memória espiritual ainda irá ampliar-se e você poderá constatar que eles não são os únicos familiares ou afins que preenchem o seu coração. Talvez, com as novas descobertas que fará, nem mais desejará voltar à sua antiga família; pode ser que algum outro Espírito lhe seja mais afeiçoado e próximo.

—Impossível! — disse com certa rispidez. Desculpe-me a colocação, mas acredito que esteja falando com a pessoa errada. Se você não pode resolver nada, por que quis ouvir-me os reclamos? Não compreendo a razão de estar abrindo o meu coração com alguém que não tem o poder de decisão... Seria possível para mim falar diretamente com Cairbar, o dirigente?

—Sim, é possível. Tenha um pouco de paciência e ele terá imenso prazer em recebê-lo — respondeu-me impassível o assessor.

—Assim é melhor. Eu gosto sempre de ir direto à fonte. Não tenho nada contra você, mas prefiro conversar com quem manda... — concluí, esboçando um sorriso inconsciente.

Alguns dias **(Nota do autor espiritual**: ainda que a contagem do tempo no plano espiritual não seja a mesma do material, são utilizados os parâmetros que os leitores encarnados conhecem para haver maior entendimento. Assim, narrando em “dias” ou “horas”; “semanas” ou “meses” o tempo decorrido, o leitor consegue ter uma idéia do período entre um fato e outro.**)** depois, fui chamado para um encontro com Cairbar Schutel, o coordenador da colônia.

Tão logo cheguei ao Prédio Central, fui conduzido a uma imensa biblioteca e imediatamente recebido por ele.

—Paz em Jesus, meu caro Afonso. Fico satisfeito em revê-lo. Esteja à vontade, encontro-me à sua inteira disposição.

—Cairbar, pretendo ir diretamente ao assunto que me traz à sua presença, se não lhe for incômodo.

Ele gesticulou, dando-me condições de prosseguir.

—Estive conversando com Rubião, seu assessor, como naturalmente você deve saber. Pedi-lhe uma oportunidade para voltar ao plano material a fim de estar próximo dos meus familiares. Ele recusou dizendo que não tem competência para decidir; logo, creio que agora estou diante da pessoa certa para avaliar o meu pedido. Quero deixar bem claro que estou muito satisfeito com o tratamento que aqui estou recebendo, mas apesar de tudo acho que irei adaptar-me melhor no outro plano. Seria então possível atender-me o reclamo?

—Meu amigo, lamentavelmente não depende de mim. Essas decisões a respeito de reencarnes são tomadas pelo Plano Superior e a nós comunicadas pelas vias adequadas. O seu estágio na colônia ainda não está completo e somente depois de ultrapassar todas as fases de seu aprendizado é que poderá solicitar o regresso.

—Não quero em absoluto ser inconveniente, mas com quem devo falar que possa realmente decidir a esse respeito?

—Sinto não poder ajudá-lo agora da forma como deseja. Por ora, Afonso, o seu acesso está limitado a mim. Não há outra pessoa com quem possa conversar para conseguir essa autorização de regresso. Mas tenha paciência, pois no tempo certo você irá compreender algumas outras coisas que hoje lhe fogem ao alcance. Tenho certeza de que mudará de idéia quanto a alguns tópicos e quem sabe essa sua vontade de voltar também não seja alterada...

—Jamais mudarei meu ponto de vista, pois prometi ao meu filho que iria voltar... Estou decepcionado! Gostaria de retornar ao meu quarto.

—Afonso, Rubião o acompanhará até a sua unidade. Em breve, tornaremos a nos encontrar. Que Deus o abençoe! Siga em paz, meu irmão.

Voltávamos juntos pelas alamedas da colônia, seguindo rumo à Casa de Repouso. Rubião e eu nada falávamos, embora tivesse notado que ele apenas aguardava que eu iniciasse alguma conversa. Estava magoado e preferi manter o silêncio, situação que ele respeitou. Despedimo-nos e permaneci algumas horas meditando em meu aposento.

Estava no plano espiritual, recebera lições e palestras de esclarecimentos, tinha autorização para deixar a Casa de Repouso e passear pela cidade, avistara-me com os dirigentes dali, mas ainda assim sentia-me despreparado para entender qual a razão de não ter obtido até aquele momento autorização para voltar à crosta terrestre ou pelo menos ser informado qual haveria de ser o meu destino ali. Não seria essa a curiosidade de qualquer um na minha situação? Quanto tempo mais iria aguardar para obter a informação desejada? Com essas dúvidas em meu coração, terminei adormecendo e mais um dia decorreu sem que meu coração estivesse em completo sossego.

Lembro-me sempre de ter estado muito confuso após a conversa com Cairbar Schutel e seu assessor Rubião na Coordenadoria Geral de Alvorada Nova. Estava desencarnado, assim como eles, e nunca tinha acreditado em vida espiritual após a morte, aliás uma das principais causas do enorme sofrimento que vivenciei após a morte.

Sentia-me desamparado e sem perspectiva de futuro, já que os dirigentes da colônia espiritual não me podiam dar esperança ou alguma informação crucial sobre minha família.

Acostumado a ter parâmetros materialistas, imaginara que tudo se resolvia no plano espiritual do mesmo modo que no físico, ou seja, poderia ir para onde desejasse desde que apresentasse bons argumentos a quem pudesse ter o poder de decisão. Não havia notado até aquele momento que a hierarquia no mundo dos Espíritos se faz pela grandeza moral de cada um e que nas cidades espirituais como Alvorada Nova os trabalhadores não são criaturas perfeitas, mas em evolução, de

modo que não têm o condão de decidir por si próprias a respeito do futuro de seus semelhantes.

Comecei a perceber a importância de voltar-me a Deus, orar e, quem sabe quando tivesse mérito, ser ouvido. As coisas não iriam ser conseguidas através de súplicas ou pedidos, mas sim mediante fé e devoção. Além disso, se vários habitantes da cidade trabalhavam continuamente, eu também deveria fazê-lo e somente assim estaria realmente integrado àquela vida, talvez podendo pedir, futuramente, algum benefício para mim ou para os meus familiares que ficaram na Crosta.

Iniciei então minha jornada pedindo a Linda que intercedesse junto à direção da Casa de Repouso para essa finalidade. Desejava trabalhar.

—Soube que você esteve com o coordenador geral...

—É verdade.

—E como foi o seu encontro? Conseguiu as respostas que tanto procurava?

Não quis ser pessimista, pois achei que poderia prejudicar o pedido que eu lhe faria a seguir e amenizei:

—Satisfatório. Nem tudo me pôde ser respondido, você sabe, devo aguardar mais um pouco para conseguir determinadas informações.

—Isso é verdade. Espero que, de fato, o seu coração esteja tranquilo, pois muitos não aceitam esperar o momento certo e querem antecipar o percurso.

—Não vou negar que fiquei um pouco decepcionado, mas creio que agora já superei.

—Afonso, o melhor que você tem a fazer é começar a trabalhar, já que está em condições para isso.

—Era justamente o que eu ia pedir a você...

—Sentir-se-ia bem trabalhando aqui conosco?

Linda parecia acertar os meus pensamentos.

—Sem dúvida!

—Ótimo! Em breve lhe trarei uma resposta.

Não tardou para que eu iniciasse o meu trabalho. No primeiro dia, logo cedo, um assistente da direção veio até o meu quarto e convidou-me a acompanhá-lo. Iria mostrar-me a Casa e também ensinar-me como desempenhar a minha atividade.

—Estamos felizes em recebê-lo em nosso corpo de trabalhadores, Afonso. Seja bem vindo! Meu nome é Augusto. Você pode contar comigo sempre que desejar ou precisar esclarecer alguma dúvida.

—Obrigado. Gostaria de saber, em primeiro lugar, qual será a minha função.

—Não se preocupe, chegaremos lá. Estamos indo para o último andar do hospital. Logo que sairmos do elevador você poderá observar um longo corredor à nossa frente. Ele nos levará até as Salas do Estágio Pré-Cirúrgico.

Assim fizemos. Quando estávamos nesse corredor, comecei a perguntar a respeito do funcionamento e da distribuição das salas nesse andar e Augusto explicou-me todos os detalhes necessários. Fiquei impressionado com o hospital. Havia quatro salas de cirurgia e outras contendo o armazém de medicamentos e o Centro de Energia, que era o compartimento encarregado de manter o funcionamento da Casa de Repouso. Passei pelas salas preparatórias, para onde seguiam os pacientes antes das cirurgias, e pelas destinadas ao pós-operatório. Ainda nesse andar estava a Administração Geral, o arquivo e a Sala de Recuperação Mental, que era o local destinado ao tratamento psiquiátrico e psicológico dos Espíritos. Encontrei também o Centro de Estudos Médicos, local que viabilizava e preparava os projetos para o aperfeiçoamento tecnológico da Crosta no campo da medicina. Enfim, estava maravilhado.

Estávamos passando por alguns cômodos destinados a armazenar os equipamentos e os remédios, quando paramos.

—Aqui está o seu local de trabalho, Afonso.

Olhei para os lados e não achei nada importante para fazer, nenhuma mesa ou gabinete, não vi uniforme ou sala com meu nome à porta. Dirigi um olhar indagativo a Augusto.

—Você deverá levar material à sala de cirurgia toda vez que for necessário. Este é o armazém dos medicamentos e equipamentos cirúrgicos.

—E o que mais irei fazer? — perguntei-lhe.

—Somente isso, Afonso. Não se preocupe, não é uma tarefa das mais difíceis.

—Justamente! Esse é o problema. Por que irei exercer uma atividade tão diminuta?

Sem esboçar muita surpresa com o teor da minha indagação, Augusto voltou-se a mim e disse taxativo:

—Todas as funções em Alvorada Nova têm igual relevância, meu amigo. Não se deve fazer distinções entre as atividades desenvolvidas, pois cada trabalhador tem o seu valor e faz funcionar alguma engrenagem importante no contexto geral da cidade. Assim também deveria ser na Crosta, não é? Entendo, naturalmente, que você tenha uma visão materialista das profissões porque sei e lembro-me de como é a vida encarnada. Cada pessoa vale pelo que ela aparenta ser e não pelo que de fato é.

Fiquei envergonhado pela pergunta que havia feito e nada respondi. Ele percebeu e completou:

—Mas não se sinta constrangido. Estamos aqui para aprender. Quando cheguei, perguntei a mesma coisa ao companheiro que me apresentou a primeira função que iria desempenhar.

Notei claramente que Augusto tentara deixar-me à vontade e para tanto disse que fizera a mesma coisa quando iniciou suas atividades na colônia. Talvez até tivesse agido do mesmo modo, mas naquele momento a sua intenção não era relatar-me tal fato e sim buscar tranquilizar-me, pois estava visivelmente acabrunhado.

Quando estava reencarnado, tinha uma visão diferente do trabalho. Considerava-o realmente uma atividade destinada a trazer fama e riqueza. Não conseguia ver o seu lado produtivo e solidário, nem tampouco que através dele poderíamos auxiliar os semelhantes e individualmente crescer. Além disso, considerava que cada pessoa tinha no trabalho um símbolo de prestígio e ascensão social; essa era a razão porque fazia distinção entre as atividades laborativas. Costumava separar as que entendia como nobres das outras que considerava secundárias e de menor importância.

Em verdade, sentia-me uma criança aprendendo tantas coisas diferentes ao mesmo tempo. Notava que a vivência na crosta terrestre trouxera-me experiência, é certo, mas com vários conceitos distorcidos. O meu aprimoramento moral estava deficiente e podia constatar tal fato nas mínimas situações com as quais me envolvia.

Gradativamente, aprendi a gostar do meu trabalho, mesmo porque todos os médicos e enfermeiros da Casa de Repouso tratavam-me muito bem e com especial consideração. Não era privilégio meu, pois esse era o tratamento dispensado a todos os funcionários do hospital, não importando qual era a atividade desenvolvida. Notei que o meu interesse aumentava na medida em que me deixava apegar à função. Transportava os remédios e os equipamentos solicitados com rapidez e já conhecia os seus nomes técnicos.

Confesso que continuava inconformado com o fato de estar afastado de meus familiares na Crosta, sem notícias deles e desconhecendo quais seriam os meus próximos passos na colônia.

Os companheiros da Casa de Repouso tranquilizavam-me sempre que me viam melancólico e diziam que todos haviam passado por igual angústia, mas que o aprendizado tinha um curso a seguir, não adiantando reclamar ou contrariar a ordem natural das coisas.

Como era apegado à minha vida material! — refletia. Não havia um só dia em que deixasse de lembrar de meus filhos e da querida Elvira.

Confortavam-me as palestras que acompanhava no Centro de Aprendizado da Luz Divina. Muitas delas tratavam justamente desse tema, ou seja, do distanciamento que os desencarnados experimentam da vida material e da reaproximação gradual com a realidade do plano físico.

Não sei quantas semanas ou meses decorreram quando fui novamente chamado à presença de Cairbar Schutel.

—Meu amigo Afonso, soube que está bem integrado à sua função na Casa de Repouso.

—É verdade, gosto do meu trabalho.

—Isso é muito bom, porque significa que já está preparado a vivenciar outras experiências. Você gostaria de ter um contato com sua família, não?

Meus olhos brilharam de emoção ao ouvir tal colocação da parte do coordenador geral.

—Sem dúvida! Mas, quando poderei retornar?

—Calma, meu irmão, não lhe disse que irá voltar à crosta terrestre. Mencionei que poderá fazer um contato com os seus familiares, pois ainda é cedo para um retorno.

Um pouco decepcionado, resolvi não contestar.

—Submeto-me à sua avaliação; qualquer aproximação, por menor que seja, me será gratificante.

—Então está bem. Acompanhe Rubião e ele providenciará esse reencontro.

Despedi-me um pouco constrangido por não ter ainda conseguido agradecer ao dirigente a conquista que estava obtendo.

—Rubião, posso fazer-lhe uma pergunta?

—Naturalmente.

—Será que Cairbar ficará magoado comigo? Sinto que nas duas oportunidades em que o encontrei não fui muito acessível ou gentil e deixei de agradecer-lhe a atenção a mim dispensada.

—Não se preocupe, Afonso. Ele está acostumado a lidar com os problemas de nossos irmãos. Entendemos que esteja ainda inconformado com a sua situação, especialmente no tocante à falta de informações quando ao seu futuro e também com relação à sua família material. Jamais imagine que os sentimentos aqui são tão frágeis e delicados como na vida física.

—Como assim? — indaguei confuso.

—Quero dizer que no plano espiritual, ao menos nas colônias, não há lugar para melindres e rancores de qualquer ordem. Sei que no plano físico as mais inofensivas palavras ou atos podem servir de pretexto a um rompimento de relações ou, o que é pior, a um sentimento negativo, tal como a vingança. Os encarnados ressentem-se muito facilmente e julgam-se atingidos ao menor sinal de insatisfação das pessoas que os cercam. Na verdade, meu amigo, isso é mostra de insegurança, descontrole emocional e acima de tudo vaidade, pois não há razão alguma para conduzir a vida dessa maneira.

—Você quer dizer que não devemos jamais responder a alguma injúria?

—Não lhe posso dizer nem sim, nem não. Note-se em primeiro lugar que a paciência e a mansuetude devem ser comportamentos básicos do ser humano. Logo, muitas injúrias poderiam até mesmo ficar sem resposta, já que a compreensão no tocante ao descontrole alheio é ato cristão. No mais, se houver necessidade de uma resposta, que ela seja justa, isto é, na medida certa, sem agressões e sem rancor. Dar uma explicação ou responder a um ataque, quando imperioso fazê-lo, pode ser realizado com racionalidade, sem ofender o semelhante.

—Ora, Rubião, você fala como se nunca tivesse vivido na Crosta. Isso é impossível!

—Não seja tão rigoroso, Afonso. Tive muitas vivências, sem dúvida. Cometi muitos desatinos e estou em fase de aprendizado tal como você. Entretanto, já aprendi suficientemente bem que a melhor resposta a uma agressão é o amor. Não se vai educar alguém com ódio e

desprezo, ao contrário, os ânimos ficarão mais acirrados. Mas não lhe retiro a razão no sentido de que isso é muito difícil, mormente para o estágio atual de evolução do plano físico.

—Justamente... — concordei apressado.

—O que não significa que devamos nos conformar com isso. A nossa meta é alterar o curso equivocado das reações para que possamos aprimorar o nosso modo de sentir o mundo.

—Desculpe-me, mas não entendi...

—Quero dizer que precisamos viver de uma maneira mais singela, sem considerar agressão qualquer coisa errada que nos aconteça, seja aqui na colônia, seja na crosta terrestre. Lembra-se quando você não recebeu bem a função que lhe foi destinada na Casa de Repouso?

Balancei a cabeça afirmativamente.

—Sei que isso lhe gerou angústia e sofrimento. Caso tivesse recebido de forma positiva teria evitado uma perturbação emocional desnecessária. Você acabou experimentando a sua atividade de qualquer forma e terminou gostando. Note, meu amigo, que a sua reação poderia ter sido diferente, o que somente iria beneficiá-lo. Essa é a nossa meta. Devemos modificar o nosso modo de encarar os percalços da vida visando aprimorar o mundo à nossa volta. Através dos bons exemplos...

—... conseguimos bons resultados — completei zeloso.

—Exatamente, meu amigo!

—Você diz isso porque está vivendo em uma colônia espiritual, onde há possibilidade das coisas darem certo.

—Em absoluto! Refiro-me a qualquer estágio da vida. Muitos companheiros nossos têm ainda reações desproporcionais quando vivenciam alguma contrariedade aos seus interesses. Na Crosta acontece o mesmo, talvez com mais ênfase e mais amiúde. Precisamos todos, Afonso, privilegiar o processo de reforma íntima.

Pensativo sobre o que estava ouvindo, acompanhei Rubião no Prédio Central até o local onde estava um imenso arquivo, com vários monitores apresentando imagens como se fossem fichas de consulta. O meu condutor apertou alguns botões e em poucos instantes havia na tela, com o meu nome ao alto, várias linhas contendo símbolos que, à primeira vista, não consegui decifrar. Não custei a perguntar-lhe do que se tratava.

—É simples, meu amigo, eis aqui a ficha relativa à sua última encarnação na crosta terrestre. Tenho os seus dados e aqueles pertinentes aos seus familiares. Posso consultá-los conforme desejar.

—Desejo saber como estão agora...

—Chamarei a tela que lhe irá exibir o presente na vida dos seus.

E assim fez. Em poucos segundos havia no monitor a imagem de Elvira e seu novo esposo, seguida de várias cenas demonstrativas do seu atual modo de vida. Fiquei feliz em saber que após o nosso último encontro na cozinha de sua casa muita coisa havia mudado em sua jornada. Ela parecia estar mais forte e já não se deixava agredir pelo marido, nem tampouco ser por ele maltratada. Creio que a ajudei

naquele dia, aproximando-me dela e dizendo-lhe por inspiração que não estava magoado. Emocionado, olhei para Rubião sem dizer-lhe uma única palavra, mas ele entendeu que eu estava agradecido.

Depois disso, ele tocou outro botão e segundos foram suficientes para trazer à tela a imagem de Marco Aurélio e sua esposa Cíntia. Eles estavam distanciados e pouco conversavam. Percebi que a separação seria iminente, mas não uma surpresa, pois o tipo de vida que levavam acabaria por certo a isso conduzindo. Fiquei entristecido, ainda que conformado. Voltei-me para Rubião e disse-lhe que gostaria de ter notícias de meus netos. Assim foi feito. Constatei que ambos estavam bem adaptados e tinham sido colocados em um colégio interno. Essa não era a vida que desejei para eles, mas talvez fosse melhor do que continuar na angustiante e mascarada vida familiar que possuíam.

Restava-me saber de Pedro. O caçula trouxe-me alegria, pois pude perceber que ele seguia um bom caminho. Continuava frequentando as reuniões espíritas e parecia estar noivo, pois notei a existência de uma aliança em sua mão direita. Fixei meus olhos na tela e guardei a última imagem que me era exibida: Pedro orando por mim no aconchego de seu quarto. Fiquei muito feliz em saber que alguém ainda me tinha em consideração e pedi a Rubião que desligasse o aparelho.

—E então, Afonso, como foi?

—Não posso dizer que fiquei surpreso com o que vi. Aguardava algo semelhante. As coisas não mudam tão facilmente, meu amigo. Minha família está agora quase do mesmo modo. A evolução foi lenta e sutil.

—Exatamente! Foi importante que tenha constatado isso sozinho. A evolução necessita de tempo, tanto para o encarnado quanto para o que vive no mundo espiritual. Eles não iriam alterar o comportamento de repente somente porque você desencarnou. Da mesma maneira que você está aqui, lutando pelo seu progresso, eles continuam no plano físico galgando, ainda que lentamente, a trilha evolutiva. Reforma íntima não acontece da noite para o dia. Você percebe agora porque Cairbar não lhe permitiu, seguindo instruções Superiores, visitar seus familiares pessoalmente? Entende por que não pode voltar à Crosta?

—De fato, o tempo nos ensina muita coisa. De nada adiantaria o meu retorno, se isso fosse possível. Elvira já está casada novamente e parece que agora está feliz com seu esposo. Marco Aurélio e Cíntia não mudaram em nada e estão em vias de romper os laços matrimoniais. Meus netos estariam afastados de mim de qualquer modo porque internados em um colégio. Pedro, por sua vez, continua mantendo o mesmo equilíbrio emocional de sempre. Não há mais espaço para mim dentre eles; simplesmente por conta da lei da vida.

Deixe-me levar pela emoção e lacrimejei. Amparado por Rubião, saí da sala do arquivo e voltei aos meus afazeres habituais.

Enquanto o tempo passava, minha reflexão contínua conduzia-me a uma certeza: a de que tudo era possível de ser alterado. Se a minha família na Crosta, após o meu desencarne, tinha um novo método de

vida por que eu também não poderia adaptar-me e integrar-me à colônia onde me encontrava? — pensava.

Comecei a modificar os meus hábitos e tornei-me mais sociável, juntando-me aos grupos de música que costumavam oferecer recitais no Recanto da Paz **(Nota do autor material**: o Recanto da Paz é uma área onde os habitantes de Alvorada Nova aplicam-se à meditação. É local bastante voltado à vibração, à oração, ao entrelaçamento com a Espiritualidade Maior, onde reina muita paz. Semanalmente são realizadas sessões abertas de música espiritual. Os habitantes da Colônia para aí também se dirigem quando recebem parentes e amigos de outros planos espirituais, sendo esse o local de vibração mais intensa da Cidade Espiritual, afora a Unidade da Divina Elevação (Cairbar Schutel, Alvorada Nova, págs. 161 e 164)**)**.

A rotina de uma cidade espiritual, pelo que estava notando, não apresentava muitas diferenças da vida material. Todos trabalhavam e tinham suas horas de lazer asseguradas. Além disso, havia uma preocupação muito grande com a reforma íntima e, por isso, as palestras e as leituras eram incentivadas. Quando não estávamos em atividade laborativa ou em descanso, líamos obras variadas sempre contendo uma mensagem positiva e cristã.

Nós, habitantes da colônia, sabíamos no entanto que a nossa situação não era definitiva. Estávamos galgando degraus no aprimoramento espiritual até que fosse possível um retorno à materialidade. Logicamente havia Espíritos que iriam permanecer na cidade espiritual por muito tempo ainda, especialmente aqueles ligados à administração central; outros não mais retornariam à vida no plano terreno e dali iriam para outros mundos superiores. Esses compunham a minoria.

Formávamos uma grande família e demorei muito tempo para ter essa noção. Na realidade, confesso, perdi bons momentos de minha jornada em Alvorada Nova criticando o fato de não poder rever minha família na Crosta e isolando-me por conta dessa revolta. Deveria ter aproveitado desde o meu primeiro dia de despertamento para a nova vida, a fim de estar integrado à rotina da cidade.

Comecei então a cultivar várias amizades e encontrei alguns habitantes que me pareciam conhecidos de longa data. Quando conversávamos — tal como ocorria no plano material, quando supomos conhecer alguém a quem estamos vendo pela primeira vez — percebíamos a enorme afinidade que nos unia.

Assim aconteceu quando encontrei Raquel.

Não posso dizer que teria sido um *amor à primeira vista* porque já havia aprendido que isso não existe tal como idealizado nos romances do plano físico, mas senti-me profundamente ligado àquela moça de olhos negros e cabelos castanhos, cuja voz suave e quase musical encantava-me os ouvidos. Ela também fazia apresentações musicais no Recanto. Gostávamos do mesmo instrumento, o violino. Apreciávamos as mesmas notas e composições e houve um dia em que tocamos a mesma melodia sem termos antes combinado qual seria.

A cada dia de convívio surpreendia-me o fato de estar crescendo rapidamente a nossa ligação e comecei a duvidar de que estava realmente desencarnado, pois o amor invadia-me o coração com o mesmo ímpeto de minha juventude na crosta terrestre.

Creio que Raquel sentia por mim a mesma coisa e seus olhos já não escondiam a alegria quando nos encontrávamos no Recanto da Paz.

Conversávamos horas a fio e trocávamos idéias sobre o nosso futuro e a respeito de qual seria o rumo que iríamos seguir. Sentia-me cada vez mais integrado à colônia e comecei a acreditar nos conselhos que me foram dados logo que cheguei, no sentido de que a família material poderia não ser a única em nossas vidas. Com a presença de Raquel, notei que Elvira fora minha esposa querida na Crosta terrestre, mas nunca havia sentido por ela o mesmo amor puro e desprendido que àquela altura estava vivenciando. Logo me socorreu o pensamento de que Raquel poderia ter sido minha companheira também, quem sabe em outra existência. Enfim, o amor trouxera-me a luz e esclarecimento e a reencarnação tornou-se fato inconteste para mim.

—Sabe, Raquel, sinto-me profundamente ligado a você e acho que nunca estive assim antes.

—O mesmo lhe digo, Afonso. Quando tornei ao plano espiritual, achei que não iria conseguir viver afastada de meus filhos e netos. Meu marido já havia desencarnado e não consegui casar-me de novo. Ao seu lado, entretanto, parece-me ter voltado a juventude e o vigor.

—Mas como Espíritos não poderíamos falar em juventude e velhice, não é?

—Eu sei, mas apresentamo-nos aqui sob a nossa última veste carnal, razão pela qual temos a fisionomia de idosos. Sugestionada por isso é que lhe digo que minha juventude parece ter voltado e até gostaria de retornar à minha imagem adolescente.

—Entendo e confesso-lhe que já tive tal pensamento. Será que poderemos sentir o que estamos sentindo um pelo outro? Como será o amor aqui na colônia? Poderíamos nos unir e formar uma família?

—Quantas perguntas, Afonso! Não saberia responder-lhe.

—Então vamos de novo a Cairbar Schutel; ele está sempre pronto a atender os que precisam de esclarecimento.

Uma nova fase iniciava-se em minha vida.

Marcamos um encontro na Coordenadoria Geral e na data avençada fomos recebidos em conjunto por Cairbar.

—Amigo Afonso, fico feliz em revê-lo. A você, Raquel, também manifesto a minha alegria por reencontrá-la. O que posso fazer para auxiliá-los?

—Gostaríamos de saber, querido amigo, se poderemos nos unir aqui em Alvorada Nova, quem sabe constituindo uma família? Desculpe-nos a indagação que pode até ser impertinente, mas não sabemos exatamente se isso é ou não possível. Sentimo-nos ligados um ao outro há bastante tempo...

—Por que não poderiam unir-se? Sem dúvida que sim. Entretanto, é preciso um amadurecimento para que isso possa ser feito. Observo que ambos estão bem adaptados agora à vida neste plano e integrados nas atividades laborativas de Alvorada Nova. Antes de uma união, vocês precisam conquistar *unidades de amor* suficientes para obter um local de moradia no setor habitacional. Uma família deve residir no mesmo lar. E para que isso se torne viável, ambos necessitam iniciar o nosso programa de jornada externa à colônia, com visitas à Crosta e auxílio aos encarnados. Estariam preparados a isso?

Fiquei realmente surpreso. Havia solicitado com insistência a Cairbar, no início, essa oportunidade de retorno à crosta terrestre e agora me era oferecida essa chance como meta a ser alcançada justamente para garantir-me a permanência na cidade espiritual. Assim, caso saísse em atividade externa ao invés de um retorno definitivo à materialidade, eu estaria em verdade auxiliando a minha permanência em Alvorada Nova por um maior período. Recusaria por certo essa opção se me tivesse sido oferecida há algum tempo e talvez por isso mesmo a Sabedoria Divina não o fez. Naquele instante, no entanto, pareceu-me a solução ideal, pois desejava a todo custo lutar pelo meu amor a Raquel. Ela também aquiesceu de pronto.

—Cairbar, estamos preparados — arrematei convicto. O que me for solicitado atenderei sem vacilar.

—Ótimos, Afonso! Além disso que lhes falei, torna-se ainda fundamental que vocês conheçam um pouco mais do seu passado. A junção desse esclarecimento e da vontade de integrar o programa de assistência aos encarnados lhes será extremamente útil quando solicitarmos autorização Superior para consolidar a sua união na colônia.

—Então a sua palavra não é definitiva? Teremos ainda outra instância a recorrer? — indaguei temeroso.

—Não se preocupe, Afonso. Se vocês seguirem corretamente o programa, não haverá problemas. Entretanto, todas as nossas decisões na direção de Alvorada Nova são homologadas pela Unidade da Divina Elevação. Somos apenas instrumentos do Plano Superior para a condução dos destinos desta cidade, meus amigos.

A humildade de Cairbar impressionou-me; jamais o tinha vista chamando a si uma autoridade além de sua conta; ao contrário, estava sempre submisso aos mandamentos superiores. Seu exemplo conquistava-me a cada dia. Resolvi fazer-lhe outras indagações.

—Iremos juntos para a materialidade? Estaremos com isso conquistando o direito de permanecer definitivamente nesta cidade?

—Não, meus caros, vocês poderão estagiar em conjunto e até mesmo formar uma família, mas certamente haverão de retornar um dia à carne para prosseguir na trilha evolutiva. No entanto, se a ligação de vocês confirmar-se forte e profunda nenhum obstáculo os irá impedir de terminarem juntos no plano espiritual em caráter definitivo.

Tranquilizei-me e voltei um olhar carinhoso a Raquel.

Saímos da Coordenadoria Geral e fomos procurar Rubião, pois interessava-nos iniciar de imediato o programa proposto por Cairbar.

Em poucos dias estávamos reunidos no Departamento de Reencarnação **(Nota do autor material**: o Departamento de Reencarnação localiza-se no Prédio Central de Alvorada Nova, compondo a Coordenadoria Geral. A reencarnação, por ser de tamanha importância, é subordinada diretamente ao Gabinete de Cairbar Schutel. Após o Espírito Reencarnante receber as instruções finais de um dos assessores diretos do Coordenador Geral, prepara-se e assimila conhecimento do que irá enfrentar. Então é encaminhado ao Departamento de Reencarnação, onde uma equipa especial o conduz até sua futura mãe e inicia-se, então, semanas antes da concepção, o ajustamento fluídico entre o Espírito e a sua futura genitora (Cairbar Schutel, Alvorada Nova, págs. 111 e 116)**)**, onde fomos autorizados a conhecer um pouco mais de nossas vidas passadas.

Não houve surpresa. Raquel e eu tínhamos sido casados na encarnação que precedeu à nossa última jornada na Crosta.

Éramos felizes e nosso amor parecia inesgotável, até que um de nossos filhos manifestou-se doente, portador de enfermidade incurável. A nossa irresignação foi tamanha, a ponto de questionarmos a Justiça Divina — o que nunca tínhamos feito —, não mais aceitando que Deus era misericordioso e benevolente.

Passamos a brigar seguidamente porque já não conseguíamos controlar a nossa imensa revolta. O amor que nos ligava deteriorou-se em face das contínuas agressões. O rapaz, cada vez mais doente e necessitado de nosso carinho e atenção, ressentiu-se e piorou consideravelmente. Nessa ocasião, nosso casamento não suportou a tensão e findou de modo irreversível. Tivemos três filhos e porque o mais velho desencarnou ainda jovem, acabamos ingressando no seio do inconformismo cruel e desligamo-nos da educação dos mais novos.

O nosso núcleo familiar dissolveu-se inacreditavelmente, passando de uma sólida união, repleta de amor, ao mais puro descaso que trouxe o rompimento.

No enterro do primogênito comparecemos já separados e não nos cumprimentamos. Os corações estavam gélidos e tomados pelo ódio e pelo rancor. A partir da desunião familiar, deixamos a religião de lado e jamais voltamos anos apoiar em Deus. Terminamos os nossos dias solitários, em lugares diversos e distantes. A chama do amor, ainda que encoberta pela neblina do ódio, estava presente e os últimos suspiros havíamos dedicado um ao outro.

Retornando ao plano espiritual, após passagens não gratificantes pelo Umbral e estágio em Alvorada Nova, onde não nos encontramos, reiniciamos a vida na Crosta — como Afonso e Raquel — distantes e proibidos de nos encontrar. Cultivamos novas uniões familiares — eu com Elvira, ela com Ernesto. Os corações estavam carentes do amor sublime e ansiosos por reencontrá-lo.

Emocionados e chorosos, abraçamo-nos demoradamente quando o filme do nosso passado findou.

—Raquel, agora me lembro perfeitamente. Você se chamava Elisa e eu Epitácio. É verdade, nosso filho Régis desencarnou com vinte anos e isso nos serviu de pretexto para cultivarmos os piores sentimentos. Por que o fizemos? Não consigo compreender...

—Não entendo também... Se éramos tão felizes, o que nos custava ter enfrentado a doença de nosso filho unidos e amparados mutuamente?

—Não se culpem, amigos — respondeu-nos Rubião. O amadurecimento da fé e dos espírito se dá com o tempo. Vocês cultivavam um amor realmente forte e que já tinha raízes no seu passado. Entretanto, para que pudessem consolidar essa união haviam de provar um ao outro que poderiam sustentá-la ainda que sob o manto do sofrimento e da desesperança. A enfermidade de Régis serviu-lhes de prova.

Não conseguiram triunfar nessa caminhada e terminaram sucumbindo aos maus sentimentos. Ainda que a ligação fosse forte, a fé em Deus era ainda tênue e vacilante; quando houve o desespero e o inconformismo, vocês se desviaram da senda cristã e atiraram-se, por livre-arbítrio, nas mãos dos adversários do bem. Envoltos por seres inferiores, em processo obsessivo, acabaram rumando para a separação e quando se viram distantes um do outro, impossibilitados de vivenciar o amor que lhes era essencial, preferiram nutri ódio ao invés de tentar a via do perdão e do arrependimento.

Não souberam abaixar as cabeças e procurar um ao outro, enaltecendo a humildade e a benevolência. Os filhos mais novos sofreram com a decisão de vocês e ainda aguardam o devido ressarcimento que, no futuro, será dado. O primogênito desencarnou como programado e a ira do casal somente serviu para apressar-lhe a partida. Erros do passado servem de amadurecimento no presente. Lembrem-se que por maior que seja o amor, Espíritos despreparados a cultivar os valores cristãos podem desperdiçá-lo e cair na trilha do desvio. Ainda que houvesse forte ligação entre vocês, não souberam aproveitar a oportunidade que tiveram para enfrentar os obstáculos que a vida material lhe impôs.

—Realmente, Rubião, nada do que fizemos teve justificativa plausível. Precisamos resgatar os nossos erros — disse Raquel.

—E haverá oportunidade para isso, minha irmã. Mas, de início, agora que desvendaram parte do seu passado, vocês devem integrar o programa de assistência espiritual na Crosta. Voltaremos a falar sobre tudo que lhes aconteceu posteriormente.

Acatamos de pronto a recomendação e colocamo-nos à disposição para a nova atividade.

Àquela altura do meu estágio em Alvorada Nova, percebi que havia refletido mais tempo sobre a minha vida na Crosta do que fizera enquanto encarnado.

Concluí que me empolgava pela superficialidade das coisas, isto é, não meditava sobre os meus atos e suas consequências; mal tinha noção de que deveria levar uma vida honesta e cristã. Durante minha passagem pelo plano físico julgava que o tempo de vida material era longo e suficiente para dar vazão a todas as minhas ansiedades e desejos. Queria estar sempre em *estado de graça*, confortavelmente instalado e dedicando-me quase com exclusividade à minha família. Jamais tive preocupação social, nem desejei voltar-me ao semelhante desfavorecido, pois achava que cada um tinha que cuidar de si.

Outra concepção errônea que me envolvia era a de que se alguém nascia pobre ou com alguma enfermidade crônica não seria problema meu, já que não me cabia questionar os desígnios do destino. Não que com isso estivesse reverenciando a Deus, porque Nele não acreditava. Fazia-o por mero comodismo, ou seja, que fez o mundo — seja quem for — que se preocupasse com os desafortunados. Tratei sempre de me virar, enriquecendo e com isso conquistando tudo o que almejara na infância.

Tristes equívocos do meu passado, pois a vida material não foi tão longa quanto eu julgara, nem tampouco tive tempo suficiente para desfrutar do patrimônio que acumulara. Outra ironia em minha caminhada é que o ser humano — e eu não fui diferente — está quase sempre insatisfeito. *Há alguma coisa que está faltando* — pensava naquela época. E com isso jamais deixei de buscar riqueza material sem que isso me acrescentasse valores morais.

É certo que dentre tantos encarnados não fui dos piores, porque nenhum crime — ao menos na lei dos homens — pratiquei e evitava fazer mal às pessoas que me cercavam. Entretanto, quando passei a estagiar na colônia, notei que a situação de omissão inexiste no plano espiritual. Estar indiferente ao próximo e suas dificuldades significa de algum modo fazer-lhe mal. Em Alvorada Nova, comecei a aprender a razão da caridade; todos temos o dever de auxiliar o semelhante e se não o fizermos também estaremos em débito. Logo, essa fora a minha maior falta: uma vida dedicada ao egoísmo.

Ao rever Raquel, aquela a quem meu coração foi definitivamente entregue no passado, tive a nítida impressão de que perdera muito tempo na última jornada. Deveria ter seguido os conselhos de Pedro, meu caçula, ingressando no contexto da caridade e do desprendimento dos bens materiais. Tivesse agido assim e estaria bem melhor, talvez até podendo desfrutar de um maior período ao lado de minha querida Raquel antes de retornar à carne.

Sabia que não poderia ficar em definitivo com ela na colônia, embora alimentasse, no íntimo, essa esperança. Iria, no entanto, trabalhar e lutar por essa oportunidade.

Sem desespero ou revolta, nós acatamos a missão proposta por Cairbar e decidimos desempenhá-la da melhor forma possível.

Em algum tempo, chegou o instante de visitarmos pessoalmente a Crosta.

Apreensivos, despedimo-nos carinhosamente e partimos para locais distintos.

Nossas tarefas não estavam ligadas ao acompanhamento de nossos familiares, pois não havia preparo suficiente para isso. Um parente desencarnado somente é autorizado a visitar outro no plano físico quando tem estrutura emocional e evolução espiritual compatíveis, já que deverá mais auxiliar do que prejudicar o encarnado.

Aqueles que estão em desequilíbrio não recebem permissão para contatar familiares ainda em estágio material, a fim de não prejudicá-los com vibrações desajustadas e negativas. É verdade que vez ou outra Espíritos se ligam aos seus parentes causando-lhes algum mal, mas são entidades que não estão vinculadas a nenhum processo de reequilíbrio em colônia espiritual, vagando isoladamente pela espiritualidade em busca de conforto. Eu mesmo o fiz quando ainda seguia sem rumo pela Crosta, lutando para encontrar um pouco de paz logo após o meu desencarne.

Assim, fui deslocado para seguir viagem a Florença, na Itália, um dos locais onde havia passado uma das melhores épocas de juventude de meus tempos vividos na crosta terrestre. Raquel seguiu aos Estados Unidos, onde igualmente vivera um bom período numa de suas encarnações pretéritas.

A cidade fascinou-me. Nunca estivera antes naquela bela e antiga urbe durante a última encarnação, pois quando viajava com Elvira fazia rotas simples e rápidas, dentro do Brasil, especialmente temeroso de que a minha ausência prolongada pudesse prejudicar os meus negócios.

Quando ingressei nas suas estreitas alamedas, que culminavam em espaçosas praças povoadas por carrinhos de bebês e pombos, arrependi-me de nunca ter saído do Brasil. Florença tinha a graça de uma cidade antiga, porém com ar gracioso e elegante. Era um museu vivo do Renascimento italiano. Cruzei o Rio Arno, normalmente sereno e pacífico, dirigindo-me ao centro histórico e monumental situado na margem norte ou direita do rio. Passei pelas suas excelentes *trattorias* e atravessei para margem esquerda a fim de visitar o Palácio Pitti, caminhando após pelos *Giardini di Bobilli*. Estava deslumbrado. Terminei a jornada de reconhecimento na *Piazza Duomo*, mundialmente famosa por sua catedral e torre de Giotto.

Lembrei-me então de alguns casos de encarnados que visitaram locais na Crosta onde viveram importantes e fortes emoções em vidas passadas e tiveram oportunidade de trazer de volta à mente parte de suas apagadas memórias.

Rubião acompanhava-me e explicou que ao voltarmos a locais onde vivenciamos fortes emoções em alguma vida pretérita podemos ter reavivadas essas emoções, além de algumas lembranças. Não havia dúvida de que isso estava ocorrendo comigo em Florença.

Com muito tato, meu orientador mostrou-me alguns dados que também o colocavam nessa cidade italiana séculos antes. Fiquei lisonjeado a princípio por ter vivido um dia na mesma localidade que o mentor. Porém, a minha alegria logo foi cortada quando soube que

naquela ocasião estivemos juntos, mas amigos não fomos. Ao contrário, tivemos muitas divergências.

Soube ainda que voltara outras vezes a Florença para resgatar e sanar os males que havia praticado. Talvez por isso é que, revendo a cidade, emocionei-me de fato.

Fui levado a um grande hospital e Rubião esclareceu-me qual seria minha missão. Deveria estar ao lado dos doentes solitários que não fossem visitados e não tivessem o apoio dos seus familiares, a fim de dar-lhes amor e suporte. A responsabilidade era imensa — imaginei. E se não fosse capaz de vibrar suficientemente amor a eles? Teria condições de preencher-lhes a solidão? Como iria fazê-lo se eles não conseguiam me enxergar?

Atento às minhas dúvidas, o mentor explicou-me que um Espírito pode auxiliar um encarnado desde que tenha vontade e dedicação. Basta concentrar-se e preencher o coração com amor. É tão simples — dizia ele — que muitos não conseguem fazer. No mais, esclareceu-me que não deveria estar preocupado em ser ou não notado pelos enfermos. Alguns até que iriam perceber a minha presença, pois a mediunidade é inerente a todos os encarnados, mas outros não o fariam, o que não deveria ser obstáculo à minha atuação. O fato de receberem amor e a minha companhia poderia não sanar a solidão aparente da qual padeciam, mas com certeza iria sanar o vazio de seus espíritos.

Confiantes, após o suporte que havia recebido, dirigi-me ao hospital.

Encaminhado ao setor onde deveria permanecer, logo notei tratar-se da ala dos doentes em estado terminal. O choque foi evidente e Rubião não se deixou impressionar. Voltou-se a mim e proferiu:

—Tenho convicção plena, meu caro Afonso, que você saberá cumprir o seu trabalho com perfeição. Que Jesus o ilumine. Até breve.

Poucas foram as palavras, mas o amor que ele vibrou invadiu-me o âmago. Emocionado, entendi o que significava uma vibração de amor.

Aproximei-me com cautela dos enfermos. Inexperiente, temia que eles pudessem perceber a minha presença com facilidade e, se assim acontecesse, não saberia como agir. O temor logo foi embora, pois eles estavam inertes em seus leitos e mal conseguiam abrir os olhos.

Quando cheguei realmente perto de um dos mais velhos, notei que havia duas figuras superpostas na cama hospitalar: o corpo físico e ao seu lado o Espírito. Ambos inertes e aparentemente inconscientes. Não me deixei levar pelo desânimo e segurei-lhe a mão. Percebi, pela placa de identificação colocada no leito, que se chamava Gino. Faltava-me certeza no sentido de saber se estava tocando a mão material ou a do perispírito.

Comecei a orar por sua recuperação. Em poucos minutos, como que assustado, ele acordou. O seu Espírito então voltou a entrelaçar-se firmemente com o invólucro físico.

—Quem está aí? — indagou em voz alta.

Nenhum doente no quarto que dividia respondeu. Fiquei preocupado, quase em pânico, pois não sabia como agir. Ao tocá-lo ele

reagiu, embora eu não soubesse acalmá-lo naquele momento. Minha única reação foi tentar conversar, ainda que ele não me ouvisse. Disse-lhe da necessidade de ter calma e resignação, bem como que eu era um amigo que ali estava para ajudá-lo a recuperar-se Iria ficar com ele até que estivesse em melhor estado.

—Ah, é você... — concluiu o enfermo.

Imaginei que estaria sonhando acordado, pois Rubião me havia dito que eles não iriam, na maioria das vezes, perceber a minha presença. Como Gino estaria agindo de modo diverso? — pensei. Fiquei ao seu lado impassível e controlando as minhas emoções.

—Fale comigo — continuou — pois eu sabia que você iria chegar. Como é o seu nome?

Resolvi responder. Parece que fui ouvido, pois ele prosseguiu:

—Afonso! — disse ele. É bom saber que minhas preces foram atendidas. Eu sou médium e pedi muito que meu mentor pudesse estar ao meu lado nessa minha fase final...

Estaria sendo confundido com um mentor? — indaguei-me. Ainda assim reiterei que ali estava para ajudá-lo, mas não sabia se era ou não seu mentor. Enquanto eu falava, Gino parecia captar as minhas palavras mentalmente. No quarto reinava um silêncio absoluto, que só era cortado quando ele fazia suas indagações.

—Sabe, meu amigo, não me importa se você é ou não meu mentor; fico muito contente em tê-lo comigo, pois sinto-me sozinho. Meus filhos já não me visitam e perdi minha esposa há algum tempo. É difícil a situação de quem está para morrer, pois somos considerados um problema para a nossa família. Até parece que sempre fui assim, um doente. Eles gostavam da minha companhia quando a saúde me acompanhava e, agora, enfermo e desenganado, não me querem mais por perto. É muito triste terminar assim...

—Compreendo, Gino, mas não carregue consigo qualquer rancor, não os culpe; talvez eles não saibam exatamente o que estão fazendo. Gostaria de poder ajudá-lo, mas não posso sair daqui para jornadas externas. Você deve entender que a sua vida não está terminando como disse. Veja o meu caso. Depois de sua morte é que estará reiniciando a verdadeira caminhada.

—Por ser espírita, Afonso, sei disso. Mas ainda assim não consigo conformar-me com o abandono a que fui submetido. Necessito sentir-me amado e acho que todos neste quarto têm a mesma carência. A pessoa enferma normalmente é desprezada por muitos, mas será que estes não sabem que um dia poderão também estar na mesma situação?

—Talvez sim, talvez não. Eles, no entanto, quando agem desse modo, estão evitando pensar sobre o assunto. Não gostam nem mesmo de supor que poderão adoecer e morrer. De regra, o materialismo os corrompe nessas horas difíceis — expliquei, tomando como exemplo o meu próprio caso.

E fiquei surpreso comigo, pois transmitia conceitos que há algum tempo me eram totalmente desconhecidos. O amadurecimento espiritual, como me haviam dito, parecia estar chegando.

Gino prosseguia nas suas reflexões:

—Ah, soubesse eu que estaria nesta situação alguns anos antes e não teria deixado um tostão para aqueles ingratos. Jogado num hospital público, sem visitas e atenção, agora só tenho você ao meu lado.

—Não diga isso, Gino. Seus filhos um dia irão perceber o que fizeram de errado e, tenho certeza, tentarão sanar esse mal. Não tenha pensamentos revanchistas e continue vibrando somente amor nessa difícil fase de sua vida.

—Mas o que adianta para mim que eles percebam o mal que estão fazendo quando eu já tiver morrido? Preciso de atenção agora e não depois.

—Não é verdade e posso garantir-lhe o que estou dizendo por experiência própria. Quando desencarnei, fiquei vagando sem rumo muitos anos até que contei com a ajuda de meu filho caçula, o único que ainda pensava e orava por mim. É muito importante para nós sentir o amor proveniente daqueles que nos cercam na Crosta, seja no leito de morte ou quando já estivermos no plano espiritual.

Gino não respondeu; acho que precisou de algum tempo meditando sobre o que lhe falei.

—Afonso, gostaria que você atendesse também aos meus companheiros de quarto. Aquela senhora ali do canto jamais recebeu uma só visita. Creio ser ela solteira e sem filhos...

Voltei-me de imediato para a pessoa que me estava sendo indicada. Era uma senhora de seus quarenta e cinco anos, quase da mesma idade que eu tinha quando desencarnei. Ela estava apática, olhando fixamente para o teto do quarto. Parecia não estar ouvindo as colocações de Gino ou não se importava com elas.

Ao aproximar-me e segurar-lhe a mão, não obtive a menor reação. Permaneceu inerte. Orei com fervor e fiquei algumas horas ao seu lado. Nada, nem mesmo sua feição mudou. Impressionado com o rigor que seu espírito lhe impunha, não me deixei esmorecer, pois se havia conquistado a atenção de Gino poderia também fazê-lo com ela.

Do outro lado do quarto havia mais dois leitos. Num deles estava um rapaz que não deveria ter mais do que vinte anos e noutro um senhor bem idoso, creio que mais velho que Gino. Todos naquele aposento estavam desenganados. A medicina material lhes havia tirado o alento de sobreviver. Enquanto aguardavam o momento fatal, poderiam ou não refletir sobre a vida que estavam tendo e alterar o comportamento emocional. Apesar de em fase derradeira, todo encarnado pode nutrir bons sentimentos; se ao invés disso privilegiar a revolta e o rancor, tende a agravar o seu reingresso no plano espiritual.

O jovem recebia a visita periódica de sua mãe e, enquanto estive por perto, notei que a mulher estava inconformada com a perda iminente do filho. Ela ia quase todos os dias mas, em lugar de dar-lhe conforto e amparo, passava as tardes chorando e lamentando o fato de o estar perdendo. Ele ficava visivelmente perturbado e, nessas horas, eu buscava vibrar muito amor, tentando envolvê-lo por completo e tendo

por fim desligá-lo dos reclamos maternos. Aquela visita mais o atrapalhava do que auxiliava.

O outro doente também não era visitado por ninguém. Soube que ele tinha família, embora seus parentes agissem do mesmo modo que os de Gino. Fora precocemente abandonado. Mas não reclamava. Passava os dias lembrando dos belos momentos de sua vida e desculpava a atitude egoísta dos seus. Dizia para si mesmo que, se pudesse, faria o mesmo. Na sua concepção, *velhos tinham mesmo que morrer*. Estava aparentemente conformado. No âmago, no entanto, sentia-se solitário e vazio.

Os dias passavam com relativa brevidade, pois eu me dividia para atender os quatro leitos. Aos poucos, afeiçoava-me a eles e já os considerava parte de minha própria família.

Descobri os seus nomes e passei a referir-me a eles com mais propriedade. Teresa, a única mulher do quarto, estava ali por acaso. Deveria estar na ala feminina mas, em face de um grave acidente que ocorrera na cidade, o hospital encontrava-se lotado. Como todos eles estavam em final de jornada e já não se levantavam do leito, foram colocados juntos.

Ela passou todo o seu tempo desprezando-me. Não desejava sentir-me ao seu lado e ignorava minhas palavras. Senti que seu rancor com a vida era imenso, o que a bloqueava para qualquer sentimento fraterno. Quando seu estado agravou-se, desloquei-me para ficar ao seu lado diuturnamente. Observei que ela parecia chorar vez ou outra, enquanto fitava por longas horas o branco e desgastado teto do quarto.

O momento final estava em vias de acontecer, pois os liames entre o Espírito e o corpo fraquejavam. Ela apresentava-se materialmente inconsciente, mas o contrário aconteceu quando ingressou na senda espiritual. Assustada, percebeu a companhia de criaturas disformes e vestidas de negro que se postavam ao seu lado. Minha presença continuava ignorada. Orei muito rogando que ela voltasse os olhos para mim, pois fora destacado para auxiliá-la e não gostaria de vê-la caindo naquelas soturnas mãos. Não houve outro caminho. Rígida e rancorosa, Teresa não se voltava a mim e permaneceu fitando aquelas entidades.

Quando seu desligamento ocorreu, perdi-a de vista pois saiu do quarto imediatamente acompanhada de perto pelos seres inferiores que atraíra ao longo do tempo durante o qual vibrou em silêncio o seu ódio.

Fiquei perturbado alguns dias e acabei sendo consolado numa das visitas que Rubião me fez. Disse-me que não podemos alterar os desígnios naturais criados pelo livre-arbítrio. Fora ela quem havia optado por aquele desencarne doloroso e nada poderia ser feito para evitá-lo. Equipes socorristas somente recolhem aqueles que têm amor no coração ou que estão preparados para recebê-las com um mínimo de aceitação.

A recusa peremptória à visualização dos Espíritos superiores e os pensamentos fortemente negativos fazem com que seres umbralinos se aproximem, atraídos por tais vibrações, substituindo a atividade de resgate de equipes de luz.

Quando não há essa imediata junção do desencarnado com as entidades inferiores, como no caso de Teresa, pode haver a hipótese que comigo aconteceu. Fiquei vagando desequilibrado muitos anos.

Aproximou-se o dia da partida de Gino. Não posso negar que fiquei emocionado e ansioso. Desejava que ele ingressasse de volta ao mundo espiritual amparado pelas boas equipes e, quem sabe, fosse encaminhado a Alvorada Nova. Alertei-o para manter os melhores pensamentos possíveis e verifiquei que o seu adormecimento material, em virtude dos sedativos, perturbou-lhe um pouco a consciência espiritual, mas não o suficiente para retirar-lhe a lucidez.

Ao deixar a carne, foi recebido pela equipe de resgate de nossa colônia e levado de imediato a um dos Postos de Socorro da Espiritualidade. Fiquei torcendo para seu breve restabelecimento e não pudemos nos despedir formalmente já que ele seguiu adormecido.

Voltei minha atenção aos dois remanescentes. Paolo, o moço de vinte anos, estava esgotado ante os reclamos maternos. Àquela altura eu já sabia que o sue pai não ia visitá-lo porque estava ainda mais revoltado que a esposa. Melhor assim — pensei. Se ele já não estava suportando a pressão emocional que a mãe lhe dirigia, caso fosse também atingido pelo genitor, iria entrar em colapso.

Conversava com ele sistematicamente, mas o rapaz, criado sob rígidos padrões de uma religião que refutava a ligação natural existente entre os dois planos da vida, rejeitava-me a presença. Em sua mentalidade somente os anjos é que podiam falar aos vivos e no seu caso não tinha ele mérito algum para ser visitado por um ser celestial. Logo, continuava a ouvir minhas mensagens sem que delas se desse conta.

Paolo tinha muitas qualidades. Era pacato e gentil com a mãe, ainda que por ela fosse perturbado. Jamais o vira vibrando negativamente quando recebia alguma visita inconveniente ou mesmo nos momentos em que o médico comentava com outros familiares a sua doença. Sabia-se desenganado e conformava-se. Passei a admirá-lo ante tanta coragem para enfrentar essa enfermidade.

Quando se foi, também amparado por equipes socorristas, soube por intermédio de Rubião que ele tinha sido um médico egoísta e vaidoso na sua anterior vivência na Crosta. A programação que escolhera, quando obteve permissão para voltar, era justamente enfrentar uma doença grave que lhe pusesse fim à existência precocemente, a fim de compreender o valor da vida e a importância no trato com o enfermo. Resignado, ele ultrapassou essa prova com muitos aspectos positivos.

Para tudo havia uma razão e nada acontecia por acaso — compreendi.

Enquanto novos pacientes chegavam ao quarto, percebi a presença de outros Espíritos trabalhadores que os acompanhavam e deduzi que minha jornada iria findar tão logo Enrico, o mais idoso dos quatro, desencarnasse.

Ele era também o mais teimoso. Apesar de sentir-se solitário, não admitia o próprio isolamento. Ainda que fosse desenganado pelos médicos, dizia para si mesmo que não iria morrer. Mesmo não recebendo visitas, incentivava a postura dos familiares, alegando que teria idêntica conduta.

Ateu convicto, não me ouvia conscientemente. Quando desprendido do corpo, nas horas de sono, recusava-se a estar comigo e ficava ao lado do leito, na maioria das vezes, falando sozinho. Ele era o único que ouvia a si mesmo e se deixava convencer pela argumentação que tecia. Isolado, ele somente conseguia receber algum benefício de meus passes quando estava anestesiado, ou seja, sob o efeito de remédios fortes.

Fiquei ao seu lado várias semanas e procurava sugerir-lhe outros pensamentos. Em vão. Quando desencarnou, Enrico levantou-se do leito e saiu caminhando pelo quarto como se estivesse vivo; agiu exatamente como eu no passado. Tentei alertá-lo, mas também não obtive sucesso. Caminhou pelo corredor do hospital até que o perdi de vista. Essa foi a minha última lembrança do hospital de Florença.

Rubião ingressou logo após a saída de Enrico e convidou-me a acompanhá-lo. Partimos de volta à colônia e eu tinha muitas novidades para contar aos amigos que, ansiosamente, aguardavam-me a chegada.

Na mesma época em que fui a Florença, Raquel deslocou-se para um bairro suburbano de Washington, nos Estados Unidos. Destacada para assistir uma família pobre de negros americanos, num primeiro momento ela achou que iria fracassar. O racismo e as tensões sociais naquela região eram intensas, o que lhe representava um dilema maior do que sua capacidade de resistência.

Rubião mais uma vez apoiou-a, encorajando-a a lugar e dar o melhor de si. Lembrou-a que conviver algum tempo com esse tipo de prova iria descortinar-lhe novos valores, àquela altura adormecidos em seu âmago.

Quando iniciou seu trabalho, Raquel percebeu que se tratava de um casal de jovens, contando com não mais que vinte e dois anos, já com dois filhos para criar. O mais velho com sete e o caçula com três. Viviam em más condições num pequeno e velho apartamento, cujo prédio de quatro andares não possuía elevador nem calefação. John não tinha nenhuma qualificação e vivia mudando de emprego, enquanto Nancy cuidava das crianças e fazia faxina nas casas do bairro vizinho ao seu. Ela nunca tinha convivido tão de perto com a pobreza e imaginava que num país rico como aquele essa situação seria inconcebível. Mas era real e exigia-lhe paciência e compreensão.

Ninguém a ouvia na casa, porque eram ateus e não acreditavam no mundo espiritual. Suas preces — como lhe pareceu à primeira vista — eram em vão e o casal passava grande parte do tempo reclamando da vida. Os meninos sentiam-se carentes e desatendidos pelos pais, demonstrando que no futuro iriam buscar comportamento idêntico àquele que estavam tendo por parâmetro.

Raquel já não sabia como agir e por que fora colocada naquela atividade, uma vez que não lhe prestavam atenção nem cultivavam qualquer hábito religioso. Era justamente isso que deveria fazer: dar esperança àquele núcleo familiar.

Diferenciam-se em parte as esperanças cultivadas no plano terreno daquelas efetivamente vividas pelos Espíritos. No íntimo, todo ser humano crê na vida eterna, pois é justamente isso que lhe confere força para estar materialmente vivo e lutar pela própria sobrevivência. Se tal postulado fosse inverídico, certamente a maioria dos encarnados do Globo, com tantos obstáculos pela frente, não iria preservar a existência física.

John e Nancy estavam prestes a desistir de suas jornadas, abandonando tudo pela via do suicídio. A tarefa de Raquel seria demovê-los dessa sombria idéia.

Percebendo a gravidade de sua missão, orava com fervor todos os dias e passou a acompanhar os menores gestos do casal. Quando estavam conversando à noite, após o adormecimento das crianças, ventilavam a ânsia que sentiam pela libertação. Falavam em um pacto de morte como meio para isso. Oprimidos pela pobreza material e pelo racismo que muito os incomodava, já não sabiam como controlar esse intento. Espíritos inferiores insistiam em apoiá-los e Raquel tinha somente a arma do amor para vencê-los. Mas era — e foi — suficiente.

Voltando-se aos meninos, mais flexíveis aos seus conselhos durante os desprendimentos do corpo físico, começou a inspirá-los a amar a vida e a perceber nas pequenas coisas à sua volta a razão da existência. O efeito fez-se notar.

Mark, o mais velho, quando voltava da escola, vinha brincando pelo caminho e reparando nas mínimas coisas que o cercavam. Deixou o aspecto trombudo que o caracterizava e passou a sorrir com maior facilidade e frequência. Percebeu que havia pessoas mais pobres que ele residindo com enorme sacrifício nas ruas e não tendo o que comer no dia-a-dia. O precoce desenvolvimento de sua inteligência e vivacidade, inspirado por Raquel, fazia-o repetir em casa essas sensações que captava ao seu redor.

Os pais começaram a ficar envergonhados diante do filho, pois estavam acostumados a só amaldiçoar a vida que levavam sem notar que outros semelhantes sofriam em maior proporção.

O menor seguia os passos do mais velho e em pouco tempo ambos estavam sintonizados com Raquel. Incentivada, ela passou a concentrar seus esforços no casal. Enquanto dormiam, ela procurava envolvê-los com ternura, lembrando-os somente dos aspectos positivos de suas infâncias e passando-lhes a mensagem de que seus filhos também mereciam crescer em paz.

Quando obteve autorização do Plano Superior, Raquel exibiu-lhes, durante um dos desprendimentos causados pelo sono físico, algumas imagens do passado, evidenciando-lhes a necessidade de reparar as dívidas através da resignação ante o sofrimento do presente.

O sentimento materno muito contribuiu para amenizar o posicionamento de Nancy e ela deixou-se levar pela alegria de viver dos filhos; já não desejava o suicídio. John, por sua vez, insistia na idéia, ainda que alertado constantemente por Raquel.

Revertida a tendência no tocante à mãe e conquistados os meninos, ela concentrava esforços para amparar o perturbado rapaz. Em vão. Quando ele teve uma oportunidade, saltou da janela de sua casa para a morte e não deu importância aos prantos familiares. As trevas o absorveram e Raquel nem mesmo viu para onde John seguiu.

Entristecida, recebeu a visita de Rubião, novamente salientando que o livre-arbítrio é um imperativo da lei de evolução, de modo que os Espíritos podem aconselhar, porém nunca determinar qual o caminho a ser seguido pelos encarnados. A sua missão deveria continuar, mesmo em face da morte violenta de John, pois os três precisavam do seu apoio para conseguir suporte e equilíbrio.

Raquel trabalhou intensamente e nunca deixou de acompanhar os passos de Nancy e dos pequenos Mark e Tom.

Após algum tempo de convívio, quando se libertavam ao longo do sono, eles já a reconheciam como a amiga do plano espiritual que os inspirava.

Solidificados os laços, Raquel foi avisada por um emissário de Alvorada Nova que aquela jornada havia terminado. O que lhe pareceu um obstáculo intransponível no início, significava-lhe muito àquela altura; ela solicitou mais prazo para sustentar a família. Obteve, porém sabia que estava ali por sua conta e, quando desejasse, poderia retornar a Alvorada Nova.

Ela permaneceu até que Mark atingisse os seus doze anos e, empregado, já estivesse ajudando materialmente a mãe e o irmão caçula. Enquanto eu ficara cerca de um ano em Florença até ser chamado de volta, Raquel decidiu permanecer por aproximadamente cinco anos na tarefa que lhe fora destinada, quase quatro a mais do que o necessário. O se amor atingia-me mesmo que à distância e, resignado, aguardei o seu retorno.

A despedida entre eles foi marcante, pois ela já era chamada de *vovozinha* pelas crianças em seus sonhos.

Rubião e eu fomos buscá-la e tivemos oportunidade de experimentar um emocionante reencontro.

Raquel espelhava amor e tranquilidade em seu semblante e o sorriso de seus lábios, quando nos viu, disse-me tudo o que o seu coração estava ansioso por expressar.

Abraçamo-nos demoradamente, sob o olhar amigo de Rubião.

Voltamos os três para Alvorada Nova, prontos a reiniciar de onde havíamos parado,

Há muito tempo não me havia emocionado tanto. Senti que tinha reiniciado minha jornada em novas bases e contava com o apoio de Raquel e de outros companheiros de Alvorada Nova. Minha função na casa de Repouso, após a missão externa na Crosta terrestre, foi alterada

e passei a exercê-la como enfermeiro junto aos pacientes em recuperação, que tinham sido submetidos a cirurgia ou a tratamentos prolongados.

Conheci Scheilla, a dirigente do hospital, numa das reuniões administrativas da Casa. Maior impacto não poderia ter tido, pois o amor que dela emanava envolveu-me completamente o coração. Senti-me leve e incentivado a continuar cada vez mais dedicado à minha tarefa na colônia.

Raquel também estava a essa época trabalhando, porém fazia-o no Prédio Central, no Departamento de Reencarnação. Ela cuidava da organização do fichário e dos prontuários daqueles que estavam prestes a reencarnar. Certa vez, conversávamos sobre isso e ficamos apreensivos com o tema desenvolvido.

—Estive pensando, Afonso... Tenho visto muitos irmãos nossos seguindo de volta à Crosta para darem continuidade às suas trajetórias evolutivas. Alguns retornam com satisfação e acreditando num eventual progresso que poderão conquistar. Outros, no entanto, seguem de volta compulsoriamente porque recusaram o reencarne necessário. Há aqueles também que voltam de espontânea vontade, mas o fazem céticos e incrédulos, ou seja, não crêem que irão de fato progredir. Sabendo que a maioria de nós irá voltar um dia, como será que iremos proceder quando chegar a nossa vez? Estaremos preparados a compreender a importância dessa jornada?

—Entendo a sua preocupação e dela compartilho. Temos aprendido muita coisa nesta cidade e aqui os valores alteram-se profundamente, logicamente para melhor, dando-nos oportunidade de vivenciar com maior facilidade as leis divinas. Ainda que tenhamos muitos defeitos, quando notamos que os companheiros que nos cercam vivem atrelados a uma vida regrada e cujos bons sentimentos prevalecem, terminamos conduzindo o nosso modo de ser para o mesmo caminho. Essa é a minha maior preocupação quando tiver que retornar.

—Você quer dizer que, por termos bons exemplos aqui, acabamos nos conduzindo por melhores trilhas, coibindo de forma natural a nossa tendência ao mau caminho?

—Exato, minha querida. Tenho certeza de que estou aprendendo ótimas lições, mas elas não serão suficientes para afastar de vez todos os desvios que, no fundo, tenho dentro de mim. Sinto que meu âmago está aprisionado e subitamente pode trazer à tona alguns de meus piores defeitos de personalidade quando estiver de volta à Crosta. A vida em Alvorada Nova, ainda que não seja perfeita, leva-nos a experimentar uma sensação de bem-estar à qual ainda não temos direito.

—Como assim, meu querido?

—É simples, Raquel. Não temos elevação moral para permanecer em definitivo aqui. Portanto, quando voltarmos à carne tenho receio de tornar à minha senda errante e desajustada, já que não terei o bom exemplo dos habitantes de Alvorada Nova como parâmetro.

Este é um mundo repleto de excelentes exemplos de conduta. Será que na Crosta, quando não tivermos esse habitat ideal como exemplo, manteremos a nossa atual postura?

—Talvez seja essa justamente a nossa prova, Afonso. Teremos que lutar contra nossas más tendências, pois o plano material nos será campo neutro. Não estaremos protegidos das más influências como agora acontece e poderemos seguir as más sugestões advindas de Espíritos inferiores que se mantém em atividade na crosta terrestre ou então poderemos dar ouvidos aos prudentes conselhos dos mentores, seguindo-lhes as orientações. Como iremos agir? Francamente, não saberia dizer.

—Temo por nossa sorte, Raquel. Aqui estamos juntos e felizes. Será que não poderíamos ficar definitivamente em Alvorada Nova, trabalhando para conseguir as unidades necessárias à conquista da nossa morada?

—Certamente que não! De que adiantaria vivermos uma *eterna situação provisória*? Precisamos evoluir como todos, meu querido. Alvorada Nova não é o último estágio para nós.

—Como não? Há planos ainda superiores?

—Assim tenho ouvido nas palestras e no Departamento de Reencarnação. Não lhe parece óbvio que aqui não é a etapa final? Somos muito imperfeitos e creio que há muito caminho a trilhar; até mesmo os dirigentes da cidade irão para Esferas mais elevadas no futuro.

—Confesso-lhe que desconhecia tal situação. Para mim uma cidade como esta já seria o *céu*. Que mais posso almejar se já a tenho ao meu lado e também existe a possibilidade de vivermos juntos em nossa própria casa?

—Ora, meu querido, você não tinha tanta certeza assim quando aqui chegou, lembra-se? É sinal de que modificou o seu modo de pensar porque acrescentou novos dados ao seu raciocínio. Quando estudar mais e conhecer novos parâmetros certamente irá alterar a sua visão a esse respeito.

—De uma coisa tenho absoluta certeza e não pretendo mudar de opinião...

Raquel olhou-me intrigada, mas nada falou. Continuei.

—... meu amor por você é definitivo.

Ruborizada, ela baixou os olhos e murmurou:

—Ora, Afonso, você sabe que não me referia a isso.

—Sim, eu sei, o que não me impede de dizer-lhe o que sinto. Desejo ser o primeiro amor de sua vida e o último que você irá esquecer.

Há certas palavras que não comportam resposta. Raquel fitou-me com ternura e segurou uma de minhas mãos, beijando-a carinhosamente. Levei a outra mão ao seu rosto, afagando-o delicadamente. Ficamos assim, perdidos em reflexões, por longo tempo.

Certa vez, após um longo dia de trabalho árduo, quando houve várias cirurgias no hospital e eu estava de prontidão juntos às salas de recuperação, recebi a visita de Rubião.

—Como estão as coisas, Afonso? Muito trabalho?

—Nada anormal; creio que muitas foram as vezes em que tivemos uma jornada como a de hoje. E quanto a você? Fico feliz em vê-lo por aqui.

—Estamos necessitando falar-lhe. Gostaríamos de encontrá-lo amanhã na Coordenadoria Geral, pode ser?

—Certamente. Devo ir sozinho ou acompanhado de Raquel?

—Ela já foi avisada e também estará lá. Até amanhã, meu amigo.

Voltei para casa preocupado e tentando imaginar o que levaria Cairbar a nos chamar à sua presença. Seria o momento do retorno? — pensei. Se fosse, sentia que não estava minimamente preparado. Ainda assim, não iria recusar a proposta.

No horário combinado, Raquel e eu fomos ao Prédio Central.

Recebidos de imediato pelo coordenador geral, finalmente soubemos do que se tratava.

—Chamei-os aqui, meus amigos, para informar-lhes que é chegada a hora de promovermos com vocês o *programa de reconhecimento* da colônia. Isso significa que irão conhecer ponto a ponto das dependências de Alvorada Nova, suas principais atividades e finalidades. Feito isso, poderemos dar início ao processo preparatório ao retorno e ambos à Crosta.

Vislumbrando em nosso semblante o evidente temor pela notícia dada, Cairbar nos tranquilizou:

—Mas não se preocupem, pois o referido processo é relativamente extenso e o regresso não acontecerá antes que estejam, de fato, preparados.

Concordamos com a proposição do coordenador pois sabíamos que não iríamos evitar o processo de reencarnação.

As visitas foram feitas a partir do dia seguinte. Alvorada Nova não me parecia a princípio tão grande e complexa, sensação que foi mudando a partir do momento em que de fato conheci a cidade.

A colônia tinha a forma circular. Quem adentrasse por seu grande portão dourado visualizaria em destaque o Prédio Central — uma construção cúbica encimada por grande cúpula, que tomava quase toda a área do teto, cercada por quatro torres que sustentavam uma estrela de quatro pontas cada. Com a mesma função das existentes no muro de proteção, e estava localizado no centro da cidade espiritual. Ali se encontrava a Coordenadoria Geral formada pelo Gabinete de Cairbar e os seus aposentos, a Biblioteca — que guardava livros com a história das civilizações que habitaram a Terra, volumes relativos a normas e orientações espirituais e outros, além de um arquivo computadorizado com a identificação dos trabalhadores ligados à cidade, encarnados e desencarnados —, e a Sala de Reuniões das Coordenadorias, onde mensalmente se reunia o Conselho de Alvorada Nova.

Ainda se encontravam nesse edifício o Arquivo Geral — com as fichas e históricos dos trabalhadores da Colônia, presentes e antigos, e cópias das fichas médicas dos internos da Casa de Repouso — e a Unidade de Controle de Energia, onde se localizava o computador central da colônia. Na Sala de Comunicações eram coordenadas as telecomunicações da cidade espiritual e na Sala de Audiências ou Sala de Encontros, o Coordenador Geral recebia todos aqueles que desejam falar-lhe, como eu o fiz logo que saí da Casa de Repouso. A Sala de Assessoria era o local de trabalho de todos os auxiliares diretos de Cairbar, entre os quais Rubião. O Departamento de Reencarnação servia ao Espírito que estava em processo de retorno à Crosta.

Os Núcleos Espirituais de Desenvolvimento encontravam-se todos em um só grande complexo ao lado esquerdo do Prédio Central, em uma construção que, vista de cima, se assemelhava a uma estrela de quatro pontas, com um edifício central volteado por quatro outros que formavam as pontas da dita estrela. Sua finalidade era a de, juntos, trabalharem pelo bem da administração da colônia.

As Coordenadorias Especializadas estavam localizadas acima e à direita dos Núcleos, em um conjunto de nove edifícios de forma cilíndrica composto por blocos de material semelhante ao cristal e recobertos por uma cúpula transparente e semicircular, dispostos de forma a compor uma grande estrela de oito pontas. Era realmente impressionante. Seu objetivo principal era trabalhar no processo evolutivo dos habitantes de Alvorada Nova.

Senti uma vibração muito forte ao passar pela Unidade da Divina Elevação — setor onde Cairbar e Scheilla estabeleciam contato com a Espiritualidade Superior para receber orientações — localizada no Bosque da Alimentação.

Fascinado fiquei ao deparar-me com a Casa da Criança, uma construção em forma de “U” com cinco andares, feita de blocos de material semelhante ao cristal, permeado por armações metálicas.

Ao entrarmos nesse prédio, passamos por uma câmara de higienização e chegamos ao vasto salão de recepção com enormes escadas e elevadores que davam acesso aos outros andares.

Visitamos todos os setores e a melhor parte para mim foi o contato estabelecido com as alegres crianças que habitavam a Casa.

Atrás dessa edificação encontramos a Pousada Celeste, que servia de apoio à Casa da Criança, onde os Espíritos podiam alterar sua forma de apresentação conforme a necessidade dos trabalhos que iriam desenvolver. O seu acesso era restrito aos dirigente das Coordenadorias e dos Núcleos.

Não houve necessidade de ingressar na Casa de Repouso, que já tivéramos a oportunidade de conhecer.

A exuberante Praça Central estava localizada além do Prédio Central, à direita. Possuía a forma circular e em seu centro observava-se um grande obelisco energético encimado por uma estrela luminosa. Em torno, muitos bancos e flores, as quais refletiam as cores cintilantes e a luz muito forte que iluminava ininterruptamente a praça.

Era um dos belos lugares da cidade espiritual, aonde afluíam grupos de Espíritos para usufruir da beleza do lugar.

Deleitei-me ao conhecer o Bosque da Natureza Divina, local onde o verde se encontrava em maior escala, com plantas de diversas espécies e muitíssimas flores. Era uma área de lazer para todos os habitantes da colônia, com seu belo lago e vegetação abundante. Nesse bosque encontrava-se a Morada do Sol, pequena construção destinada ao exercício da sintonia mental e a Unidade Básica de Apoio à Natureza, um prédio de forma piramidal que tinha por finalidade principal o amparo ecológico na colônia e também na crosta terrestre.

O Recanto da Paz nós já vínhamos tendo a oportunidade de frequentar, desfrutando da sua paisagem florida e do seu ambiente harmonioso.

Nele havia duas construções principais. Uma era um prédio de cristal com três andares denominado Unidade Avançada de Esclarecimento, que lhe servia de sede. A outra era a Morada da Estrela, um templo também destinado ao exercício da sintonia mental.

O Centro de Aprendizado da Luz Divina, lugar onde os habitantes de Alvorada Nova mantinham contato com os ensinamentos de Cristo, nós também já vínhamos frequentando há algum tempo.

Ao seu lado, um pouco abaixo, estava a Casa da Sublime Justiça, unidade ligada à Coordenadoria de Avaliação, que servia de apoio ao programa de trabalho de cada habitante da colônia. Os julgamentos ali realizados tinham por finalidade auxiliar os Espíritos a encontrar o seu melhor rumo na caminhada evolutiva, mas nunca visando substituir a Justiça Divina, a única absoluta.

Os habitantes de Alvorada Nova, que não se encontravam na Casa da Criança nem na Casa de Repouso, residiam em quatro setores habitacionais localizados nas extremidades da cidade, próximos ao muro de proteção **(Nota do autor material**: maiores detalhes poderão ser encontrados no livro Alvorada Nova, capítulo XI**)**.

Findo o reconhecimento da cidade espiritual, começamos a perceber que Alvorada Nova, do mesmo modo que outras semelhantes, estava estruturada para dar assistência e amparo aos Espíritos em processo de evolução. Logo, havia fundadas razões para que ali estivéssemos, pois necessitávamos desse tipo de sustentação para garantirmos efetivo progresso. Se a colônia possuía tantos departamentos destinados a apoiar a caminhada dos seus habitantes, era natural que aceitássemos o rumo que nos estava destinado.

Se por um lado a via na cidade espiritual guarda inúmeros aspectos semelhantes à existência terrena, por outro, pode-se observar que há na colônia um ambiente de paz e tranquilidade que normalmente inexiste no plano material, fato esse que insistia sempre em relembrar em razão de sua extrema importância.

Os desencarnados não são, na essência, diferentes daqueles que estão reencarnados na crosta terrestre. No entanto, quando estão em colônias como Alvorada Nova, as suas ansiedades e maus hábitos são

naturalmente coibidos pelas regras comunitárias e pelos bons exemplos que os dirigentes fornecem.

Raquel e eu sentimos igualmente tal sensação; apaziguados em nossas emoções, vivíamos bem e harmoniosamente, entretanto sabíamos que ainda não estávamos suficientemente preparados para galgar mundos superiores. Uma vez colocados em ambiente neutro, como é o caso da Crosta, poderia acontecer de voltarmos a errar novamente e ter atitudes anti-cristãs, diferentes daquelas que estávamos vivenciando em Alvorada Nova.

Indagando aos nossos amigos e orientadores da colônia, soubemos que nossas conclusões não eram diferentes das de outros irmãos nossos. Era natural que no plano espiritual, exceto no inferior, os Espíritos tivessem maiores oportunidades de pacificar os ânimos e exercitar bons sentimentos, afinal estavam em aprendizado.

O progresso, por isso, não se fazia de fato enquanto estivéssemos estagiando na colônia, mas sim quando em confronto com as provas no plano físico. Somente dando vazão aos nossos reais sentimentos é que saberíamos quem verdadeiramente éramos.

Reencarnados, iríamos enfrentar nosso maior inimigo: nós mesmos.

Estávamos nos preparando justamente para isso.

Notei que Alvorada Nova destinava-se a recepcionar aqueles que ainda não tivessem mérito suficiente para, deixando o invólucro material, partir rumo a Esferas Superiores.

Passamos alguns meses estagiando em cada um dos setores da colônia e conhecendo a fundo o mecanismo que era utilizado para nos encaminhar à reencarnação.

Parecia ter chegado o dia decisivo em nossas vidas. Raquel e eu fomos chamados ao Departamento da Reencarnação para escolher, dentre as opções compatíveis com o nosso estágio evolutivo e as nossas necessidades de aprendizado, qual rumo iríamos seguir no retorno à crosta terrestre.

Rubião nos atendeu logo na entrada com um sorriso sereno no rosto. Tranquilizados, apressamo-nos em dizer-lhe que estávamos preparados para o ato.

Fomos encaminhados para locais diferentes, pois faríamos a opção separadamente.

A mim foram oferecidos dois caminhos. O primeiro consistia em ser filho de Pedro, portanto, em tese, voltar à carne como neto de mim mesmo. Esse estágio teria por finalidade vivenciar uma educação cristã, baseada na Doutrina Espírita, justamente aquela que Pedro tentou passar-me quando eu era seu pai e que recusara com veemência. Seria uma vida simples, pois ele não se ligou aos bens materiais nem à riqueza proporcionada pela herança que leguei. A minha prova seria resistir às más tendências, em especial à minha ânsia por abraçar a vida materialista. Além de ter um ambiente familiar modesto, deveria

receber e assimilar de meus futuros pais os ensinamentos que um dia não aceitara terminantemente.

A Segunda opção seria retornar como neto de Marco Aurélio. Aparentemente era a melhor alternativa, pois eu seria filho de um de meus netos — aos quais sempre dediquei muito amor — e iria ter uma criação em lar confortável. Achei, a princípio, que me seria mais fácil suportar a vida material caso fosse rico novamente.

Rubião encarregou-se de esclarecer-me a esse respeito. Soube que, na realidade, eu teria maiores dificuldades no ambiente de Marco Aurélio do que no de Pedro. A riqueza sempre tinha sido de fato minha inimiga, pois fora ela que me conduzira ao desatino e ao afastamento dos valores cristãos. À custa dela, havia passado muitos anos aprisionado ao meu corpo material após o desencarne. Teria eu condições de resistir às tentações proporcionadas pelo dinheiro fácil, adquirido desde o berço? Talvez não — concluí.

Viver ao lado de Pedro, por outro lado, seria aparentemente mais duro, embora na prática fosse mais fácil — disse-me o orientador.

A falta de recursos materiais poderia dar-me maior oportunidade de não errar e preservar-me de ficar inebriado pelo conforto material A riqueza é uma prova difícil porque a maioria dos que dela usufrui tem a tendência de esquecer os valores cristãos, tais como humildade e caridade, dedicando-se ao gozo de bens que acentuadamente fomentam egoísmo e orgulho.

Pensei a respeito dessas palavras e percebi que Rubião tinha razão. Se estivesse sob o jugo de Marco Aurélio, ainda que fosse apenas seu neto, dificilmente escaparia às más tendências que ele cultivava — aliás, fruto da educação equivocada que eu mesmo lhe havia dado —, podendo voltar ao materialismo e consequentemente ao fracasso de minha jornada.

Ao estar sob a condução de Pedro, poderia até revoltar-me contra a falta de conforto material, mas iria obter uma educação equilibrada e lastreada em valores cristãos. Essa base de sustentação poderia ser suficiente para me afastar da trilha equivocada do apego exagerado aos bens materiais.

As minhas chances seriam, de fato, maiores ao lado de Pedro, ainda que a princípio não parecesse assim. Essa foi então a minha opção.

Aguardei a saída de Raquel da sala onde estava. Quando a encontrei não tardei a perguntar-lhe qual fora a sua escolha, contando-lhe a minha.

—E então, haverá alguma chance de estarmos juntos no plano material? — indaguei-lhe.

—Pelo que você me contou a respeito da sua opção, creio que não. Voltarei a Washington para ser a filha caçula de Mark. Ela já tem sete. Enfrentarei a pobreza quase absoluta, mas terei ao meu lado um pai consciente e dedicado à família. Creio que serei capaz de auxiliar meus irmãos, muitos deles incapazes de aceitar tanta miséria. Estou muito feliz, já que tornarei a ver o meu querido afilhado espiritual.

Lacrimejei e busquei conter a minha decepção.

—Não fique assim, meu querido. Estaremos em diferentes países e tudo indica que não iremos nos encontrar, pois a falta de recursos materiais de nossas famílias será um obstáculo, além do que viveremos diferentes culturas e costumes. Tenho fé, entretanto, de que iremos nos reencontrar triunfantes de volta a esta colônia dentro de alguns anos.

—Mas, Raquel, quantos anos serão? Sessenta, setenta ou mais? É muito tempo...

—Não, meu querido, o que isso significa diante da eternidade? Se tivesse a certeza de que dentro de mil anos eu viveria ao seu lado para sempre, estaria tranquila e feliz; aguardaria com muita serenidade. Estamos investindo em nosso futuro, Afonso, e não devemos ser imediatistas, buscando resultados instantâneos, mesmo porque não temos mérito para exigir maior convívio do que já nos foi permitido. Você lutará para isso? Poderei contar com a sua esperança?

Cabisbaixo e um pouco angustiado, aquiesci.

—Raquel, tudo farei para um estar com você em definitivo. Espero sinceramente que eu tenha forças para progredir, vencer obstáculos na Crosta e estar de volta ao plano espiritual vitorioso como almejo.

Rubião, que a tudo assistia, interferiu:

—Fico feliz em vê-los serenamente aceitando o destino natural dos seres: a reencarnação. Saibam, meus amigos, que o tempo não é elemento importante nessa caminhada. Quantos anos forem necessários para que atinjam um patamar espiritualmente elevado deverão ser vivenciados sem ansiedade e revolta. O mais importante é que consigam triunfar. Não fixem prazos ou metas que não possam cumprir; convivam em paz com essa lei natural. Estaremos sempre apoiando a jornada de ambos, como muitos orientadores fizeram com a minha ao longo dos séculos que já vivi na Crosta. Vocês confiam em nosso apoio?

—Sem dúvida, amigo! Desde que aqui chegamos jamais deixamos de ouvir palavras de incentivo e, acima de tudo, nunca fomos iludidos. Tudo o que nos disseram foi sempre a mais sincera expressão de verdade e justamente por isso é que entre nós solidificaram-se os laços de amizade e amor — respondi.

—É verdade, Rubião. Sei que vocês estarão ao nosso lado e certamente poderei contar com as equipes de Alvorada Nova quando fizer minhas preces silenciosas em meu recanto solitário no plano material. Estou confiante e esperançosa — arrematou Raquel.

Abraçamo-nos a três. Sentia-me, pela primeira vez em muitos anos, verdadeiramente compensado.

Estava preparado para retornar. Sentia-me até incentivado a lutar pelo meu progresso; entretanto, admito que meu coração estava ligeiramente angustiado pelo fato de me afastar daquela a quem demorei muito tempo para rever e não gostaria de perder de vista novamente. Raquel, creio eu, tinha as mesmas sensações, embora não as confessasse a mim justamente para não me retirar a esperança.

Quando me integrei à vida cotidiana de Alvorada Nova, já não desejava retornar à Crosta, pois ali estava contido e comportava-me de maneira equilibrada, sem excessos e desatinos. Sabia que a jornada no plano material não me iria ser fácil, em especial porque eu tinha noção de quem verdadeiramente era.

O processo de reencarnação, no entanto, é sempre inevitável quando dele se necessita para a evolução interior.

Após ter colhido a informação de que iria voltar, passei a meditar sobre minha vida anterior na crosta terrestre, quando lá estive como Afonso, nome que decidi manter no plano espiritual até que pudesse realmente galgar uma efetiva mudança nas minhas atitudes.

Raquel e eu conversávamos bastante, além de diariamente comparecermos às palestras educativas no Centro de Aprendizado da Luz Divina.

O tempo fora curto desde o nosso último contato com Rubião e esse nosso amigo nos chamou outra vez para voltarmos a falar sobre o processo de retorno à carne.

—Gostaria de acompanhá-los ao Departamento de Reencarnação para fazermos um último retrospecto da anterior passagem de ambos pela Crosta, pois em breve as suas memórias estarão adormecidas e já não lembrarão a última existência que tiveram no plano físico — disse-nos Rubião.

—Será muito doloroso? — perguntei-lhe.

—Depende. Talvez seja difícil encarar e aceitar os atos que praticaram e hoje sabem ser errados; outra dor não haverá.

Ao chegarmos ao departamento encarregado da nossa transição para a nova vida terrena, fomos colocados em salas separadas. Raquel foi levada a um outro local e Rubião permaneceu comigo.

Acomodei-me em uma cadeira confortável e inclinada levemente para trás. À minha frente estava uma imensa tela que seguia pelo teto e terminava atrás de mim. Estava inserido num salão cujas paredes as telas onde seriam projetadas as cenas da minha vida encarnada. Fui informado que poderia mover a minha cadeira para qualquer direção e que seriam múltiplas e simultâneas as projeções; eu deveria então escolher em qual iria fixar a minha atenção. Poderia voltar-me para trás ou para os lados, se quisesse.

Tranquilizado pela presença de Rubião ao meu lado, pedi que o processo fosse iniciado.

Gradativamente as luzes foram apagadas e somente um ponto luminoso bem claro e azul permaneceu brilhando na tela em frente.

Concentrei-me nesse ponto e comecei a ter a estranha sensação de que estaria voltando no tempo, indo de encontro ao meu passado, embora soubesse que dali não me ausentava por um só segundo.

Subitamente, surgiu à minha frente a primeira cena da minha existência como Afonso. Era o dia da cerimônia do meu casamento com Elvira. Estava no escritório da residência de meu sogro e deliciava-me analisando uma enorme pasta contendo inúmeros relatórios e balanços comerciais. Admito que já não me lembrava disso. Fixei-me nessa cena,

enquanto outras iam surgindo gradativamente ao meu lado e atrás de mim.

Em alguns minutos notei que realmente eu estivera no gabinete de trabalho do pai de Elvira na tarde que antecedeu à noite da cerimônia. Lembrei-me que havia solicitado acesso às contas da empresa da família de minha futura esposa justamente para checar a sua potencialidade econômica no mercado. Alegara, na época, que estava para fechar um grande negócio, que não podia aguardar, necessitando, pois, saber com qual montante poderia contar após o casamento.

Fiquei envergonhado e mal consegui encarar Rubião que estava ao meu lado. Como pudera ser tão frio e calculista? — pensei. Afinal, ainda que eu tivesse casado por interesse com Elvira, jamais deveria ter demonstrado tanta leviandade ao analisar tais relatórios na véspera do matrimônio.

Recusei-me a continuar vendo-me tão materialista e desumano e voltei minha atenção para o quadro que estava em desenvolvimento do meu lado direito. Não tive melhor sorte. Tratava-se do dia em que resolvi dar a Pedro algumas orientações no campo da educação sexual e, para tanto, como fizera com Marco Aurélio, terminei confessando-lhe, com um certo orgulho, que era adúltero. A expressão de surpresa e decepção do menino congelou-se na tela da minha vida pregressa por alguns segundos. Fiquei outra vez acabrunhado. Como fui capaz de fazer a apologia do adultério na frente do meu filho caçula? Naturalmente, se Marco Aurélio posteriormente desgraçou-se na sua conduta sexual eu tive participação direta nesse processo. Era triste constatar o meu fracasso como pai; aquelas cenas eram demonstrativas disso.

Fechei os olhos por um momento e deixei escorrer uma lágrima. Senti a mão amiga de Rubião no meu ombro. Encorajado, abri os olhos e voltei-me para a esquerda da sala. Lá estava eu futilmente trajado a rigor recebendo inúmeros convidados para a inauguração de minha recém-construída casa no Jardim Paulistano, em São Paulo.

Exibia um largo sorriso orgulhoso nos lábios e um ar de imponência que decididamente era impróprio para uma pessoa como eu. Tinha uma sensação exacerbada de poder e prestígio, incompatível com a minha real situação financeira. Naquele momento em que fui obrigado a relembrar tais cenas fiquei surpreso com tanta iniquidade. Quis viver na crosta terrestre uma vida que não era para mim, cheia de indevidas pompa e suntuosidade. Obriguei meus familiares a adotar os meus deturpados valores e todos eram forçados a sorrir o tempo todo, desfilando pelos estreitos corredores da casa para alimentar o meu ego.

De fato eu tive algum dinheiro na minha vida empresarial, mas não o suficiente para pretender viver num padrão superior à realidade. Além disso, ainda que tivesse condições financeiras de suportar tais gastos e festas, percebia àquela altura a inutilidade de tudo aquilo. Os convidados chegavam, consumiam e iam embora sem que isso houvesse acrescentado qualquer coisa nobre em minha existência e na de minha

família. Por que só estava compreendendo isso tantos anos depois? — indaguei-me, sem conseguir uma resposta.

Atrás de mim, quase como um contraste para a cena anterior, quadros sucediam-se exibindo o dia em que fui visitado por integrantes da diretoria de um orfanato, solicitando-me uma doação para a obra. Quando dei-lhes certa quantia, após muita insistência, notei a presença de uma criatura desencarnada estranhamente postada atrás de mim. Enquanto me orgulhava de minha enorme benevolência, aquele ser inferior sugava-me as forças. Ele sentia o mesmo prazer que eu. Estávamos ligados por estranhos laços e nem ao mesmo vivíamos no mesmo plano da vida. Olhei com uma expressão de curiosidade para Rubião e ele entendeu a minha ansiedade.

—Sim, Afonso, apesar de você estar praticando, no seu ponto de vista, um ato caritativo, o modo pelo qual o fez atraiu a curiosidade desse ser inferior que vagava pelo local. A sua atitude, vangloriando-se da doação, proporcionou tal ligação. O orgulho e a soberba podem estar presentes até mesmo em atos aparentemente cristãos, mas que escondem outras intenções bem diversas da real prática da caridade.

—Mas a doação foi feita assim mesmo... Não foi um ato positivo?

—Não no seu caso. Você somente doou para autopromover-se junto aos seus familiares, amigos e funcionários. Não houve mérito nisso. Seu coração permaneceu endurecido e fechado e não se deixou envolver pela motivação apresentada pelo grupo da obra assistencial. Note que eles tentaram explicar exaustivamente a razão pela qual estavam demandando a doação, mas você não os ouviu. Concordou em dar a quantia quando percebeu os lucros “morais” que daí poderia auferir.

—É verdade! Naquela momento eu só pensavam em resgatar a minha imagem juntos aos que me cercavam. Era acusado de ser esnobe e materialista e quis calar os meus opositores mostrando-lhes, efetivamente, que eu seria capaz de praticar a caridade... Uma verdadeira falácia!

Continuaram as cenas. Defrontei-me então com alguns momentos da minha infância. Nessa oportunidade, vislumbrei o dia em que conversei com o padre de minha cidade, indagando-lhe se era pecado ser rico. Desde cedo já cultivava exagerado apego aos valores materiais e nunca fora coibido por ninguém. Nem o sacerdote, nem tampouco meus pais ensinaram-me a respeitar e seguir os valores cristãos. Aliás, percebi que não dera oportunidade a isso, pois qualquer conselho contrário aos meus interesses egoísticos e materialistas eram prontamente rechaçados por mim.

Por outro lado, desde pequeno odiei o fato de ter nascido em berço desprovido de recursos materiais e culpei o meu genitor por essa fatalidade.

Um grande salto operou-se em seguida e vislumbrei a cena do meu velório. Foi patético perceber que eu estava mais preocupado em saber o que as pessoas diziam ao meu respeito e como estavam vestidas — se elegantes ou não — do que propriamente dar valor ao meu real

estado. Notei que minha vida no plano físico fora integralmente fútil e disse isso a Rubião.

—Jamais pense assim, meu amigo — respondeu-me com segurança. Errar faz parte da natureza humana e compõe um dos quadros na trilha da evolução. O importante é identificar os seus desvios para o fim de não tornar a incidir nas mesmas situações. Continue observando...

Seguiu-se o quadro relativo ao aprisionamento junto ao meu corpo material por ocasião do sepultamento. O horror por mim vivenciado foi tão grande que me despertara a razão, trazendo-me a realidade. Por que somente a dor intensa nos faz ter consciência dos erros? — refleti. Havia demorado anos até perceber que estava desencarnado e tudo isso porque me negava a abandonar a vida material, tamanho fora o meu apego pelos bens que amealhei ao longo de décadas. Seria tão mais fácil se tivesse admitido a minha morte desde logo... — concluí. Novamente, voltei-me a Rubião.

—Será que irei vivenciar novamente essa situação? Como farei para ter consciência da minha real condição quando desencarnar?

—Nada lhe pode ser garantido. Tudo dependerá exclusivamente de você. Se voltar ao cultivo do materialismo e tornar a incidir nos mesmo erros poderá não aceitar a morte. Ricos e pobres, enfermos e saudáveis, enfim, vários encarnados de todos os lugares do mundo material recusam-se diariamente a acreditar no desencarne. Não é ato exclusivo daqueles que são economicamente privilegiados na Crosta a negativa em reconhecer o desenlace. O problema está no apego à matéria e aos valores a ela pertinentes, o que pode ocorrer com integrante de qualquer classe social.

Quadro a quadro da existência anterior retornou à minha frente, expondo-me as chagas espirituais que deveria curar. Aceitei-as uma a uma e assumi o compromisso de mudar o meu comportamento. Tinha a noção, entretanto, de que aquela promessa que estava fazendo a mim mesmo teria outra conotação quando voltasse ao plano físico. Ainda assim, resolvi conceder-me uma outra oportunidade.

Passei muito tempo na frente daquelas telas, emocionando-me, sofrendo e lacrimejando quando insuportável tornava-se a dor da constatação de minha inferioridade moral. Amparado por Rubião, ao final desses trabalhos as luzes foram acesas para um intervalo. Voltaria a rever algumas cenas, embora de outras vidas anteriores a essa última.

Quando me senti recuperado, pedi que o processo recomeçasse.

Voltei ainda mais no tempo. Tomei conhecimento de algumas passagens fundamentais de vidas passadas e confirmei que não vivi somente no Brasil e meu universo não se limitava a São Paulo. Já tinha conhecimento disso em palestras e quando visitei Florença, mas na prática a descoberta tornou-se bem mais contundente.

Havia passado, em especial, pela Itália, França, Estados Unidos, África (quando ainda não era dividida em Estados), México e Alemanha. Na América do Norte de 1800 vivenciei a mais positiva de minhas jornadas porque pude estar ao lado de Raquel a maior parte do tempo. A

partir dali, somente tornei a reencontrá-la em uma cidade do interior paulista, no estágio que antecedeu ao meu retorno como Afonso. Essa vez brigamos e terminamos o contato físico separados.

Voltei a vê-la em Alvorada Nova. É óbvio que sempre a amei profundamente. Convivemos várias vezes na crosta terrestre e cada uma dessas oportunidades foi a prova desse intenso sentimento que nos unia. Rubião informou-me que de tempos em tempos o Plano Superior proporciona reencontros entre Espíritos afins no plano material como uma forma de incentivo à continuidade da extensa jornada que têm pela frente. Mas não era a regra.

O estágio que mais me incomodou pelo número de erros que pratiquei ocorreu na Alemanha do Século XVII, quando reencarnei na Baviera. Jamais poderia imaginar que alguém pudesse ser pior do que fora Afonso na última jornada. Ao mesmo tempo em que fiquei chocado senti-me aliviado em saber que consegui evoluir desde aquela época até voltar a São Paulo do Século XX.

Esse retorno no tempo deu-me força redobrada para prosseguir, pois vi e senti que a mudança é possível e palpável. Portanto, renovei a promessa de retornar à carne lutando pelo meu aprimoramento espiritual.

Finalizei a sessão bastante cansado, embora satisfeito e esperançoso.

Reencontrei Raquel somente no dia seguinte e fui informado de que ela partiria antes de mim. Seu retorno estava programado para dentro de alguns dias.

Esses poucos dias nos pareceram anos ou talvez séculos, tamanhas eram a ansiedade e a emotividade que nos envolviam ante a iminente separação. Passamos a frequentar mais assiduamente o Recanto da Paz.

—Raquel, eu não saberia dizer o que sinto neste instante. Você está prestes a partir e eu não consigo nem mesmo encontrar um assunto para conversarmos.

—Meu querido, em fases como essas, que antecedem a despedidas, para que falarmos sobre sentimentos? Deixemos fluir as nossas emoções e sintamos o que as palavras jamais conseguirão transmitir. Afastemos a nossa apreensão e imaginemos que para conquistarmos a nossa união definitiva estamos investindo em nós mesmos; assim fazendo, Afonso, nada nos conseguirá deter. Você confia nisso?

—Sim, Raquel, você sabe que eu jamais perderia a esperança. Na Crosta iremos cruzar a passagem para o terceiro milênio, estaremos separados fisicamente mas eu a terei no meu coração sempre e sempre.

—Não diga mais nada. Aproveitemos o presente neste maravilhoso Recanto.

Um facho azul cintilante emanado da Morada da Estrela envolvia-nos e dava-nos a impressão de que caminhávamos sobre nuvens, enquanto as flores nos eram estrelas. As melhores vibrações

impregnavam o ambiente fornecendo amparo à ternura que nos cercava.

Ambos sentíamos tudo com profundidade e passeávamos pelos caminhos que cortavam os canteiros de flores, pensativos e esperançosos diant4e da oportunidade de retorno que estávamos prestes a concretizar.

Estávamos preparados, havíamos concluído satisfatoriamente o estágio na colônia e novas esperanças ardiam em nossos corações.

Aquele era o dia marcado para o nosso desligamento. Raquel iria primeiro e eu na semana seguinte.

Por razões óbvias, prefiro encerrar a minha narrativa tendo por cenário a partida de minha amada, pois a separação foi um marco para nossa existência e a partir desse dia iniciamos a nossa viagem de retorno à materialidade sem data para o reencontro.

Ao findar essas linhas que representam parte de minhas memórias também estaria seguindo de volta e quem sabe o que seria de mim na Crosta? Porém, autopropulsionado pelo vigor de minha expectativa de mudança e pelo sentimento que me unia a Raquel, estava preparado para o grande momento.

Às vezes imaginava como os seres são tão parecidos. Creio que muitos viveram instantes de suas jornadas que guardam semelhança com esses que narrei a meu respeito. Se somos tão idênticos em tantos aspectos por que minha experiência pessoal não pode auxiliar a outrem que ainda está por viver aquilo que já experimentei? Por que não utilizarmos o exemplo de outros, positivos ou negativos, para o nosso próprio aprimoramento? Queira Deus que isso seja possível, pois é o que mais almejo para mim e para todos aqueles com consciência cristã.

Raquel estava belíssima no último dia. Sua túnica branca e o semblante angelical encantaram-me os olhos. Ela buscou sorrir o tempo todo e segurou-me uma das mãos até o instante em que foi chamada por Rubião para ingressar na câmara de adormecimento. Iria despertar, posteriormente, já ligada a um novo corpo material que estava em vias de ser concebido no plano material.

A cena mais expressiva de todas as lembranças que posso ter foi a nossa despedida. Suavemente ela seguiu para a sala onde iria adormecer. Nada disse, apenas me afagou com seu olhar. Antes de perdermos o contato eu ainda insisti:

—Lembre-se, minha querida, que eu seja o primeiro amor de sua vida e o último a ser esquecido... Eternamente a terei em meu coração. Até breve!

Ela simplesmente sorriu. Não mais nos vimos.

Decidi escrever minhas memórias na última semana que passei em Alvorada Nova, aguardando o momento do meu retorno à Crosta. Entreguei estas linhas a Rubião pouco antes de ingressar na câmara de adormecimento do Departamento de Reencarnação.

Despedi-me também com um *até breve*...

Afonso